

MARIA FRANCILITA FROTA LOUREIRO

**O *SENTIDO* DO COMPORTAMENTO MATERNO
DIANTE DA MORTE DO FILHO**

TESE
155.924
L892.5
1996

Dissertação apresentada ao corpo docente do Curso de Mestrado em Enfermagem da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Enfermagem.

Fortaleza
Novembro de 1996

FC-00002654-4

c 332250

c 339830

UFC	BIBLIOTECA CENTRAL
Nº. 567086/97	
02 : 05 197	

567086/97
02/05/97

1. [illegible]
A. [illegible]



DEFESA DE DISSERTAÇÃO

LOUREIRO, Maria Francilita Frota. *O sentido do comportamento materno diante da morte do filho*. Fortaleza: UFC, Departamento de Enfermagem da UFC, 1996, 139 f. mimeo. Dissertação de Mestrado em Enfermagem.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª Dr^ª Maria de Nazaré de Oliveirá Fraga
Presidente

Prof^ª Dr^ª Ivis Emília de Oliveira Souza
1^ª Examinadora

Prof. Dr. Rui Verlaine Oliveira Moreira
2^º Examinador

Prof^ª Dr^ª Marta Maria Coelho Damasceno
Suplente

Esta dissertação contou com o suporte financeiro da Fundação Cearense de Amparo à Pesquisa (FUNCAP).

ORIENTADORA

Prof^ª Dr^ª

Maria de Nazaré de Oliveira Fraga

CO-ORIENTADOR

Prof. Dr.

Rui Verlaine Oliveira Moreira

DEDICATÓRIA

À minha mãe **Carmelita** e à tia **Carmem**,
pelo materno carinho e cuidadoso manifestados na minha
trajetória de vida.

À minha avó **Mariana** (in memoriam),
que ao vivenciar um luto crônico pela morte de seu filho, aguçou minha inquietação
pela temática.

Ao **Loureiro**,
companheiro constante que me possibilitou a experiência do amor,
carinho e compreensão compartilhados ao longo dos anos.

À **Yrla, Ythalo e Flávia**,
filhos que como presenças superaram minhas ausências.

Às mães, em particular as **entrevistadas**, para as quais dirijo este
estudo.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela força e coragem de seguir em frente.

À Maria de Nazaré de Oliveira Fraga, orientadora que acreditando nas minhas possibilidades acolheu-me de maneira corajosa e sincera.

Ao Rui Verlaine Oliveira Moreira e Telma Aparecida Donzelli, pelo dispor incondicional em ajudar e pela consideração aos principiantes do pensar fenomenológico.

À Marta Maria Coelho Damasceno, amiga cuja presença constante sempre me apoiou nos momentos mais difíceis; pelo incentivo e pelos conhecimentos compartilhados e colaboração desmedida na construção deste estudo.

À Ivis Emília de Oliveira Souza, pela disponibilidade em ajudar e valiosa contribuição.

À Raimunda da Silva Becker, pela presteza com que me atendeu.

À Ana Fátima Carvalho Fernandes, Zuila Maria de Figueiredo Carvalho, Maira di Ciero Miranda e Jaqueline Borges Cavalcante, pela compreensão e colaboração que permitiram minhas ausências.

À Fátima Maria de Aragão Arraes e Maria Dalva dos Santos Alves, amigas com as quais compartilhei a experiência discente, pelo apoio, incentivo e espírito de grupo manifestados ao longo do curso.

Ao José Rocha Loureiro e Yrla Frota Loureiro, pela paciência, dedicação e ajuda no processo de digitação.

Ao Rev. Pe. Brendan Coleman McDonald, pela colaboração prestada neste estudo.

À Vânia Pinheiro de Sousa, pela orientação bibliográfica.

A todos que de alguma forma contribuíram para a construção deste estudo e cujos nomes eu não destaquei.

“O questionar sobre a morte manifesta-se, pois, como um imperativo do homem desperto, e ronda necessariamente - apodicticamente - todo e qualquer pensar da origem, do destino, da razão de ser e de estar (aqui) do homem.”

António Vieira

“Da morte e do morrer”

SUMÁRIO

	Pág
RESUMO.....	xi
ABSTRACT.....	xii
APRESENTAÇÃO.....	1
I - A COMPOSIÇÃO DO ESTUDO.....	3
◆ ESTABELECENDO A POSIÇÃO PRÉVIA.....	3
◆ BUSCANDO A TEMÁTICA.....	7
◆ DEMONSTRANDO O CARÁTER FENOMENOLÓGICO.....	15
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	18
II - A TRAJETÓRIA DO ESTUDO	23
◆ A ABORDAGEM METODOLÓGICA	23
◆ A BUSCA DA ABORDAGEM	25
◆ O ENCONTRO COM AS MÃES	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	29
III - O REFERENCIAL	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42

IV - A ANÁLISE COMPREENSIVA	44
♦ A DIMENSÃO ÔNTICA DOS DISCURSOS MATERNOS.....	44
♦ A DIMENSÃO ONTOLÓGICA DO SER-MÃE	58
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	74
CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTUDO	75
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	81
BIBLIOGRAFIA	82
ANEXO (APRESENTAÇÃO DOS DISCURSOS MATERNOS)	88

RESUMO

Trata-se de um estudo fenomenológico tendo como objeto o comportamento das mães ao vivenciarem a experiência da morte dos filhos. As experiências compartilhadas ao longo da minha vida pessoal e profissional com mães cujos filhos morreram impulsionaram-me a buscar as razões dos comportamentos por elas manifestados diante de tal acontecimento. Assim, este estudo teve como objetivo compreender, à luz da hermenêutica heideggeriana, o comportamento materno diante da morte do filho, considerando a fala originária daquela que vivenciou esta experiência. A partir dos significados atribuídos à morte dos filhos, pude desvelar o modo de ser das mães entrevistadas. A fenomenologia ontológica hermenêutica de Martin Heidegger explicitada em *Ser e tempo* foi o fio condutor da análise e da interpretação compreensiva. Ontologicamente o ser-mãe emergiu como pre-sença que na cotidianidade presa ao falatório e ao filho como entidade foge do ser-para-a-morte deste. Vai ao encontro de si mesma e, na decisão antecipadora, angustia-se diante da morte do filho. Porém no seu acontecer é arrastada de volta à cotidianidade. Alienada de si própria, foge da angústia, e atribuindo à morte um falso significado, teme pelo futuro dos outros filhos. A pesquisa permitiu ainda tecer considerações sobre a postura dos profissionais de saúde diante da morte e do morrer, refletindo acerca da lacuna existente na sua formação acadêmica no que concerne a essa temática e, sobre a fenomenologia como método que pode ser aplicado ao ensino, à assistência e à pesquisa em enfermagem, uma vez que possibilita compreender o humano em sua singularidade.

ABSTRACT

This work is a phenomenological study with the objective of analysing the behavior of mothers who have lived through the experience of the death of a son or daughter. Experiences shared with me during my personal and professional life by mothers who had lots of offspring, obliged me to research their behavioral reactions to such events. Therefore, this study has as its objective, the understanding, in the light of Heidegger's hermeneutics, the behavior of mothers in relation to the death of an offspring, considering the verbal accounts of those who have had such an experience. From the significance attributed to the death of their sons or daughters, we have been able to uncover the manner of being of the mothers who were interviewed. The ontological phenomenological hermeneutic of Martin Heidegger as presented in *Being and Time* was the guiding element in this analysis as well as being the basis for its comprehensive interpretation. Ontologically the being-mother emerges as a presence who shows a daily obsession for continuously talking saying what everybody already knows, as well as being tied to the memory of her son or daughter as an entity which releases itself from the being to death of this son or daughter. In her inner self, by an anticipatory decision, she feels the anguish of the death of her offspring. However, in the act of its happening she is brought back to daily reality. Alienated from herself, she feels the hurt and gives the death a false significance and worries about the future of her other offspring. The research also enables us to offer some considerations in relation to the posture of health professionals when placed before the events of death or dying, and shows the existing *lacunae* in their academic formation regarding these subjects. Regarding phenomenology as a method that may be applied to teaching, nursing and research in these fields, it showed its possibility to understanding the human person in its singularity.

APRESENTAÇÃO

Neste estudo trato de um tema delicado e perturbador: a **morte**. Ela, por si só, motiva espanto, fuga e medo em nossa sociedade. Hoje sua palavra é interdita, seu acontecimento é revestido de tabu e sombreado de dor e mistério, o que a mantém oculta e repudiada ao convívio social. Mas, nada disso é suficiente para afastar a certeza da sua chegada para cada um de nós, quer estejamos conscientes ou não.

Inquieta diante desta tradição cultural e tocada por experiências vivenciadas na vida pessoal e profissional, investigo o *sentido* do comportamento da mãe enlutada pela morte do filho, tendo como respaldo a abordagem qualitativa fenomenológica.

Buscar a direção do comportamento materno na concreção de sua facticidade levou-me a estruturar este estudo em 4 capítulos, os quais passo a descrever:

CAPÍTULO I - A COMPOSIÇÃO DO ESTUDO - relato meu interesse pela temática; destaco o objeto da pesquisa; a dimensão factual desta; justifico a escolha da abordagem fenomenológica; e exponho o objetivo e a questão norteadora do estudo.

CAPÍTULO II - A TRAJETÓRIA DO ESTUDO - aponto o instrumento utilizado para coletar os dados; o meu encontro e aproximação com a fenomenologia, o filósofo e as mães entrevistadas; o processo utilizado para a análise dos discursos maternos.

CAPÍTULO III - O REFERENCIAL - relato as bases filosóficas que apóiam a análise interpretativa do estudo.

CAPÍTULO IV - A ANÁLISE COMPREENSIVA - apresento a instância factual dos discursos maternos, composta pelos significados, e a trajetória na busca do avesso do comportamento materno, tendo como base a ontologia hermenêutica heideggeriana dos modos de ser do humano, explicitados por Heidegger em *Ser e tempo*.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTUDO - traço considerações quanto à postura dos profissionais da saúde diante da morte e do morrer; a lacuna existente na sua formação acadêmica no que diz respeito à temática; a fenomenologia como método que pode ser aplicado ao ensino, à assistência e à pesquisa, por valorizar a ex-sistência do outro.

CAPÍTULO I

A COMPOSIÇÃO DO ESTUDO

◆ ESTABELECENDO A POSIÇÃO PRÉVIA

Refletir sobre a morte vem de experiências vivenciadas com a minha família e com amigos e na prática da enfermagem.

Meu primeiro contato com a morte deu-se quando eu tinha mais ou menos 6 anos de idade, por ocasião do falecimento da minha avó materna. Na época, não me foi permitido participar do velório nem do sepultamento. Nada me foi explicado; ninguém falou sobre o assunto. Só me ficou a lembrança de muito luto e consternação, criando em mim certa inquietação diante da morte.

Desde a adolescência, ouvia sempre o lamento da minha mãe sobre a perda dos dois filhos, nascidos de um parto gemelar, que morreram quinze dias após o nascimento. Ela extravasava sua dor, dizendo: “Não existe dor maior que a de uma mãe quando morre um filho, é muito triste a morte de um filho”. Esse lamento, por ela externado, me sensibilizava no tocante à reação de uma mãe diante da morte do filho.

Quando estudante de enfermagem, presenciei a reação desesperada de uma mãe, que aos prantos abraçava o corpo do filho e aos gritos pedia que ele falasse com ela. Fiquei paralisada diante da cena, que me tocou profundamente, aguçando minha inquietação.

Nessa mesma época, aconteceu a morte do meu tio mais novo. Acompanhei de perto o sofrimento da minha avó, que chorou o ocorrido por vários anos. Ela ia com freqüência ao cemitério, rezava constantemente e todo mês encomendava

missa em intenção da alma do meu tio. Sempre que falava nele, dizia: “Nunca esqueço do meu filho, para mim é como se ele estivesse sempre comigo”. Fechou-se num luto crônico até sua morte.

Este tipo de atitude continuava a me inquietar, sendo esta uma situação diferente das anteriores. Nela, meu envolvimento emocional foi mais profundo, porque eu compartilhava com meus familiares o sofrimento pela morte de um ente querido. Aliado ao estado emocional, como profissional, me sentia impotente em lidar com a questão da finitude do outro, o que me fez refletir sobre a lacuna existente na minha formação profissional.

Já casada e com uma filha, iniciei minhas atividades profissionais como supervisora em um hospital de pediatria. As crianças, em sua grande maioria, já chegavam ao hospital com um quadro patológico irreversível, e faleciam pouco tempo após serem internadas.

Neste contexto, experienciar a terminalidade destes pacientes, por vezes, me levou a sentimentos dolorosos que impediam minha aproximação. As mães, ao serem notificadas da morte dos filhos, reagiam de formas diversas. Algumas ficavam chocadas, quietas, paradas, reservadas em um local da enfermaria, alheias à situação. Outras choravam desesperadamente, revelando sentimentos de ódio e revolta contra os profissionais da equipe de saúde.

Tais reações eu não conseguia aceitar como parte de uma rotina hospitalar. Sentia-me impotente, não sabia o que fazer ou dizer. A emoção sempre aflorava, pois eu me colocava no lugar daquelas mães, vendo em cada uma daquelas crianças minha própria filha. Minhas inquietações foram se avolumando, a mostrar que algo precisava ser feito, só que eu ainda não sabia o quê.

Concomitantemente à experiência profissional, assisti de perto o sofrimento e a tristeza da avó do meu marido quando da morte da sua filha. Durante o velório, ao

ser confortada por uma amiga, respondeu, inconformada: “Minha filha, só sabe a dor de perder um filho quem passa por ela, e pelo que eu saiba, você ainda não perdeu nenhum. Então, não sabe avaliar a dor que eu estou sentindo ... Parece que um pedaço de mim se foi”.

O sentimento de dor da mãe diante da morte do filho, mais uma vez, se fazia presente em minha vida. Enfrentá-lo para mim continuava sendo extremamente difícil. Na maioria das vezes, eu permanecia calada e tomada pela emoção. Chamou-me a atenção, no último caso, o fato de ser uma senhora de mais de oitenta anos de idade que chorava inconformada a morte da filha, esta com mais de sessenta anos. Refletindo sobre este acontecimento e diante das experiências vividas, compreendi que a dor pela morte de um filho não se altera, nem com a idade, nem com o tipo de morte, nem com o sexo.

Ao iniciar minha trajetória docente no Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Ceará, lecionava disciplinas introdutórias na área hospitalar. Neste contexto, a questão da terminalidade ressurgiu em maior dimensão. Acompanhar, orientar e supervisionar as atividades de prática dos alunos de graduação realizadas na clínica médica do hospital universitário tornou-se para mim um grande desafio, ante minha inquietação relativa à morte e ao morrer.

Foram muitas as situações de morte enfrentadas por mim e pelo grupo de alunos. Pude, então, observar que eles sentiam insegurança, angústia e medo ao se aproximarem de um paciente em fase terminal. Isso se fazia ver pelas reações que apresentavam diante de tais situações. Alguns nem se aproximavam desses pacientes, tomando para si outras tarefas. Os mais destemidos enfrentavam a situação, mas quando morria um paciente que estava sob sua responsabilidade, a carga emocional era muito forte, eles ficavam sem condições de cumprir as outras tarefas do dia.

Esse tipo de comportamento ressurgia com mais vigor quando os alunos presenciavam as reações de uma mãe diante da morte do filho. Era uma cena chocante, deixando-os estarecidos e perplexos pela demonstração de tanto sofrimento. Presenciando aqueles momentos, me veio à memória minha reação quando estudante. Hoje, controlo melhor as lágrimas, já não fico paralisada, mas continuo sentindo-me profundamente tocada com estas cenas, que fazem pulsar mais forte minha inquietação e dizem mais alto da limitação do humano em lidar com a morte.

Portanto, foi diante das reações maternas pela morte dos filhos que passei a indagar: O que leva as mães a manifestarem tais comportamentos? Como elas vivenciam um cotidiano permeado de dor, saudade, luto e pesar pela morte dos filhos? O que faz a diferença do luto materno? Que razões levam as mães a dizerem que o sentimento pela morte do filho é absurdo e impossível de ser classificado? Como compartilhar desse mundo de dor para poder ajudar mais efetivamente essas mães em um momento tão marcante de suas vidas?

Refletindo sobre as situações por mim vivenciadas, buscando respostas para minhas indagações e tendo como solo as inquietações aqui relatadas, percebi que o comportamento da mãe diante da morte do filho mostrou-se como algo que necessitava ser compreendido, constituindo o **objeto** do presente estudo. Para buscar o que funda este comportamento, optei pela **fenomenologia**, já que é um dos modos de abordagem das ciências humanas que valoriza o mundo da vivência.

◆ BUSCANDO A TEMÁTICA

A morte na sociedade ocidental tem sido encarada de várias maneiras. A trajetória histórica de suas alterações, assim como o comportamento do homem diante dela, vem sendo pesquisada nas últimas décadas por estudiosos como: Ariès (3); Stedeford (32); D'Assumpção (13); Kovács (22); Santos (29); Consorte (10); Marcílio (24); Debray (14).

Embora refletida pela ótica das ciências humanas e sociais, a morte continua escamoteada, repudiada, silenciada e expurgada do convívio social, o que confirmam as pesquisas de: Martins (25: p. 9); Kübler-Ross (23: p. 17); Ziegler (35: p. 16).

Estudos como os de Torres (33: p. 9); Ziegler (35: p. 142) e Santos (29: p. 23), dentre outros, mostram que os mortos são tidos como marginais numa sociedade industrial capitalista, onde a sofisticação tecnológica, a excelência da produção, a alta competitividade e o consumo contribuem para a transformação das relações nas instituições hospitalares. Desta forma, afasta do moribundo os profissionais, enfatizando a negação e a interdição da morte.

É neste contexto que se insere a prática médica, voltada para preservar a vida, na qual a morte representa uma afronta à capacidade profissional. Consorte (10: p. 41) em “A morte na prática médica”, confirma essa realidade, citando a fala de dois médicos, que dizem:

Eu entendo mais da vida do que da morte. Meu negócio é manter a vida, não fazer propaganda da morte ...

Os médicos nunca conversam sobre esse assunto ... Os médicos nunca discutem esse assunto da morte não.

Assim, os médicos são condicionados a manter uma luta incessante contra a morte. Apoiados pela sofisticada tecnologia de ponta, descartam o fenômeno como um acontecimento natural e certo da condição humana. Neste sentido, dentro das instituições hospitalares, ela é vista como fracasso e/ou impotência profissional; ao ser que a comporta, é dado um tratamento impessoal e desumano, e sua ocorrência é rotulada, na maioria das vezes, como mais um caso de insucesso.

Na sociedade contemporânea, o diálogo sobre a morte continua interdito. Com o surgimento da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS/SIDA) e o questionamento gerado em torno do prolongamento da vida de pacientes terminais, a temática está em voga nos meios de comunicação. Discutir sobre a morte leva o indivíduo a questionar a própria finitude, e a questão da terminalidade é sombreada de mistério e concebida como sinônimo de sofrimento. É o medo do desconhecido.

A discussão sobre a morte vem despertando o interesse de estudiosos das mais variadas profissões; dentre estes, encontram-se os enfermeiros.

A literatura consultada aponta um crescente interesse na enfermagem pelos estudos que envolvem a temática da morte. Tal afirmativa tem como base as pesquisas de Costa (11); Paduan (26); Ferraz (15); Boemer (5 e 6); Ghezzi (18); Gomes (19); Pinheiro (28); Caccavo (9); Almeida (1); Spíndola e Macedo (30).

Alguns enfermeiros, buscando compreender o fenômeno entre pacientes terminais, desenvolveram pesquisas como as de Boemer (5) e de Ghezzi (18).

A preocupação com a educação para a morte soma-se ao despreparo do profissional de enfermagem em lidar com o fenômeno, visto que os currículos das escolas abordam o assunto de maneira superficial, deixando uma lacuna na formação destes profissionais. Tal preocupação remete estes pesquisadores a um compromisso com a dimensão pedagógica do tema, visando contribuir na

construção de um corpo de conhecimentos sobre a morte, com o objetivo de reduzir a falha curricular, permitindo uma assistência mais humana (6, 18 e 26).

Almeida (1: p. 70) e Spíndola e Macedo (30: p. 112-3) orientam seus estudos na busca da compreensão do sentimento dos enfermeiros diante do cuidar de pacientes em fase terminal. Entre os pesquisados, perceberam sofrimento, angústia, medo, tristeza, impotência e frustração. Sentimentos que, segundo as autoras, dificultam o lidar com situações de morte e morrer. E nem poderia ser diferente. Pois convivendo em uma sociedade racional, onde a morte é vista como fim, medo e dor, e não dispo de um preparo acadêmico adequado, como manifestar outros comportamentos, a não ser os herdados da tradição sócio-cultural?

Alguns trabalhos enfocaram o sentimento dos pais ante a condição de morte iminente dos filhos doentes, como os de Pinheiro (28: p.77-8) e Gomes (19: p. 103). Estas autoras, na busca do que significava para os pais ter um filho com doença grave, penetraram no mundo singular destes. Outros, refletiram sobre o ritual da morte no hospital, com seus mitos, assim como as interações estabelecidas entre a equipe de enfermagem, clientela e médicos, durante o preparo do corpo (9).

Vale ressaltar, ainda, a colaboração de diversos profissionais para inserir a temática da morte no convívio acadêmico da área da saúde (22, 25 e 33).

Reconheço a importância de todos os trabalhos até aqui desenvolvidos e louvo a iniciativa, coragem e persistência de seus autores para introduzir um novo pensar a morte tanto para a enfermagem como para os demais profissionais da equipe de saúde.

Contudo, nos estudos revisados, ficou claro que até o momento não existe nenhum deles que aponte como tema central a preocupação em compreender o comportamento da mãe ao vivenciar a experiência da morte do filho, em uma abordagem compreensiva. Assim, diante das minhas inquietações, percebi que se

fazia necessário um estudo que desvelasse o *sentido do comportamento materno diante da morte do filho*.

Convém destacar que em um país onde a violência é uma realidade cada vez mais presente, acrescida de elevada taxa de mortalidade infantil, crescente número de aidéticos, do uso indiscriminado de drogas, além das catástrofes que ultimamente vêm ceifando inúmeras vidas humanas (por exemplo, explosão do Osasco Plaza Shopping, em São Paulo), compreender o comportamento materno diante da morte do filho é por demais oportuno e necessário.

E mais, levando em consideração que o assistir não finda com a morte do paciente, cabendo ao enfermeiro estender esta assistência ao que fica vivenciando um luto e um pesar dolorosos, optei por incluir na temática em discussão uma reflexão acerca do luto e do pesar. Sei contudo que, ao abordá-los, trago, não o novo, mas, o de há muito esquecido, que procuramos escamotear e quase sempre interditar, pois nos faz lembrar a condição de simples mortais que somos.

O luto é um processo necessário e penoso, tido como um sentimento de pesar e dor diante da morte de quem muito se ama. Dele o enlutado não pode fugir sem colocar em risco sua recuperação e cura, o que, no entender de Stearns (31: p.76), é transpor as dolorosas lembranças, sentimentos e conflitos, trabalhando a dor.

No texto "Luto e melancolia" Freud (16: p.275) diz ser o luto uma reação à perda de um ente querido, levando o enlutado a um profundo afastamento daquilo que é normal no seu cotidiano, não configurando um quadro patológico, já que deve ser superado num curto espaço de tempo.

O pesar é um sentimento demonstrado por aquele que passa por profundo sofrimento. Insônia, ansiedade, medo, raiva intensa, impulsos suicidas, perda de interesse pelas atividades diárias, preocupação consigo mesmo e sentimentos de

tristeza e culpa são vivenciados durante o pesar como parte do processo de aceitação da dor (31: p.16-7).

Pincus (27: p. 44) concorda com essa afirmativa, ao dizer que: “A perda de uma pessoa amada reativa nas pessoas os pesadelos mais dolorosos, os medos e o terror de ser deixado só, de ter perdido o amor”.

Perda é uma palavra oriunda do latim e tem como significado “ser privado de”, “cessar de” (12: p.595). Na sociedade ocidental, a dor da perda é profundamente mal compreendida. A pessoa enlutada deve assumir discretamente seus sentimentos, não causar embaraço aos outros, agindo como uma verdadeira heroína, ficando os comportamentos de vazão do pesar desencorajados e desaprovados (31: p. 21).

Soterrar dentro de si os sentimentos de pesar é como se você carregasse no seu interior uma bomba ativada. Sentimentos de pesar negados virão à tona disfarçadamente, causando problemas crônicos, sem motivo aparente, como os exemplificados por Stearns (31: p.83): “Mau humor, irritabilidade, inquietação, nervosismo, abuso do álcool ou outras drogas, conflitos nas relações com os outros, indisposições físicas, tendência a acidentes, gastos imprudentes ou uma insatisfação geral e desencanto com a vida”.

Incentivar o enlutado a expressar livremente seus sentimentos, emoções e conflitos, diante da morte de um ente querido, é necessário e saudável para preservar sua saúde mental. Porém é preciso saber respeitar a vontade dele, o momento oportuno e a melhor maneira para incentivá-lo. Por isso, é um trabalho árduo e penoso, com o qual as pessoas evitam uma aproximação mais estreita, fugindo de um sofrimento devastador e aniquilante, que perpetua o isolamento do enlutado.

Sendo assim, a morte moderna espelha uma sociedade racionalizada, na qual a exibição aberta da dor cedeu lugar a uma saudade quase clandestina.

Enfrentar a perda de um ente querido conduz o enlutado a um estado de desolação. Nada o consola nem preenche o vazio deixado pelo morto, que leva consigo para o jazigo suas esperanças, seus desejos e prazeres. A vida torna-se pobre e desinteressante. De acordo com a análise freudiana, assim se comporta o homem diante da morte de quem ele ama (17: p.328-9).

Pincus (27: p. 30), ao tecer considerações sobre o assunto, ressalta a existência de vários fatores que atuam nas respostas à perda, tais como: o tipo de morte, a oportunidade, o conhecimento prévio e a preparação para a morte, destacando as relações e interações como possível fator-chave entre o que fica e o que morre.

Com isto, está de acordo Brice (8: p. 1), que em “Paradoxes of maternal mourning” diz ser o luto um fenômeno que envolve muito mais a luta da pessoa que sofreu a perda com uma série de paradoxos, mais ou menos insolúveis, do que um fenômeno de progressão através de fases que possuem sinais de início e fim relativamente distintos e previsíveis.

A perda de alguém próximo e querido é um doloroso golpe para o espírito humano, assim como ser esmagado pelo pesar, e morrer por causa de um grande sofrimento, é de cunho popular. Sabe-se, ainda, que somente um ou alguns seres humanos são capazes de despertar em nós sentimentos de amor e pesar. E dentre estes, Bowlby (5: p. 63-4) destaca a relação mãe-filho, como uma vinculação afetiva intensa preservada do berço à sepultura.

Mas, a literatura mostra que essa mentalidade nem sempre predominou. Segundo Badinter (4: p. 85-88) houve uma época (século XVIII) em que a maternidade não era moda, sendo o amor materno desprovido de valor moral e

social, ficando a essência e qualidade das relações entre mãe e filho alicerçadas na indiferença, na frieza e no desinteresse aparente pelo recém-nascido.

Neste período, criar os filhos junto a si, amá-los e cuidar da sua saúde e bem-estar era classificado pelas mulheres como uma ocupação indigna, por isto tal prática era observada sem nenhuma culpabilidade, já que era vista por grande parte da sociedade como uma coisa natural. Assim, a criança ao nascer era enviada para a casa de uma ama, longe do convívio da mãe, e ali permanecia por longos anos, muitas vezes, sem nenhum contato até o seu regresso, caso sobrevivesse à primeira infância. A morte de uma criança não passava de acidente quase banal, superado pelo nascimento de outro filho. O que levou as mães a adotarem tais comportamentos? A própria autora afirma que esta era uma forma de fugirem para não morrerem de dor, diante da alta taxa de mortalidade infantil que predominava na época, ou, no dizer da própria autora: “Serviria inconscientemente de couraça sentimental contra os grandes riscos de ver desaparecer o objeto de sua ternura (...) Valia mais a pena não se apegar para não sofrer depois” (4: p. 85).

Essa época passou e, juntamente com o tempo, as transformações culturais e sociais sofreram alterações teóricas e práticas. Hoje Bowlby diz que mãe e filho mantêm uma relação “humana viva”, na qual ele representa para a mãe a expansão de sua personalidade. Continuando a tecer considerações sobre a temática, o autor deixa claro não existir “nenhum outro tipo de relacionamento no qual um ser humano se coloque de maneira tão irrestrita e contínua à disposição do outro” (4: p. 73-4).

Portanto, a perda de um filho, por morte, é a destituição de algo muito precioso, levando ao mais atroz dos sofrimentos, capaz de deixar marca indelével no coração de uma mãe, que pode levar anos para se recuperar, e em algumas

situações a pessoa atingida não consegue uma completa recuperação. Desta forma, o nascimento de outro filho jamais substitui aquele que se foi.

Goodman (20: p. 321), ao desenvolver um estudo comparativo entre mulheres judias e não judias, mostra que as reações maternas pela morte de um filho têm estreita ligação com a cultura, a etnia e a religião. Em sua análise a autora aponta as mulheres judias como depressivas e fixadas na perda, a qual permanecia como ponto central em suas vidas. Já as mulheres não judias procuravam articular filosofias de aceitação para superar a perda.

Freud (16: p. 276) enfatiza que o principal papel do luto é mostrar, para os que ficam, a ausência da pessoa morta, exigindo a retirada do apego. Essa exigência dificulta a elaboração do luto daquele que perde um ente querido. Na nossa cultura, torna-se insano e desumano exigir que uma mãe enlutada se desligue emocionalmente do filho morto, com quem mantinha forte vínculo, representando até mesmo a continuidade do seu projeto de vida.

Pincus (27: p. 107) diz que a dor da perda encontra eco na ambivalência, ou seja, surge de sentimentos contraditórios e independentes de amor e ódio pela mesma pessoa. A mãe sofre porque o filho morreu e ela sobreviveu; procura e não consegue ter de volta o que amou e perdeu, e se culpa, por não ter conseguido proteger suficientemente o filho, evitando a realidade da morte.

O que realmente permanece é a perda, fazendo fluir a saudade, que na reflexão de Alves (2: p. 82) é uma proclamação pelo retorno daquilo que se foi, da coisa velha. Ela tem um poder corrosivo, pois deixa na alma um buraco, quando nos é arrancado um pedaço. Sendo que, neste buraco, reside a presença de uma ausência, ou seja, o que amamos e perdemos. Aqui, repetindo as mães, cabe bem a oração de Alves (2: p. 83) “Senhor do tempo, põe a minha canoa no rio do passado, só assim haverá uma cura para minha saudade ...”

É esta saudade que leva a mãe a um luto e pesar dolorosos. Mal compreendida em sua dor, uma mãe enlutada sente-se muitas vezes como se estivesse mutilada, pois é quase sempre rejeitada pela sociedade. Esquecida em seu mundo e isolada do convívio social, vive de maneira insana e desumana o mais algeoz dos sofrimentos. Neste sentido, Ariès (3: p. 635-6) compara o luto a uma doença, e quando expressado, tem suas lágrimas comparadas às excreções desta; ambas são repugnantes. Isto mostra a recusa velada das pessoas em ajudar o enlutado a superar a perda, ficando este oprimido entre o peso da sua dor e o interdito racional da sociedade.

Na prática profissional, a compreensão do luto não tem sido diferente, pois o despreparo e a rejeição à morte predominam. Os profissionais evitam o contato com a mãe enlutada, usando como escudo os cuidados com o corpo, a burocracia, ou fogem do confronto com ela.

Esta reflexão denuncia a necessidade de um olhar diferenciado sobre o luto e o pesar materno, devendo ser buscado na dimensão ex-sistencial, pois situado no humano pertence ao mundo da vivência.

◆ DEMONSTRANDO O CARÁTER FENOMENOLÓGICO

A morte é um fato inerente à existência humana. Dela jamais escapamos. No cotidiano não somos levados a pensar sobre ela, mesmo sabendo que encontrá-la será inevitável. É tida como o fim inexorável da vida, onde a dor, o luto e a saudade fazem parte de um processo vivenciado pelas mães que experienciam a morte dos filhos.

16

Refletindo sobre o comportamento da mãe diante da morte do filho, chamou-me a atenção o fato de que a dor, por ela externada, não se altera com a idade, sexo ou tipo de morte do filho. Nas minhas observações, também pude constatar as mais variadas reações diante do ocorrido. Algumas mães relatam: “É como se um pedaço de mim se fosse”; “É uma dor indescritível”; “Só sabe a dor de perder um filho quem passa por ela”. A ciência abarca estes fatos na instância causal, não respaldando as razões de tais comportamentos que devem ser buscados na singularidade da experiência vivida, caracterizando portanto a emergência do fenômeno.

A vivência de uma experiência é singular e única; situa-se em uma instância fundante e transcendental, só podendo ser explicitada por quem a vive. Desta forma, passo a refletir sobre os comportamentos apresentados pelas mães quando da morte dos filhos, nos seus modos de ser em si mesma, na vivência, buscando o *sentido* para estes comportamentos. Sobre isto, Capalbo* dispõe que:

As vivências pertencem à ordem dos motivos e precisam ser compreendidas, necessitando que sejam previamente descritas tal como se apresentam na experiência vivida. Isto não tem nada a ver com uma explicação causal buscada pela ciência positiva.

Segundo Heidegger, fenômeno “é o que se revela, o que se mostra a si mesmo” (21: p.58). Aqui, portanto, o fenômeno situado encontra-se velado nas manifestações ou comportamentos apresentados pela mãe diante da morte do filho. Neste caso, não comporta à ciência respostas para as minhas inquietações, pois estas não são pertinentes à instância causal, mas à instância do *sentido*. No entanto,

CARVALHO, A. S. de. *Metodologia da Entrevista: uma abordagem fenomenológica*. Prefácio da Prof^a Creusa Capalbo. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1987, p. 19.

não nego nem desconheço o valor do saber científico que, ancorado na instância empírica, esclarece o comportamento materno diante da morte do filho como "*factum*", obscurecendo a questão do *sentido*, vez que busca suas causas e não suas razões.

Portanto, este estudo teve como objetivo **compreender, à luz da hermenêutica heideggeriana, o comportamento materno diante da morte do filho**, a partir da fala originária daquela que vivenciou esta experiência.

Com a intenção de chegar ao que funda este fenômeno, utilizei como questão norteadora: **o que significa para você, mãe, a morte do seu filho?**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALMEIDA, F. P. V. **Ser - enfermeira - com - a - criança em fase terminal**
Rio de Janeiro: 1994. Dissertação (mestrado). Universidade do Rio de Janeiro - UNIRIO.
2. ALVES, R. **Teologia do cotidiano: meditações sobre o momento e a eternidade.** São Paulo: Olho d'Água, 1994.
3. ARIÈS, P. **O homem diante da morte.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977, pte. 2.
4. BADINTER, E. **Um amor conquistado; o mito do amor materno.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
5. BOEMER, M. R. **A morte, o morrer.** São Paulo: Cortez, 1986.
6. _____ . **O fenômeno morte; o pensar, o conviver e o educar.** Ribeirão Preto, 1989. Tese (doutorado). Escola de Enfermagem da USP.
7. BOWLBY, E. **Formação e rompimento dos laços afetivos.** 4. ed., São Paulo: Martins Fontes, 1980.
8. BRICE, C. W. Paradoxes of maternal mourning. **Rev. Psychiatry**, v. 54, n. 1 p. 1-12, fev, 1991.

9. CACCAVO, P. V. **A morte indomada**: a equipe de enfermagem e o corpo morto na instituição hospitalar. Rio de Janeiro, 1993. Dissertação (mestrado). Escola de Enfermagem Anna Nery da UFRJ.
10. CONSORTE, J. A morte na prática médica. In: MARTINS, J. S. (Org.) **A morte e os mortos na sociedade brasileira**. São Paulo: HUCITEC, 1983.
11. COSTA, L. A. T. **Situações vida-morte**: Participação do enfermeiro. Rio de Janeiro, 1977. Dissertação (mestrado). Escola de Enfermagem Anna Nery da UFRJ.
12. CUNHA, A.G. da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 2. ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.
13. D'ASSUMPÇÃO, E. A. **Os que partem, os que ficam**: orientação sobre o sofrimento e a morte. Belo Horizonte: O Lutador, 1987.
14. DEBRAY, R. **Vida e morte da imagem**: uma história do olhar no ocidente. Petrópolis: Vozes, 1994.
15. FERRAZ, A. F. et al. Assistência de enfermagem a pacientes em fase terminal. **Rev. Bras. Enf.** Brasília, v. 39, n. 1, p. 50-60, jan/mar, 1986.
16. FREUD, S. Luto e melancolia. In: _____. **Obras completas**. Rio de Janeiro: IMAGO, 1974. v. 14, p. 275-291.

17. _____. Nossa atitude para com a morte. In: _____ **Obras completas**. Rio de Janeiro: IMAGO, 1974. v. 14, p. 327-339.
18. GHEZZI, M. I. **Convivendo com o ser morrendo**: a busca de um significado para o ensino de enfermagem. Rio Grande do Sul, 1989. Dissertação (mestrado). Escola de Enfermagem da UFRGS.
19. GOMES, M. M. F. **Ter o filho internado na unidade de terapia intensiva neonatal**: o significado para os pais. São Paulo, 1992. Dissertação (mestrado). Escola Paulista de Medicina.
20. GOODMAN, M. Cultural differences among elderly women in coping with death of an adult child. **J. Gerontology**, v. 46, n. 6, p. 321-9, nov, 1991.
21. HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1993. 2. pt. 1.
22. KOVÁCS, M. J. Pensando a morte e a formação de profissionais de saúde. In: ROOSEVELT, M. S. C. (Coord.). **Da morte**: estudos brasileiros. Campinas: Papyrus, 1991.
23. KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

- 21
24. MARCÍLIO, M. L. A morte de nossos ancestrais. In: MARTINS, J. S. (Org.) **A morte e os mortos na sociedade brasileira**. São Paulo: HUCITEC, 1983.
 25. MARTINS, J. S. (Org.) **A morte e os mortos na sociedade brasileira**. São Paulo: HUCITEC, 1983.
 26. PADUAN, M. A. **A educação de alunos de graduação de enfermagem em relação a morte e o morrer**. Ribeirão Preto, 1984. Dissertação (mestrado). Escola de Enfermagem da USP.
 27. PINCUS, L. **A família e a morte: como enfrentar o luto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
 28. PINHEIRO, M. T. **O ser-mãe em seu vivenciar com o seu filho doente: uma perspectiva de desvelamento**. Rio de Janeiro, 1992. Dissertação (mestrado). Universidade do Rio de Janeiro - UNIRIO.
 29. SANTOS, C. A. F. Os profissionais de saúde enfrentam-negam a morte. In: MARTINS, J. S. (Org.) **A morte e os mortos na sociedade brasileira**. São Paulo: HUCITEC, 1983.

30. SPÍNDOLA, T. MACEDO, M. C. S. A morte no hospital e seu significado para os profissionais. **Rev. Bras. Enf.** Brasília, v. 47, n. 2, p. 108-117, abr/jun, 1994.
31. STEARNS, A. K. **Faça as pazes com a vida: aprendendo a conviver com as perdas.** 3. ed. São Paulo: Saraiva, 1991.
32. STEDEFORD, A. **Encarando a morte: uma abordagem ao relacionamento com o paciente terminal.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.
33. TORRES, W. da C. O conceito de morte na criança. **Arq. Bras. Psic.** Rio de Janeiro, v. 31, n. 4, p. 9-34, out/dez. 1979.
34. VALE, E. R. M. **Ser-no-mundo-com-o-filho portador de câncer: hermenêutica de discursos de pais.** São Paulo, 1989. Tese (doutorado). Instituto de Psicologia da USP.
35. ZIEGLER, J. **Os vivos e a morte: uma "sociologia da morte" no Ocidente e na diáspora africana no Brasil, e seus mecanismos culturais.** Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

CAPÍTULO II

A TRAJETÓRIA DO ESTUDO

◆ A ABORDAGEM METODOLÓGICA

Pretendendo compreender o comportamento materno pela morte do filho, optei por uma abordagem metodológica que possibilitasse meu acesso ao mundo das experiências vividas e, a partir daí, proceder a uma análise buscando o *sentido* destas experiências.

Com este propósito, encontrei na pesquisa qualitativa o método adequado ao presente estudo, e dentre este escolhi a fenomenologia como alternativa metodológica que se abre para as ciências humanas na busca de novos horizontes de compreensão do humano (1: p. 132). Como ciência da experiência vivida, a fenomenologia busca chegar ao *EIDOS* do fenômeno interrogado tal como se apresenta na sua vivência, ou seja, o que está velado na facticidade, a partir dela mesma utilizando a *epoché* (2: p. 192).

É um esforço de escutar no próprio **ser-mãe** o que significa estar situado no mundo vivenciando a experiência da morte do filho, vale dizer, um escutar que tem como base a mensagem que a própria experiência transmite e comunica. Isso possibilita uma penetração que na verdade só pode ser lida através da experiência explicitada no dizer de quem a vivenciou. Desse modo, fui buscar o que **funda** o comportamento materno diante do **não-mais-estar-aí** do filho, contido nos discursos de cada mãe que vivenciou essa experiência. Tais discursos foram obtidos

pela entrevista fenomenológica e desvelados através da análise hermenêutica dos modos de ser do humano, examinados por Heidegger em sua obra *Ser e tempo*.

Essa modalidade de entrevista tem por base a compreensão e se traduz em um encontro com o outro, mediado pela empatia. É um colocar-se aberto ao outro, é um olhar que compreende o outro livre de pressupostos e juízos de valor. Compreender o pensamento do outro é penetrar no seu mundo, na sua verdade. É entender o silêncio que se faz comunicação, é imbuir-se e impregnar-se de seus gestos, acenos, tonalidades e reticências, possibilitando um “se fazer ver” do outro. Essa maneira diferenciada de ver é que permite captar o *sentido* (3: p. 35, 38, 40-1 e 54).

Participaram do estudo oito mães, que vivenciaram a experiência do **acabamento** dos seus filhos, independentemente de raça, crença religiosa, grau de instrução, condição sócio-econômica, profissão, tipo de morte e tempo do ocorrido. Estas entrevistas estão em anexo no final deste relatório.

Vale ressaltar que adotei a entrevista como recurso metodológico por ser considerada, nas pesquisas de abordagem qualitativa, um instrumento básico para coletar dados, possibilitando a apreensão instantânea e clara da informação desejada, a qual é permeada pela interação (4: p. 33-4).

Ousar desenvolver um estudo de tal envergadura foi por demais desafiante. Porém não me intimidei diante das limitações existentes, e procurei recursos para reduzi-las.

◆ A BUSCA DA ABORDAGEM

Tendo em vista a opção de conduzir um estudo com base na abordagem fenomenológica e diante da minha limitação nesta área, que dificultava a escolha do filósofo apropriado, busquei eventos e cursos que facilitassem o meu caminhar. Para isto, participei de cursos de extensão na Faculdade de Educação (FACED) / UFC e na Associação Brasileira de Enfermagem - Secção Ceará.

Através das orientações dos filósofos comprometidos com o assunto e diante dos cursos realizados, entendi ser o pensamento de Martin Heidegger contemplado em sua obra principal, *Ser e tempo*, o caminho que me levasse a compreender as razões do comportamento materno que se manifestava na facticidade concretada das mães. Para entender com mais clareza o pensar do referido filósofo, procurei a ajuda do Dr. Rui Verlaine, professor de filosofia e estudioso de Heidegger.

Com este mesmo propósito, fui para o Rio de Janeiro participar do Curso de Extensão em Fenomenologia e Enfermagem, promovido pela Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), e do Curso de Fenomenologia ministrado pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) / UERJ. Fiz parte, também, do Seminário de Leitura da obra *Ser e tempo*, coordenado pela professora Dr^a Telma Donzelli, filósofa e estudiosa de Heidegger.

De regresso à minha terra de origem continuei contando com a colaboração do Dr. Rui Verlaine, que coordenou o Seminário de Leitura da obra *Ser e tempo*, do qual participei.

O esforço empreendido até o momento vem ao encontro da necessidade de superar minha limitação na área filosófica, que é característica do currículo dos profissionais da saúde. Nesta caminhada, pude constatar, através de exaustiva leitura do referencial concernente à temática e à abordagem, e do levantamento

realizado por Damasceno*, acerca da produção científica desenvolvida sob a abordagem fenomenológica, o crescente interesse dos enfermeiros assistenciais e docentes, que vêm apoiando suas pesquisas em pensadores como: Martin Heidegger, Maurice Merleau-Ponty e Alfred Schütz.

◆ O ENCONTRO COM AS MÃES

O contato com as mães que seriam entrevistadas se deu através de pessoas amigas e parentes que tinham filhos mortos ou que me indicaram mães que pudessem participar do estudo.

Das oito mães, cinco foram entrevistadas no Rio de Janeiro, onde eu fazia cursos de fenomenologia, e três em Fortaleza, ao retornar. Assim, as entrevistas foram realizadas nos meses de abril e outubro de 1995, respectivamente.

No Rio de Janeiro, contei com a ajuda de colegas de profissão, porque me encontrava fora da minha cidade de origem. Solicitei apontassem mães que pudessem participar do estudo e fui prontamente atendida. Em um curto espaço de tempo, uma colega fez contato com quatro mães que concordaram em relatar suas experiências com a morte dos filhos.

Por telefone, fiz o primeiro contato com as mães. Na ocasião, identifiquei-me e foi explicitado o objetivo do estudo e o recurso metodológico que seria utilizado. Solicitei, ainda, que escolhessem o local da entrevista, tendo algumas optado pelo próprio domicílio e outras, pelo local de trabalho. Os horários e dias foram agendados de acordo com as nossas disponibilidades.

A aproximação do pesquisador com os sujeitos entrevistados constitui um momento privilegiado. Sendo assim, nos demais encontros antes de iniciar a

* DAMASCENO, M. M. C. et al. *Fenomenologia e a produção científica de enfermagem*. 1995. Mimeo.

entrevista, reforçei o objetivo do estudo e o recurso metodológico a ser usado, por entender que o telefone é um meio de comunicação que não permite o falar olhando para o outro. Ainda procurei fazê-las sentir que os seus discursos seriam muito importantes para que eu pudesse compartilhar de suas experiências e vivências na concreção de sua facticidade.

Todas as mães abordadas no Rio de Janeiro aderiram ao estudo de forma espontânea. Antes de iniciar a entrevista, perguntei se podia utilizar o gravador, no que todas concordaram. O uso deste possibilita o registro de todas as expressões orais, ficando o pesquisador livre para mergulhar no movimento do entrevistado (4: p. 37). Iniciei a entrevista com a questão norteadora, solicitando que elas relatassem, da maneira mais completa possível, a experiência vivenciada e, em seguida, deixei-as falar livremente, sem interrupção nem hora marcada. Sempre no final de suas falas, eu perguntava: **“A senhora tem mais alguma coisa que queira acrescentar?”**

Senti-me apreensiva ao vivenciar aqueles momentos, mas, penetrar neste mundo de sofrimento, no qual as lembranças dos que morreram se faziam tão presentes, foi emocionante, tanto para quem fala como para quem escuta. Foi uma experiência desafiante, e muito significativa, ajudando-me a esclarecer os pontos importantes que devem ser considerados em uma entrevista de abordagem fenomenológica. Também reafirmou a questão norteadora e a relevância do estudo, percebido pela fala de uma entrevistada ao dizer: “É bom que se fale, se escreva sobre isso. Precisamos falar mais sobre a morte. E as pessoas, conhecendo uma dor tão terrível como essa nossa, pode ser que se preparem mais ... sei lá ... que aceitem melhor a morte”.

Em Fortaleza, a dinâmica de aproximação foi a mesma, e todas escolheram como local para entrevista o próprio domicílio.

Neste momento, duas mães contatadas recusaram-se a participar do estudo. Uma alegou não ter condições emocionais para falar sobre a temática, e a outra, o marido não permitiu a entrevista. O fato foi compreendido e respeitado pela pesquisadora.

Os discursos foram transcritos à medida que cada entrevista ia sendo realizada. Ao proceder esta etapa, procurei manter na íntegra a linguagem por elas utilizada; e mudei os nomes das participantes, objetivando preservar suas entidades. Optei por adotar nomes começados com a letra “M” inicial de morte e mãe.

Durante esta fase, senti necessidade de esclarecer alguns pontos que tinham ficado obscuros. De volta às mães entrevistadas, pedi que lessem seus discursos e se sentissem à vontade para modificar ou ampliar o que haviam dito. Nada solicitaram. Em seguida, esclareci os pontos obscuros, procurando não inferir nem persuadir em suas respostas.

Foi uma etapa muito difícil. Várias vezes, fui tomada pela emoção ao recordar fortes momentos das entrevistas, aflorando, em minha mente, gesto, choro, voz embargada, pausa e silêncio de cada mãe ao relatar sua experiência, resgastando a experiência por mim compartilhada.

Embora fossem momentos que suscitassem nas mães recordações dolorosas, pude perceber que elas ficavam confortadas e aliviadas ao expressar sentimentos vivenciados de modo que detalhassem o seu ex-sistir enquanto ser-mãe marcado por uma situação insustentável e indizível.

Com a transcrição de todos os dados coletados, parti para a fase de análise. Esta teve início com novas leituras e releituras, o que me permitiu captar os **significados** que as mães atribuíram à questão norteadora do estudo. Desta forma, pude perceber o *sentido* do comportamento materno diante da morte do filho desvelado em sua singularidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CAPALBO, C. Alternativas metodológicas de pesquisa. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM ENFERMAGEM, 3. 1984, Florianópolis **Anais**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1984. p. 130-157.
2. _____ . Considerações sobre o método fenomenológico e a enfermagem. **Rev. Enferm. UERJ**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 192-197, out, 1994.
3. CARVALHO, A. de S. **Metodologia da entrevista: uma abordagem fenomenológica**. Rio de Janeiro: Agir, 1987.
4. LUDKE, M., ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

CAPÍTULO III

O REFERENCIAL

Diante da temática a ser abordada e do objeto do estudo, tornou-se imperativo conduzi-lo tendo como solo a fenomenologia.

Como filosofia e método de investigação, a fenomenologia surgiu no início do século XX de uma reflexão sobre a crise das ciências européias, quando correntes filosóficas predominantes, no final do século XIX, descartavam a possibilidade de uma aproximação ao ser do fenômeno (1: p. 192). Portanto, o método fenomenológico apareceu como rejeição ao positivismo, ou seja, método da observação atribuído às ciências naturais, que tem como base partir de sensações e observações.

Segundo Dartigues (2: p. 11-2), o termo fenomenologia foi usado pela primeira vez em 1764 por Lambert, que influencia Kant, a partir 1770. E em 1807, entra definitivamente na tradição filosófica, vindo a ser de uso corrente, através do pensamento de Hegel, contido na obra “Fenomenologia do espírito”.

No entanto, coube a Edmund Husserl a tarefa de estruturar a fenomenologia como método para captar o movimento de em-si-mesmo de determinados fatos. Seu esforço deu um conteúdo novo a uma palavra antiga, influenciado por Franz Brentano, que na sua obra “Psicologia do ponto de vista empírico” apresenta a chave para a fenomenologia, por defender a tese da intencionalidade dos atos da consciência. Ribeiro (9: p. 34) diz que, para Brentano, a idéia fundamental reside no fato de que todos os atos psíquicos devem ser descritos e caracterizados somente pela sua relação intencional ao seu objeto.

Husserl parte da “vivência intencional” proposta por Brentano, e sugere uma fenomenologia que tem como preocupação descrever os fenômenos vividos da consciência e seus atos correlatos, pois a consciência humana se caracteriza por ser intencional, não existindo independente do objeto (8: p. 16-8 e 9: p. 16).

Elege como objeto de estudo o fenômeno, ou seja, o que se apresenta, se manifesta e se desvela ao sujeito que o interroga. Sendo assim, se propõe fazer esclarecimentos da experiência objetivando uma consciência última dos mesmos*.

A fenomenologia husserliana visa, assim, ser uma ciência rigorosa que se funda na experiência vivida do sujeito, proclama um retorno às coisas mesmas, preconiza a apreensão do fenômeno e a percepção da consciência como modo de apreender o mundo, para chegar à essência do fenômeno mediante rigorosa descrição, ou seja, ao *EIDOS*.

Neste sentido, Donzelli (3: p. 58) lembra que é de suma importância para as ciências humanas compreender que a instância específica de abordagem da fenomenologia husserliana não é empírica, mas transcendental, pois “o método fenomenológico busca o conteúdo da experiência em si mesmo, ou seja, as relações de sentido aprióricas que fundamentam e originam a experiência como tal”.

Enquanto conhecimento das essências, Capalbo (1: p. 140) diz que a fenomenologia husserliana ainda pode ser denominada de “ciência do possível”, pois refere-se ao modo de ser da existência humana como possibilidade de poder-ser e detentora de projetos existenciais.

No entanto, para se fazer o retorno às coisas “como elas são”, Husserl estabeleceu a redução fenomenológica, através da qual praticamos a *epoché*, isto é, colocamos entre parênteses todos os conhecimentos, teorias e juízos anteriores

* Seminário de Leitura da obra *Ser e tempo* ministrado pelo Prof. Dr. Rui Verlaine, de agosto/95 a março/96.

(9: p. 47). Moreira* lembra ser essa uma atitude filosófica de quem investiga na instância transcendental visando evitar o erro em busca da pureza do fenômeno.

Husserl exerceu forte influência sobre a fenomenologia contemporânea, pois esta, como movimento, é uma vasta e articulada corrente de pensamento, da qual se destacam os trabalhos de Max Scheller, as análises de Sartre, Merleau-Ponty e Schutz, as idéias de Martin Heidegger e outros. Dentre estes, Heidegger é o pensador referenciado como suporte filosófico deste estudo, porque, como filósofo do ser, discute a morte na dimensão ex-sistencial.

Martin Heidegger (1889-1976) nasceu na Alemanha e foi considerado o expoente principal da filosofia contemporânea da existência por dedicar seus estudos à questão do *ser*. Em sua trajetória filosófica, recebe influência de Kant, Hegel, Kierkegaard, Dilthey, Nietzsche, dos poetas Rilke e Trakal. Mas é através de Husserl, formulador do método fenomenológico, que Heidegger se encaminha para a fenomenologia, influenciado por suas obras e sua presença como mestre. Porém o despertar para a questão do ser originou-se nas leituras dos escritos de Aristóteles, considerado o pai da teoria do ser enquanto ser (4: p. 84).

Entre as suas obras a mais marcante e decisiva para Heidegger e para a humanidade é *Ser e tempo*, editada em 1927. Tem como tarefa elucidar a questão do *sentido* do ser por ele retomada como não sendo uma questão qualquer, visto que, outrora, fora tema inquietante ao pensar de Platão e Aristóteles, tendo como solo as teorias metafísicas, que não esclarecendo devidamente a questão da essência, fora relegada e posteriormente esquecida (6: p. 27). Provocando um questionamento de tal amplitude, ele alerta para um novo pensar filosófico, tornando-se um marco na história da filosofia contemporânea.

* Seminário de leitura da obra *Ser e tempo* ministrado pelo Prof. Dr. Rui Verlaine de agosto/95 a março/96.

Em *Ser e tempo*, Heidegger utiliza a fenomenologia como o método mais apropriado para realizar a sua trajetória em busca do *sentido* do ser. Assim, ele dispõe que: “O modo de tratar essa questão é fenomenológico (...) A expressão ‘fenomenologia’ diz, antes de tudo, um conceito de método. Não caracteriza a quiddidade real dos objetos da investigação filosófica mas o seu modo, como eles são” (6: p. 57). Portanto, ele deixa transparecer como preocupação o mostrar-se do objeto em seu movimento de **velamento e desvelamento**.

A fenomenologia para Heidegger é considerada uma via de acesso para se determinar o que deve constituir tema de uma ontologia, pois segundo o pensador ela “só é possível como fenomenologia” (6: p. 66) já que em seu conteúdo é tida como a ciência do ser dos entes. Portanto, ele redefine a fenomenologia husserliana que era vista como uma descrição do fenômeno, para adotá-la como uma interpretação do que se mostra e do que se oculta, do *sentido* do ser, da coisa mesma, ou seja, uma hermenêutica, que para Heidegger é ontologia. Pois ele procede a uma interpretação do real como articulação de *sentido*, já que condiz ao movimento de explicação da verdade do ser (5: p. 99).

Heidegger busca as origens da palavra fenomenologia nas raízes gregas de seus dois componentes: fenômeno - *phainomenon*, proveniente do verbo grego *phainestai*, que significa o que mostra em si mesmo; e *logos*, que é o discurso como revelação no sentido de deixar e fazer ver aquilo sobre o que discorre (6: p. 58 e 62).

Ao colocar a estrutura formal da questão do ser, o pensador mostra a necessidade de esclarecer o que pertence a um **questionamento**. Deixa claro que o ser é o que ele **questiona**; os conceitos das teorias metafísicas ele **interroga**; e o *sentido* do ser ele **pergunta** (6: p. 30-42).

Assim, o filósofo chega ao ser através de um ente privilegiado que se interroga por seu ser, e se compreende a si mesmo, sendo este ente nós mesmos. Ele diz que “ente é tudo de que falamos, tudo que entendemos, com que nos comportamos dessa ou daquela maneira, ente é também o que e como nós mesmos somos” (6: p. 32).

Prosseguindo, destaca o primado **ôntico** e **ontológico** da questão do ser. Afirma ser o ôntico os fatos que interessam em uma investigação científica, mas para proceder ao questionamento do ser é do ente que se parte; e o ontológico é o que funda a entidade, é o *sentido* do ser, ou seja, o ente em seu desvelamento (6: p. 38-41).

Portanto, para Heidegger, o homem é um *Dasein*, um **ser-aí**, que tem como horizonte o mundo, podendo se compreender a partir de sua **ex-sistência na temporalidade**. Nesse entender, o ser-aí é sempre um ser humano em uma relação de **co-ex-sistência** e convívio com o mundo, com os outros seres e com as coisas. É uma **pre-sença** que existe e se desvela através do **ser-no-mundo** da **compreensão** e do **discurso** em busca permanente do *sentido* do ser. Pre-sença é um termo heideggeriano de concepção do humano como um processo de **espacialização** e de **temporalização**, que tem como missão guardar o ser e tentar manifestá-lo.

A compreensão desvela o modo-de-ser da pre-sença, sua maneira de ordenar o mundo revelando suas possibilidades. Neste sentido, a pre-sença não se dá como algo fechado, acabado, mas se compreende como um poder-ser, como abertura, possibilidade de ser ela própria ou não. Entendido assim, a ex-sistência é essencialmente transcendência, que é denominada por Heidegger de “superação”, como sendo sua constituição fundamental, já que institui o projeto e esboço de um mundo (8: p. 583-5).

Para Heidegger, o mundo em sentido ôntico é entendido como o círculo de interesses, preocupações, desejos, ideais, afetos e conhecimentos, perfazendo o contexto no qual a pre-sença se encontra, sendo sempre um ser em **situação***. O que não implica estar presa à situação na qual foi lançada porque é possibilidade pura, é um poder-ser, é um projetar-se para fora de si mesmo, é ex-sistir, proporcionando ao homem a capacidade de atribuir um *sentido* ao ser.

Portanto, ser-no-mundo é uma constituição fundamental da presença nos seus modos de assumir uma relação com o mundo, tornando-se a estrutura essencial da vida cotidiana. **Cotidianidade**, na concepção do pensador, é uma **dimensão ex-sistencial** da pre-sença onde ela vive o desafio de ex-sistir ontologicamente, ou seja, viver **autenticamente**. Ela indica um modo de ex-sistência ao qual pertence sem dúvida a manifestação pública.

A dimensão inautêntica caracteriza-se como aquela em que a pre-sença de início e na maior parte das vezes no dia-a-dia se deixa guiar somente pelo ser-no-mundo, pela situação, pelo domínio do **impessoal**, pelo **de-cair** de si mesma. É aderir ao tempo público, é estar na banalidade do plano ôntico. E nesta situação, o homem se exime de suas responsabilidades, não tem poder de decisão nem de iniciativa, passando a ser um mero imitador das demais entidades com as quais mantém relações e interesses(7: p. 127-5).

Viver autenticamente é projetar-se na base de suas próprias possibilidades, é ter a coragem de olhar de frente a condição do seu próprio **não-ser**, é sentir a **angústia do ser-para-a-morte**. Angústia, segundo Heidegger, como **disposição** fundamental da pre-sença, “não é um humor fraco, arbitrário e casual de um

* Seminário de Leitura da obra Ser e tempo ministrado pelo Prof. Dr. Rui Verlaine de agosto/95 a março/96.

indivíduo singular, mas sim a abertura do fato de que, como ser lançado, a pre-sença existe para o seu fim” (7: p. 33).

Em sua analítica ontológica, Heidegger diz ser a morte um fenômeno ex-sistencial e singular que a pre-sença é chamada a assumir sozinha, pois para ele “a morte é uma possibilidade ontológica que a própria pre-sença tem que assumir” (7: p. 32). Ela bloqueia a realização de qualquer projeto humano, já que a pre-sença enquanto ex-sistir não pode superá-la. Como possibilidade última, suprema, pessoal e absoluta, atinge a pre-sença não como um acontecimento casual, que vem de fora, mas já sempre se encontra pre-sente na vida do homem que, segundo o filósofo, já nasce com idade suficiente para morrer, o que torna o fenômeno da morte um **ser-para-o-fim** (7: p. 31-32).

Portanto, para o pensador, a morte pertence ao ser-no-mundo, no qual a pre-sença já está lançada pelo simples fato de ex-sistir e daí ser para-o-seu-fim. Pertencendo, assim, à estrutura fundamental da pre-sença. Nesta estrutura, a pre-sença revelou-se como **cura**, na qual se encontra submerso o seu ser (7: p. 9).

Cura em Heidegger é essencialmente um **cuidar de**, é **cuidado**. Ela faz parte da constituição fundamental da pre-sença e encontra-se ancorada no “**já-preceder-a-si-mesmo**” e “**enquanto ser junto aos entes**”. Ou seja, a cura funda-se na **ocupação** e na **pre-ocupação**. A ocupação é a maneira da pre-sença se relacionar com os entes simplesmente dados, com a coisa. A pre-ocupação diz respeito ao relacionamento da pre-sença com o outro ser ex-sistencial; quando ela se pre-ocupa, ela se ocupa à luz do *sentido* do outro, “ela está em direção ao movimento mais próprio do outro.

A pre-sença como cura é um todo estrutural, por ser ela abertura, possibilidade, que tem no preceder-a-si-mesma o seu momento essencial; ela é

sempre um poder-ser indo constantemente ao encontro das suas possibilidades, sendo sempre um ser a se completar, a se inteirar.

Como ente a pre-sença jamais se completa. Se isso chegar a acontecer, o seu ser não mais se encontrará **situado**, passando a não mais ser um ser-no-mundo, ou seja, ele **finda**, o que, segundo Heidegger, é o **não-mais-estar-pre-sente**. É morrer, designado ainda “como um modo de ser que a pre-sença é para a sua morte” (7: p. 28).

Desta forma, ele mostra que ontologicamente só podemos apreender a pre-sença em sua totalidade na experiência da morte do outro, que é a **experiência de um acabamento** (7: p. 17).

Sendo uma “possibilidade ontológica” e uma iminência específica inerente a cada pre-sença, fica claro que não podemos viver a morte do outro, nem tomar parte genuína nesse **chegar-a-um-fim**. Nesse sentido, Heidegger esclarece que:

Ninguém pode assumir a morte do outro. De certo pode-se “morrer por outrem”. No entanto isso quer dizer sempre: sacrificar-se pelo outro “numa coisa e causa determinada”. Esse morrer por ... no entanto, jamais pode significar que a morte do outro lhe tenha sido, de alguma maneira, retirada. Cada pre-sença deve, ela mesma e cada vez, assumir a sua própria morte. Na medida em que “é”, a morte é, essencialmente e cada vez, minha (7: p. 20).

A vivência da morte em Heidegger está fundada na possibilidade de que o homem ao vivenciar uma situação pode intercalar momentos autênticos com inautênticos. Sendo, quase sempre, e na maior parte das vezes, este último, o modo de ser do humano. Desta forma, a vivência da morte para o pensador é a vivência da inautenticidade, na qual a pre-sença na cotidianidade encobre constantemente o privilégio do seu **poder-ser-mais-próprio, irremissível, insuperável e**

indeterminado. À medida que somos menos o nosso ser mais próprio, estamos morrendo de nós mesmos, é a **dejeção**, é o cair de si mesmo, é a queda do homem no plano das coisas do mundo. É o não querer ter consciência da condição de ser lançado no mundo para o seu fim. Neste sentido, o filósofo dispõe que, “o escape de-cadente e cotidiano da morte é um *ser-para-a-morte impróprio*” (7: p. 42).

Para o pensador, **impropriedade** constitui “um modo especial de ser-no-mundo em que é totalmente absolvido pelo ‘mundo’ e pela co-pre-sença dos outros no impessoal” (6: p. 237).

Na cotidianidade, quase sempre a pre-sença é arremessada a um cotidiano inautêntico no qual ela desenvolve um comportamento **encobridor e desviante** do seu ser-para-a-morte.

De-cadente, ou seja, dispersa de si-mesma, a pre-sença se perde na publicidade do impessoal que encontra no **falatório**, na **ambigüidade**, na **tentação**, na **tranqüilização** e na **alienação** a interpretação adequada de revelar para si o seu ser-para-a-morte.

No falatório, a morte chega à pre-sença como **casos** de morte. Os desconhecidos morrem a cada dia, a cada hora. Parentes próximos ou distantes morrem. Assim, a morte se apresenta como um acontecimento bem conhecido que tem predomínio dentro do mundo, caracterizando a **não surpresa**.

No **discurso ambíguo**, a pre-sença analisa a morte como algo indeterminado, que não tenha a capacidade de causar **temor**. É o “**morre-se**”. Passa a ser vista como algo que sem dúvida surgirá de qualquer lugar, mas, por hora, é uma realidade ainda não chegada. Ela é vista como inerente à realidade humana, mas não atinge ninguém em particular. Portanto, ela passa a pertencer ao domínio público, retirando de cena o que sem substituição possível pertence essencialmente a cada pre-sença.

É o **temor** como **disposição** que determina o comportamento da pre-sença diante da morte. A angústia é considerada no impessoal como uma fraqueza que a pre-sença deve desconsiderar, para ter em substituição o temor ante o que há de vir (7: p. 36).

O impessoal é, também, responsável por encobrir o caráter de certeza da morte, vale dizer, a possibilidade de sua concreção a cada momento, transferindo-a para “algum dia mais tarde”. Assim, o impessoal compreende a morte como um acontecimento que vem ao acaso retirando a relação de sua certeza com um ser-para-o-fim, encobrindo e alterando o seu *sentido*.

A queda da pre-sença à dimensão inautêntica é vista por Heidegger como positiva, pois, ao tomar consciência de sua situação, ela se sente desafiada a promover o seu retorno à ex-sistência autêntica.

Aceitar a própria finitude, ou seja, a negatividade do poder-ser, é condição essencial para um ex-sistir autêntico. É angustiar-se diante da morte, assumindo-a com **de-cisão antecipadora**, tendo como testemunho a **voz da consciência**, que lança a pre-sença no *sentido* da morte e revela o **nada**. É esta nulidade invencível e radical que forma o **ser culpado**, tendo como origem o **ser situado**.

A pre-sença é primordialmente um **estar-culpado**, assim permanecendo até sua morte. Sendo fundamento de uma nulidade, ela é sempre um **ser-em-débito**, acarretando para si um caráter opressivo de carência. É o ficar-a-dever, como condição ex-sistencial da pre-sença, sendo lançada no seu mais próprio poder-ser, isto é, a sua morte (7: p. 72-3).

A pre-sença onticamente é um ser finito porque ex-siste, mas ontologicamente é infinito por ser possibilidade, abertura, poder-ser. Finitude, essencialmente, não abarca o significado de fim, mas faz parte da própria **temporalidade**. Esta é tida como uma dimensão fundamental da ex-sistência que

abriga originariamente o seu *sentido*. A temporalidade é o cenário no qual a pre-sença é lançada no mundo, revelando o seu modo de ser. Esse tempo tem início com o nascimento e termina com a morte.

As três dimensões do tempo ôntico são denominadas pelo filósofo de **ekstases** da temporalidade. Estas constituem o **porvir** (futuro), o **vigor de ter sido** (passado) e a **atualidade** (presente), não comportando o mesmo sentido do tempo cronológico (7: p. 23-4). A pre-sença é futuro por ser possibilidade pura, poder-ser; é presente pelo ocupar-se pelas coisas que ela recebe ao ser lançada no mundo; e é passado, pois ao ser lançada ex-siste em um mundo do qual não decidiu nem escolheu.

É partindo da **existência**, **facticidade** e **decadência**, que o pensador interpreta o fenômeno da morte como um ser-para-o-fim. Daí delimita o seu pleno conceito ontológico ex-sistencial que diz: “*Enquanto fim da pre-sença a morte é a possibilidade mais própria, irremissível, certa e, como tal, indeterminada e insuperável da pre-sença*”, assim sendo, ela “*é e está em seu ser para o fim*” (7: p. 41).

Diante do que dispõe Heidegger em sua ontologia ex-sistencial sobre a morte, fica claro que o ser-mãe na situação aqui estudada vivencia a experiência da morte do outro. Isso traz a experiência do acabamento, da ausência, ou seja, o filho, o outro não mais convive neste mundo, tornando-se desta forma ausente, o que dá origem à dor e à saudade. Visto desta forma, o que predomina é um sentimento de perda vivido pela mãe que, por estar presa ao filho como entidade, sofre por sua ausência, implicando a vivência de um luto e um pesar dolorosos. Esta reflexão encontra apoio no filósofo, pois para ele “a morte se desentranha como perda e mais do que isso, como aquela perda experimentada pelos que ficam” (7: p. 19).

Esta perda se concretiza no plano ôntico, onde o filho se acaba, porque deixou de **estar-aí**. Mas, no plano ontológico, ele permanece, não se acaba, simplesmente deixou de **ser-aí**, não mais se encontra no mesmo mundo, ou seja, deixou de **ser-com**. Pois, é como possibilidade pura, abertura, poder-ser, que a pre-sença está sempre além da morte. Isso é possível através do **espacializar** da pre-sença que nos dá oportunidade para aproximarmo-nos de alguém através de sonhos ou pensamentos, mesmo havendo distância física.

Portanto, tendo como suporte o referencial de Heidegger, minhas inquietações até aqui descritas, e o saber factual sobre a temática, **questiono** o que é ser mãe vivenciando a experiência da morte do filho; **interrogo** a temática factual ex-sistente; e **pergunto** qual o *sentido* que funda o comportamento materno, diante da morte do filho.

Assim, o desafio de realizar esta reflexão sobre o pensamento de Heidegger, em sua obra fundamental, é deixar claro o caminho escolhido para **compreender o comportamento do ser-mãe enlutado pela morte do filho** proposto neste estudo. Até o momento, mostrou-se que esta questão deve ser aclarada pela hermenêutica fenomenológica do referido filósofo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CAPALBO, C. Alternativas metodológicas de pesquisa. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM ENFERMAGEM, 3. , 1984, Florianópolis. /Anais.../Florianópolis: Editora da UFSC, 1984.
2. DARTIGUES, A. Um retorno à ontologia. In: _____. **O que é a fenomenologia?** Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.
3. DONZELLI, T. A. Método fenomenológico e ciências humanas. In: **Teorização do serviço social.** Doc. Alto da Boa Vista. Rio de Janeiro: Agir, 1988.
4. GILES, T. R. Martin Heidegger. In: _____. **História do existencialismo e da fenomenologia.** São Paulo: EPU, EDUSP, 1975.
5. HUHNE, L. M. O ser e a poesia segundo Martin Heidegger. **Rev. Filos. Bras.** Rio de Janeiro, n. 1, p. 96-109, jul, 1988.
6. HEIDEGGER, M. **Ser e tempo.** 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1993. pte. 1.
7. _____. **Ser e tempo.** 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1993, pte. 2.

8. REALE, G., ANTISERI, D. Martin Heidegger: da fenomenologia ao existencialismo. In: _____ . **História da filosofia**. São Paulo: Paulinas, 1991.

9. RIBEIRO, Jr., J. **Fenomenologia**. São Paulo: Pancast, 1991.

CAPÍTULO IV

A ANÁLISE COMPREENSIVA

◆ A DIMENSÃO ÔNTICA DOS DISCURSOS MATERNOS

O ôntico é a instância da experiência, dos fatos em si. Esta instância abriga os significados, os quais contêm as idéias principais apreendidas nos discursos das mães entrevistadas. Na tentativa de apreender os significados que as mães atribuíram à questão norteadora da entrevista, procedi a várias leituras dos discursos. Este procedimento tem como objetivo tornar familiar o relato, sem no entanto referir a ele nenhum juízo de valor, ou assumir uma postura interpretativa do que elas explicitaram.

Na dimensão ôntica também está presente a dimensão ontológica, quando cada mãe, ao expor seus pensamentos e comportamentos, mostra a direção de mundo, o *sentido* que está velado pela facticidade aqui estabelecida. Esta etapa representa meu modo de ver a partir da visão das mães entrevistadas, na busca **do sentido do comportamento materno diante da morte do filho.**

Da totalidade estrutural proferida nos discursos maternos à experiência da morte dos filhos, construí os seguintes significados:

- A mãe não acredita na morte do filho;
- A mãe pratica isolamento do mundo e abandono de si;
- A mãe procura o filho morto;
- A mãe culpa-se pelo ocorrido;
- A mãe expressa o seu pesar como sofrimento indescritível;

- A mãe conforma-se com a morte do filho;
- A mãe reconstitui o seu mundo

Passo agora a descrevê-los acompanhados de uma análise respaldada nos discursos maternos e em estudiosos da temática.

Após a concreção da perda, **a mãe não acredita na morte do filho.** Onticamente, aceitar a realidade, torna-se muitas vezes impossível, diante da crueldade apresentada por ela, pois, pela lei natural da vida, os pais não deveriam enterrar os filhos.

A fuga a esta realidade faz parte do percurso normal do luto como uma etapa a ser vencida na retirada do apego ao filho morto e na elaboração da dor. Caracteriza-se como um mecanismo de defesa ativado pela mãe para enfrentar um cotidiano de luto e pesar. E é nesse cotidiano que o luto tem como principal tarefa mostrar para a mãe a ausência do filho, exigindo que ela se desligue dele emocionalmente, provocando, assim, o seu afastamento dessa realidade (4: p. 276).

Em seus discursos, as mães entrevistadas comportaram-se fugindo da dor de um golpe cruel, que trazia para elas a sensação de um vazio desesperador, falavam da impossibilidade de continuar executando o seu projeto materno, desfaziam todos os seus sonhos, exigindo o rompimento de um vínculo afetivo ao qual elas não manifestavam o menor desejo de obedecer. Portanto, elaboraram suas defesas, buscando alternativas para ocultar o ocorrido (que não esperavam e para o qual não se sentiam preparadas), mostrando sua revolta e desespero contra um ser superior, e mantendo apego aos objetos pessoais do filho morto.

Eis como elas expressaram seus sentimentos:

Mirtes

... As alternativas que busquei para encarar a perda foi (...) colocar como se fosse uma viagem que ela tivesse feito e que não ia voltar, não como morte ...

Marli

... A morte da minha filha pra mim foi um negócio que ... você sabe que acontece com todas as mães, com todos os pais, a toda hora acontece isso, mas você nunca espera que vai acontecer com você, entendeu? ...

Madalena

... Olha aqui, oh! (mostra um retrato da filha no álbum de fotografias). Você acha que uma criança dessa, você vai imaginar que um dia vai morrer? Olha! toda feliz, nem sabia que um dia ia passar por uma coisa dessa (mostra uma foto sua na festa de aniversário da filha) ...

Mila

... Na época eu não aceitei porque Deus fez aquilo comigo. Por que que aconteceu isso? Eu não aceitava. Eu me perguntava a toda hora ...

Mirian

... É um peso ... ele é muito grande. Uma coisa que a gente quer acreditar, mas a gente não acredita. A gente acha impossível ter acontecido aquilo. A gente tá vendo, mas não está acreditando ...

Magali

... Francilita, eu não aceitava a doença. Eu não aceitava a gravidade da doença dele. Não aceitava a morte. (...) A morte é traiçoeira ...

Márcia

... Porque, na minha cabeça, só era Mariana, Mariana, Mariana, e aquela saudade ... Eu fechava os olhos em qualquer canto que eu estivesse, eu tinha certeza que se abrisse eu ia ver, eu ia sentir ela tocar em mim ...

Diante da não aceitação da realidade, a mãe passa a apresentar um comportamento de retração no qual ela pratica **isolamento do mundo e abandono de si**.

No início do luto e pesar, deprimida e desesperada pela ausência do filho, a mãe se retrai, perdendo o interesse pelas pessoas e por atividades com as quais mantinha forte envolvimento. Para a mãe, a morte é vista como devastadora, aniquilante e incapacitadora, pois deixa clara a impotência e vulnerabilidade do ser humano, onde o vazio é uma realidade estarrecedora, tornando a vida um caos.

Diante da morte, tudo muda, nada mais tem razão de ser. As pessoas ficam diferentes, parecendo insensíveis à sua dor. Enlutada, a mãe perde o senso de objetividade, passando a viver sem nenhum interesse ou prazer. Os dias são os mesmos, sombrios e desesperançosos; ela não vislumbra nenhuma perspectiva de mudança, sendo levada a questionar seus valores, suas crenças, e a repensar suas verdades.

No plano ôntico, a tendência a essa retração é vista como um mecanismo de defesa ativado pelas pessoas enlutadas. Segundo Stearns (8: p. 199) isto ocorre porque elas “se sentem machucadas e têm medo de sofrer mais ainda, porque estão desiludidas ou com raiva da vida, porque não têm energia ou motivação para se ligar aos outros, e porque encontram-se tão absorvidas com a perda, que têm receio de ‘ser uma carga’ para os outros”.

Este comportamento fica claro nos discursos das mães entrevistadas, quando elas declaram:

Marli

... Eu fiquei num estado que tempos depois quando meu marido me procurava, eu o recusava, dizendo: “Não, não, não quero outro filho, nenhum filho vai substituir minha filha”. Fiquei por muito tempo sem vontade de fazer nada. Não comia, não saía, a única coisa que não deixei de fazer foi tomar banho ...

Madalena

... Lúcia, vou deixar tudo pra lá, não tem mais sentido, porque quando a gente perde alguém é como se morresse também (...) Eu dizia: Ah! Lúcia, eu não tenho mais vontade de fazer as coisas ...

Mila

... Eu não ia a aniversário, não ia a festa, não ia a nada ... Quando meu filho morreu, eu cheguei a pesar 38 quilos. Eu só tinha o couro, não tinha mais nada. Eu não tinha vontade de nada, só queria morrer ... 38 quilos! ... chorava dia e noite. Eu estava fraca, deprimida. Pra mim tinha acabado tudo ... tudo ...

Mirian

... Porque eu tinha a impressão que nada pra mim tinha mais valor, nada ... Me desiludi da vida. Pra mim tanto fazia eu morrer hoje como amanhã, era a mesma coisa ...

Márcia

... Eu vivia num quarto. Era como se fosse o meu mundo' aquele quarto ali. Eu não tinha vontade de nada ...

Inconformada com a morte e desesperada com a ausência , **a mãe procura o filho morto.**

Esta busca é tida como um traço regular no processo do luto, perfazendo o mais importante padrão de comportamento diante da perda. Procurar reaver o filho morto é uma defesa universal e quase automática usada pela mãe, em rejeição à realidade estabelecida, podendo ter longa duração (7: p. 105).

Pincus, no livro "A família e a morte: como enfrentar o luto", relata que nesta fase a pessoa que sofre a perda, mesmo consciente da irracionalidade do seu comportamento, procura pelo seu morto em visões alucinatórias, em momentos de aflição e principalmente em sonhos (7: p. 105). Continuando, ela diz ainda que a busca pode ser também realizada de maneira inconsciente, através de um comportamento agitado, tensão e perda de interesse do enlutado por tudo que não esteja relacionado ao falecido.

Na presente investigação, a mãe incrédula diante da perda é impulsionada a procurar e reaver o filho morto, lançando mão de várias alternativas: como suas idas freqüentes ao cemitério, por meio de sonhos, desejo de visões do filho, e mantendo os seus pertences organizados.

A saudade do filho ausente torna-se tão atormentadora que a mãe passa a ter acessos de choro, vendo em cada pessoa que ela encontra uma semelhança com o filho morto. Em suas entrevistas, assim elas se expressaram:

Mirtes

... Eu fiquei até um tempo indo muito ao cemitério. Aquela coisa que a gente acha que um dia vai resolver (...) Eu ia diariamente, um certo tempo da minha vida, logo depois do acontecimento ...

Madalena

... Eu tinha uma necessidade de todo dia ir ao cemitério. Morreu, eu achava que se eu chegasse lá que ... eu sei lá, uma coisa assim que me passava (...) Eu achava as meninas todas parecidas com a minha filha (...) Eu queria que ela me aparecesse, sabe? ...

Mila

... Eu passei um período que eu não podia ver uma criança na rua, sabia (...) Eu olhava pro menino e começava a chorar. Era igualzinho. O mesmo tamanho, o mesmo jeitinho, o cabelinho. Mas era idêntico (...) Logo que ele morreu, eu pedia muito pra sonhar com ele, eu vivia rezando, pedindo pra sonhar ...

Mirian

... Mas, aonde eu ia, eu achava uma pessoa parecida com ele. Parece que ele me acompanhava...

Márcia

... Eu ia ao cemitério quase que todos os dias. Eu achava que se eu estivesse ali eu estava mais próxima dela (...) Porque quando eu chego em casa, eu me sinto mais distante ...

Magali

... Eu queria tanto o meu filho vivo (...) Se eu pego nas coisas dele, é só pra chorar...

Incrédula com o acontecido, retraída e sem conseguir de volta o que perdeu, **a mãe culpa-se pelo ocorrido.**

O sentimento de culpa é praticamente inevitável quando da morte de um ente querido. Faz parte do processo de aceitação da dor vivido por muitas pessoas enlutadas. Geralmente vem mesclado de sensações justificadas e injustificadas, o que dificulta a convivência com ele. O enlutado pode imputar a si culpa por estar vivo enquanto o outro está morto; também pode baseá-la no arrependimento, por ter sido negligente com o morto (7: p.107-8).

Diante da morte de um ente querido, sempre achamos que poderíamos ter feito algo mais. Nunca acreditamos que fizemos o bastante. Geralmente agimos com severidade para com nós mesmos, pois diante do golpe da perda, temos dificuldade de enxergar o que é óbvio para os outros, além da insanidade dos nossos sentimentos (8: p.38).

O sentimento de culpa pode ainda ser dirigido a outras pessoas ou instituições. Na minha prática profissional, presenciei algumas situações, em que não só a mãe, como também outros familiares, culpavam a equipe de saúde pela morte do filho. De todas as situações por mim vivenciadas, destaco um fato ocorrido com uma mãe que, após ser notificada do falecimento do filho, juntamente com sua família, ameaçou de morte, não só a equipe de saúde, mas todos os funcionários que estavam no plantão.

Isso vem ilustrar como o pesar transtorna a pessoa enlutada, por isso mesmo sendo considerado o mais atroz dos sofrimentos.

Neste estudo, fica claro que as mães entrevistadas passaram por momentos de autopunição, atribuindo a elas uma culpa irreal. Duas mães, levadas pela condição de profissionais da área da saúde, alegando negligência com a saúde dos

51

filhos, culpavam-se por não ter podido evitar o sofrimento e a morte deles. Outra mãe atribui a perda do filho a uma punição divina.

Esse sentimento fica explícito quando dizem:

Mirtes

... Então era procurando descobrir dentro do mundo da gente a relação de onde eu tinha falhado (...) A culpa era com relação à causa (...) Se era eu que tinha proporcionado isso (...) Procurando a causa por não ter protegido o suficiente nessa relação (...) Eu, apesar de ser enfermeira, não me dei conta...

Madalena

... Porque, eu sendo enfermeira (...) Entendia, sabia ver os sintomas. E na minha filha eu não conseguia ver (...) Mas não relacionei que a menina podia ter um tumor cerebral (...) É uma culpa que eu tenho (...) Eu me lembro assim com tristeza, como se eu tivesse a obrigação de ter visto... e eu não vi ...

Magali

... Mas é porque eu mereci. Se eu não tivesse merecido, ele não teria tido essa morte assim (...) Deus me deu essa sina e eu tenho que aceitar ...

Desolada com a ausência do filho, **a mãe expressa o seu pesar como um sofrimento indescritível.**

A palavra sofrer vem do latim, *sufferre*, que significa “suportar, agüentar, padecer” (2: p. 731). O sofrimento faz parte da natureza humana, e não somos imunes a ele. Sofremos de causa própria ou vitimado pelo outro (3: p. 32).

Encarar o pesar e o luto pela morte de um ente querido traz ao indivíduo um desespero provocado por uma situação insustentável, pois não há o que discutir; simplesmente aceitar a realidade.

Dando sua contribuição ao assunto, Pincus (7: p. 107) diz que a dor da perda encontra eco na ambivalência, ou seja, surge de “sentimentos contraditórios e independentes de amor e ódio pela mesma pessoa”. O enlutado sofre porque o

outro morreu e ele sobreviveu, procura e não consegue ter de volta o que amou e perdeu, e se culpa por não ter conseguido evitar a realidade presente.

O sofrimento moral diante da morte de um ente querido é permeado pela saudade do que se foi. Aprofunda-se no grande vazio que passa a ocupar um espaço, mas, ao mesmo tempo, não pode ser localizado, somente vivido. E é este vazio desesperador e penetrante que dilacera o coração daquele que sofre, dilui suas esperanças e faz a vida parar no tempo e no espaço. Conforme Alves (1: p. 82), a saudade proclama por um retorno daquilo que foi perdido, da coisa velha. Ela tem um poder corrosivo, pois deixa na alma um buraco, quando nos é arrancado um pedaço. Sendo que, neste buraco, reside a presença de uma ausência .

Mas, é cabível admitir que o sofrimento traz experiência e contribui para o crescimento individual. Stearns (8: p.154) diz que um dia ele será aliviado, porém, jamais totalmente esquecido .

Neste estudo, as mães expressaram o pesar vivenciado na morte dos filhos, descrevendo o sofrimento como um vazio desesperador, um sentimento aniquilante e petrificante, que corrói a própria carne, uma ferida incurável, uma saudade permanente e uma dor eterna. Estes sentimentos estão configurados nos trechos dos depoimentos que se seguem:

Mirtes

... É aquele vazio que não se preenche, é caótico (...) E eu não conseguia falar. Por muito tempo eu evitava falar, realmente eu não tinha estrutura pra falar ...

Marli

... Já faz quinze anos que ela morreu e eu não esqueci dela um dia da minha vida ... um dia. Então é uma dor muito grande mesmo ...

Madalena

... Uma coisa muito dolorosa, e ... pra mim foi muito difícil, muito difícil mesmo, um sofrimento muito profundo, uma dor imensa ...

Mila

... Uma ferida que não cicatriza nunca. É um pedaço da gente que se vai (...) Uma pessoa que não perdeu um filho não sabe o tamanho do sofrimento (...) nunca sabe o que é sofrer (...) Você sente na carne a falta dele ...

Mariana

... E a gente pensa que a saudade vai diminuindo, num vai não, minha filha, a saudade é sempre a mesma ... sempre a mesma (...) Mas, essa dor é pra sempre, vai me levar até meus últimos dias. A falta que ele faz, a presença dele, a lembrança daquele ... do que ele foi ...

Mirian

... Eu não sei como lhe explicar, porque é uma coisa tão dolorosa, que a gente procura entender. Porque a perda é tão grande, que aquilo parece que a gente fica com o coração todo estraçalhado

Magali

... Nunca mais me esquecerei, nunca. Eu vou morrer com esse sentimento ...

Márcia

... E saber que morreu. Essa palavra morreu, acabou, foi embora, e você não vai ver nunca. E a vontade que você tem de ver, de pegar, de tocar é demais ... É muito dolorido. É aquela coisa que você não tem pra você dar um abraço, que você chama pelo nome, de vir aqui onde você está. Não sei ... é terrível isso ...

Consciente da realidade, a mãe conforma-se com a morte do filho .

Aceitar a realidade da morte significa para o enlutado recuperar-se, implicando a elaboração da dor. É tido como um processo de atravessar as penosas lembranças, sentimentos e conflitos que compõem o percurso do luto (8: p. 76).

O enlutado toma consciência de que a recuperação está se processando por passar de um período de aceitação da dor para outro, quando a inquietação do sofrer é intercalada por longos períodos de calma.

Pincus (7: p. 114), ressaltando a escola psicanalítica de Freud, diz que no luto a tarefa mais importante é o processo de interiorização do objeto de amor perdido. Nele o enlutado acolhe dentro de si o falecido, permitindo, a quem sofreu a perda, recorrer às boas ou más lembranças, compartilhá-las com os outros, podendo falar sobre a pessoa morta, pensar nela ou senti-la. Uma vez concretizada a interiorização, o enlutado jamais perderá o seu objeto amado, já que, incorporado, ele o carrega consigo.

As mães entrevistadas referiram que o conformismo chega com o tempo e providência divina. Ambos aliviam o sofrimento, embora a saudade seja constante e a lembrança do filho, permanente. É nesta fase que a mãe enlutada já controla melhor suas emoções, podendo falar sobre ele, seja para resgatar as lembranças do passado ou interrogar como poderia ter sido o seu futuro, mantendo consigo a esperança de um dia reencontrá-lo.

No percurso do luto e pesar pela morte dos filhos, as mães se mostraram conformadas ao declararem:

Mirtes

... Hoje eu não lamento de ficar achando que ela ... deveria estar com a gente. Mas é um lembrança P-E-R-M-A-N-E-N-T-E. Não tem um dia que eu não lembre (...) não com masoquismo, querendo sofrer, mas a presença é constante (...) Ter o conforto de que eu vou morrer também um dia, não vou escapar disso. Só que ela foi antes ... Hoje eu já digo que ela morreu, tranqüila (...) falo do assunto tranqüilamente ...

Marli

... Então eu tenho certeza que eu tenho uma filha na glória do Senhor. Tenho um anjo lá que olha pela gente ...

Madalena

... Hoje eu aceito como uma condição da minha própria vida. Quer dizer, a vida e a morte são duas fases do mesmo processo, que é a existência (...) A lembrança dela é uma lembrança bonita (...) Ela

continua sendo importante (...) E se eu falo nela, eu mostro as fotografias dela (...) O ser Selma, ele existe, está com Deus e está num lugar muito bom (...) E se a gente andar direitinho, a gente vai se encontrar depois (...) Porque ela, pra mim, faz parte da minha vida, ainda, apesar de não estar mais comigo (...) A lembrança dela, viva, é bonita, é tão forte em mim (...) Acho que eu também já amadureci um pouco ...

Mila

... Hoje eu falo nele sem chorar ...

Mariana

... Sempre com resignação, com coragem, rezando pela alma dele. Agradecendo a Deus a vida que ele teve, 41 anos (...) A saudade não desaparece, mas a gente crê, eu estou certa, creio que existe a vida eterna, que existe um dia a ressurreição, que nós um dia vamos nos encontrar. Não vamos nos encontrar? É isso que espero ...

Mirian

... Eu hoje já me conformei com a morte dele, e sempre digo que esquecer a gente não esquece nunca (...) E vai se conformando ...

Magali

... Porque eu tinha minha filha, meu marido, os outros filhos. Ai, sempre me conformava mais com a morte dele...

Márcia

... Eu converso na Mariana (...) Assim numa boa, sem me martirizar

Enfim, conformada com a morte do filho, **a mãe reconstitui o seu mundo.**

O processo do luto é traumatizante, deixando em seu percurso cicatrizes profundas, trazendo mudanças significativas para a vida daqueles que o enfrentam.

Diante de uma perda definitiva (morte), as coisas nunca mais serão as mesmas. As mudanças que o enlutado é forçado a fazer na sua vida são na grande maioria impostas pelo sofrimento. Mesmo ante uma crise, as soluções podem surgir. Neste momento conhecemos a grande força interior da qual somos dotados e que ignorávamos. Por mais paradoxal que pareça, ela surge quando estamos fragilizados (8: p. 26-34).

... no CEARÁ

Reconstruir o mundo, após a morte de um filho, significa, para a mãe enlutada, ressurgir das cinzas. Ela até volta a sorrir, encontrando na vida novas perspectivas, ou seja, o sofrimento passa, mas esquecido jamais será.

No caminho da recuperação, o enlutado tende a recordar um passado glorioso, buscando sempre as boas lembranças, que servem de escudo para encarar o futuro.

Enfrentando uma crise de perda, as mães entrevistadas despertaram para uma nova vida, confiantes em um tempo e em um ser superior; machucadas e sofridas, temendo uma experiência similar, passaram a superproteger os outros filhos. Muitas vezes tendo como companheira a *solidão*, *sentiram necessidade de preencher o tempo*. Inseguras, colocaram em xeque os seus valores, repensaram suas vidas, passando a ver de maneira diferente. Esta situação encontra-se configurada nos discursos de:

Mirtes

... Mas a recuperação depois é muito difícil ... ninguém recupera assim (...) Realmente o tempo é quem (...) Aquele tempo que não é determinado (...) Um belo dia a gente se dá conta que passou por tudo aquilo e que ... se tivesse que passar, acho que nem cogito nessa possibilidade (...) São lembranças muito doloridas, muito ... que machucam muito ...

Marli

... Porque a gente volta a rir, entendeu, mas eu não esqueço da minha filha um dia ...

Madalena

... Tem que fazer um esforço muito grande para superar (...) Agora é lógico que dessa dificuldade a gente pode até trabalhar em cima dessa dificuldade e criar outras perspectivas de vida (...) Eu acho que também a gente tira de dentro da gente as forças para superar (...) É um trabalho seu, trabalho solitário de quase todos os minutos da tua vida (...) Mas, dá pra sobreviver e encarar a vida de frente, mesmo com a perda (...) Uma coisa eu tenho certeza, tenho que continuar me ocupando (...) Deus me livre acontecer alguma coisa com os outros. Eu fiquei muito assustada em relação aos outros, se tiver alguma coisa, eu fico agitada, eu fico com medo...

Mila

... Achava que tínhamos que enfrentar o problema de frente e refazer nossa vida aqui mesmo(...) Uma mãe que tem dois ou três, quando ela perde um, ela fica superprotegendo os outros. De tudo ela tem medo (..) Ela fica insegura...

Mariana

... A ajuda de Deus, para mim, foi uma coisa que me segurou mesmo (..) A gente entregando tudo nas mãos de Deus, Ele resolve. Ele vai dando tudo com calma, com tranquilidade. A gente vai chegando...

Mirian

... Pedi muita força para Ele (Deus), pedi muito a Ele e a Maria Santíssima (..) Eu venci(...) E a gente vai passando... vai passando(..) A gente vai ficando mais livre daquele peso e tudo...

Márcia

... Dá pra sobreviver ... É doloroso, você se sente até assim, muito sozinha, meio desamparada (..) Hoje eu vejo as coisas bem diferentes (..) Digo que o sofrimento, você vai passando por coisas e você vai tendo de refletir (..) Aí, você começa a ver que as coisas são diferentes. Que a vida não é aquela coisinha bonitinha, acertadinha, arrumadinha (..) Eu fiquei com medo demais de perder os outros dois...

Portanto, em seu aspecto ôntico, pude perceber que a morte de um filho é considerada uma perda suprema na qual a ordem da natureza tem o “revés”, pois o normal seria os pais morrerem antes dos filhos.

Assim, esta perda tem a capacidade de transtornar a vida da mãe enlutada, que para recuperar-se faz a longa travessia das penosas lembranças, e nem sempre tem sucesso. Neste percurso, chocada, age visando ignorar o ocorrido. Levada pelo desespero de uma situação insustentável e temendo aumentar seu sofrimento, fica retraída, pois seu único interesse é o seu morto, e não conseguindo tê-lo de volta, culpa-se por sua morte. Por fim, na elaboração da sua dor, aceita a realidade presente e, conformada, parte para recompor sua vida. Esta decisão tem como solo

o sofrimento, a crença em um ser superior, o tempo e uma grande força interior que emana de cada mãe. Porém fica claro que “as coisas nunca mais serão as mesmas” (8: p. 26).

É fácil perceber que a ciência não abarca todo o conhecimento. Ela se compartimentaliza em várias especialidades, mas todas apontam a necessidade de um estudo compreensivo que possa trazer à luz os motivos de suas questões, porque como instância ôntica ela comporta raízes ex-sistenciais. Sendo assim, a ciência sempre estará dando caminho às coisas e não buscando o caminho das coisas.

Diante do exposto, fica claro que só compete à filosofia chegar ao que funda este comportamento, tendo como caminho a fenomenologia. Vieira (9: p.140), no seu artigo “Da morte e do morrer”, reforça este pensar, ao afirmar que “A morte no seu núcleo imperscrutável, origem e termo de toda a reflexão, só pode pertencer à Filosofia (...) Só a fenomenologia nos consente a aproximação ao problema da morte, de modo a restituir o prestígio da vida ao pensar, ao sentir e ao sofrer do Homem perante o seu destino”.

◆ A DIMENSÃO ONTOLÓGICA DO SER-MÃE

Esta etapa representa o momento de busca do **sentido do comportamento materno diante da morte do filho**. Tem como referência a análise dos **modos do ser do humano em sua cotidianidade**, desenvolvida por Heidegger.

Dos significados atribuídos pelas mães à experiência da morte dos filhos, apreendi um cotidiano permeado de sofrimento, culpa, isolamento de si,

conformismo e superação da perda. Estes aspectos ônticos, ao serem verbalizados por elas, encobrem seu verdadeiro *sentido*.

Em Heidegger, buscar o *sentido* é ultrapassar o verbalizado, é ir na direção do que funda o comportamento materno, é proceder o avesso da facticidade, procurando desvelar o que nela está velado e daí apreender a dimensão ontológica do ser-mãe diante da morte do filho.

Para o pensador (5: p. 208), “a pre-sença só ‘tem’ sentido na medida em que a abertura do ser-no-mundo pode ser ‘preenchida’ por um ente que nela se pode descobrir”, pois, para ele, “... sentido é um existencial da pre-sença e não uma propriedade colada sobre o ente que se acha por ‘detrás’ dela ou que paira não se sabe onde, numa espécie de ‘reino intermediário’ ” (ibidem).

Na sua analítica ex-sistencial, o filósofo (5: p. 87) traz o discurso da vivência, que é o modo de ser do acontecer humano em sua cotidianidade. Para ele, esta é uma dimensão ex-sistencial, onde a pre-sença vive o seu dia-a-dia mostrando o seu modo de ser.

Sendo-no-mundo com os outros, o ser-mãe tem a possibilidade de viver a experiência da morte do filho, pois ontologicamente ela é um ser-com-o-outro (6: p. 17). Heidegger (6: p. 40) afirma que a morte se processa cotidianamente, sendo um incontestável “fato da experiência”.

O modo como o ser-mãe se comporta diante da morte do filho é fruto da convivência com as demais pre-senças, que na cotidianidade se mantêm em permanente fuga do seu ser-para-a-morte. Este comportamento vem de uma tradição cultural, sendo por ele (o ser-mãe) incorporado ao ser lançado no mundo.

Sendo assim, é na instância do *ex-sistir* cotidiano que a mãe como ser-lançado *ex-siste* no mundo do luto e do pesar pela morte do filho.

Em seu modo de *ex-sistir* não aceita a condição ex-sistencial do ser-para-a-morte do filho, que, segundo o pensador, “pertence, de modo existencial, ao estar-lançado da pre-sença que na disposição (do humor) se desentranha desta ou daquela maneira” (6: p. 33). Assim, a morte é inerente a cada um de nós independente de que se tenha ou não conhecimento sobre ela.

Portanto, ao não assumir a possibilidade ontológica mais própria, irremissível e insuperável do filho, o ser-mãe enquanto ser-aí que se abre em seu *pre* da pre-sença é levado pela inautenticidade a negar a possibilidade do não mais estar-aí do filho. Situação exemplificada nos discursos de Marli e Madalena, quando dizem:

“... A morte da minha filha foi para mim um negócio que... você sabe que acontece com todas as mães, com todos os pais, a toda hora acontece isso, mas você nunca espera que vai acontecer com você, entendeu?”...

“... Olha aqui, oh! (mostra um retrato da filha no álbum de fotografias). Você acha que uma criança dessa, você vai imaginar que um dia vai morrer?”...

Sendo assim, o ser-mãe apresenta um comportamento de fuga e encobrimento do ser para-o-fim do seu filho, que é próprio da cotidianidade na qual há o predomínio do impessoal.

Essa forma distorcida e deficiente do ser-mãe interpretar para si a condição ex-sistencial do filho, em Heidegger, revela “**o modo do ser-para-a-morte cotidiano**” (5: p. 35). Esse modo de ser desentranha um desviar-se do seu ser mais próprio, aderindo a um cotidiano inautêntico que encontra na de-cadência o seu movimento próprio, e se deixa conduzir pela banalidade do plano ôntico, pautado no tempo e espaço públicos, onde o “**todos**” e o “**ninguém**” comandam o acontecer da impessoalidade.

61

Ao analisar seu modo de ser da pre-sença, o filósofo (6: p. 42) considera que:

O escape de-cadente e cotidiano da morte é um *ser-para-a-morte impróprio* (...) Impropriedade caracteriza um modo de ser no qual a pre-sença pode se extraviar e, na maior parte das vezes, sempre já se extraviou, mas que não deve se extraviar contínua ou necessariamente.

Em seu modo de ser de-cadente, o ser-mãe se perde na publicidade do impessoal, detendo-se no falatório, que arrasta consigo um discurso ambíguo no qual o “se” justifica e estimula a tentação de encobrir, alienar e tranquilizar para si o ser-para-a-morte do filho.

Em sua terminologia, a expressão falatório, segundo Heidegger, significa “um fenômeno positivo que constitui o modo de ser da compreensão e interpretação da pre-sença cotidiana” (5: p. 227). Ele possibilita a compreensão de tudo, sem previamente ter-se apropriado da coisa, pois jamais mantém uma comunicação no modo de sua apropriação originária, já que se satisfaz com um **repetir e passar adiante a fala**, configurando-lhe assim uma falta de **solidez e fundamento** (5: p. 228-9).

No falatório, o ser-mãe conhece a morte como “**casos de morte**”, ou seja, um acontecimento público, conhecido mas que não pertence determinadamente a ninguém. Pessoas importantes morrem, parentes distantes morrem, mas por enquanto eu e meus entes queridos **ainda-não** morremos.

O ainda-não caracteriza o discurso ambíguo sobre a certeza da morte, no qual “não esconde nada à compreensão da pre-sença, mas só o faz para rebaixar o ser-no-mundo ao desenraizamento do em toda parte e em parte alguma” (5: p.238), concedendo ao falatório a ilusão de que nele tudo se decide. Regida pelo falatório,

a ambigüidade fala da morte como casos de ocorrência constante, nos quais ela é divulgada como algo “real”, mas retira-lhe a possibilidade, quando o que está em jogo é o **ser** mais próprio e singular de cada pre-sença (6: p. 35).

Assim, exposta à impessoalidade que domina o mundo humano, a mãe em sua cotidianidade é tentada a encobrir para si o **ser-para-o-fim** do filho, ex-sistindo como um ser alienado de si e da mais própria possibilidade dele. De-caído de si próprio, o ser-mãe desvia a responsabilidade de assumir-se no seu ser mais próprio e, imerso na banalidade do plano ôntico, esconde e atribui um falso significado à morte. E como fuga da própria situação em que foi lançado no mundo, o ser-mãe busca meios de encobrir para si o ocorrido, o que pode ser observado nos discursos apresentados a seguir:

Mirtes

... As alternativas que busquei para encarar a perda foi procurar assim (...) colocar como se fosse uma viagem que ela tivesse feito e que não ia mais voltar, não como morte...

Madalena

... E até há dois anos atrás eu dizia: “Ela vai fazer aniversário no dia 24 de setembro. (...) É o aniversário da Selma”...

Assim, Heidegger (6: p. 37) expressa-se sobre o **ser-para-a-morte** cotidiano em seu modo de ser de-cadente:

De-cadente o **ser-para-a-morte** cotidiano é uma permanente fuga dele mesmo. O **ser-para-o-fim** possui o modo de um *escape* permanente, que desvirtua, compreende e entranha impropriamente que a presença de fato sempre morre, ou seja, é para o seu fim.

É também na cotidianidade que o impessoal dita como a pre-sença deve comportar-se diante da morte. Estabelece como disposição o temor, o qual não

permite a angústia com a morte, acatando-a como uma fraqueza, devendo ser desconsiderada pela presença.

Diante da concreção do não mais estar-aí do filho, a mãe, como **ser-aí** ao vivenciar a experiência do acabamento dele, mostra-se temerosa para enfrentar um cotidiano de luto e pesar. Retraída e culpando-se, busca no mundo ôntico causas para justificar o ocorrido, o que na verdade caracteriza um comportamento de fuga da própria situação na qual foi lançada. Este modo de ser está explícito nos discursos de:

Marli

... Fiquei por muito tempo sem vontade de fazer nada. A única coisa que não deixei de fazer foi tomar banho...

Mila

...Então eu não ia a aniversário, não ia a festa, não ia a nada (...) Eu não tinha vontade de nada (...) Pra mim tinha acabado tudo... tudo...

Mirian

... Porque eu tinha a impressão que nada pra mim tinha mais valor, nada... Me desiludi da vida. Pra mim tanto fazia eu morrer hoje como amanhã, era a mesma coisa...

Márcia

... Eu vivia num quarto. Era como se fosse o meu mundo aquele quarto ali. Eu não tinha vontade de nada

Mirtes

... Então era procurando descobrir dentro do mundo da gente a relação de onde eu tinha falhado (...) A culpa era com relação à causa ...

Magali

...Mas é porque eu mereci. Se eu não tivesse merecido, ele não teria tido essa morte assim (...) Deus me deu essa sina e eu tenho que aceitar...

Disposição é tida pelo pensador como um fenômeno ex-sistencial conhecido onticamente como “humor”. Assim ele é um ex-sistencial fundamental ancorado na

disposição, perfazendo um estado constante da pre-sença seja ele qual for, que o remete ao seu pre. Sendo o próprio movimento da disposição, é nele que o indivíduo revela a entidade na qual a pre-sença que ele é ex-siste (5: p. 190).

Na cotidianidade nós nos esquivamos do humor para seguir até o pre, denotando o nosso modo de ser. Neste sentido, Heidegger (5: p. 190) declara que:

Enquanto ente entregue à responsabilidade de seu ser, ela também se entrega à responsabilidade de já se ter sempre encontrado - encontro que não é tanto fruto de uma procura direta mas de uma fuga. O humor não realiza uma abertura no sentido de observar o estar-lançado e sim de enviar-se e desviar-se (...) Esse desvio é o que é o modo da disposição.

O temor como **disposição imprópria** é caracterizado como uma fuga da situação na qual a pre-sença é lançada, sendo um “jogar para”. Nele a pre-sença sempre adere a uma vivência inautêntica, não se remetendo ao seu ser mais próprio (6: p. 138).

Com o propósito de aclarar a estrutura da disposição, o filósofo estabelece o temor em três nuances “**o que se teme, o temer, e pelo que se teme**” (5: p. 195). Continuando, ele procede à análise dos momentos estruturais do temor que como disposição pode assumir diferentes possibilidades de ser, vindo a se transformar em “**pavor, horror e terror**”. O temor se transforma em pavor quando o que ameaça é algo conhecido e familiar e chega de súbito. No horror não há nada de familiar. Já no terror, encontra-se instalado o caráter de horror acrescido do súbito do pavor (5: p. 195-7).

Portanto, compreendi que, temeroso, o ser-mãe vivencia o acabamento do filho envolvido pelo pavor da morte que para ele é algo conhecido, e seu surgimento tem o movimento de “na verdade ainda não, mas a qualquer momento

sim”; horroriza-se diante do não familiar, a ausência do filho; e petrifica-se pelo terror da vivência do luto e do pesar, que lhe chega como algo súbito e desconhecido.

Em seu cotidiano de luto e de pesar, o ser-mãe, de-caído de si próprio, pratica uma fuga do ser-para-a-morte do filho, vivenciando a experiência de um acabamento, ancorado na instância da entidade que, na cotidianidade, tem domínio.

Este é o modo de ser configurado nos discursos de Mirtes, Madalena e Márcia, ao colocarem:

... Eu fiquei até um tempo (...) indo muito ao cemitério. Aquela coisa que a gente acha que vai resolver (...) Eu ia diariamente ao cemitério, um certo tempo da minha vida, logo depois do acontecido...

... Eu tinha uma necessidade de todo dia ir ao cemitério. Morreu, eu achava que se eu chegasse lá que ...eu sei lá, uma coisa assim que me passava...

...Eu ia ao cemitério quase que todos os dias. Eu achava que se eu estivesse ali eu estava mais próxima dela...

Na cotidianidade a pre-sença tem como mundo mais próximo o **mundo circundante**. Desta forma, no cotidiano de luto e pesar, a mãe, como ser-no-mundo que é sempre ser-com, mantém com o filho uma relação pautada na dimensão da entidade, que se dá como algo fechado. E assim, desviada do seu ser mais próprio, mantém-se aprisionada ao “aí” corporal que ele sempre foi e, com o seu acabamento, sua ausência, não pôde mais ser.

Assim sendo, o filho não mais convive neste mundo, tornando-se ausente. Resta só a saudade, que conduz o ser-mãe a uma busca incessante daquele que era

presente e, com o acabamento, ficou presente no cemitério, implicando um sofrimento moral indizível e indescritível.

Visto assim, no pensar de Heidegger, o ser-mãe mantém com o filho uma relação no modo de ser da ocupação, guiada pela **circunvisão**, ou seja, pela visão instantânea do que se encontra ao redor, com o que está à mão. Neste sentido, o pensador considera que:

À cotidianidade do ser-no-mundo pertencem modos de ocupação que permitem o encontro com o ente que se ocupa de tal maneira que apareça a determinação mundana dos entes intramundanos (5: p. 115).

Limitada à dimensão ôptica da entidade, o ser-mãe vivencia um cotidiano de sofrimento no qual não encontra explicação para os seus sentimentos, explicitados no dizer de:

Márcia

... E saber que morreu. Essa palavra morreu, acabou, foi embora, e você não vai ver nunca. E a vontade que você tem de ver, de pegar, de tocar é demais ... É muito dolorido. É aquela coisa que você não tem pra você dar um abraço, que você chama pelo nome, de vir aqui onde você está. Não sei ... é terrível isso ...

Mila

... Uma ferida que não cicatriza nunca! É um pedaço da gente que se vai (...) Uma pessoa que não perdeu um filho não sabe o tamanho do sofrimento (...) nunca sabe o que é sofrer (...) Você sente na carne a falta dele ...

Mariana

... E a gente pensa que a saudade vai diminuindo, num vai não minha filha, a saudade é sempre a mesma ... sempre a mesma (...) Mas, essa dor é pra sempre, vai me levar até meus últimos dias. A

falta que ele faz, a presença dele, a lembrança daquele ... do que ele foi ...

Mirian

... Eu não sei como lhe explicar, porque é uma coisa tão dolorosa, que a gente procura entender. Porque a perda é tão grande, que aquilo parece que a gente fica com o coração todo estraçalhado

Perseguindo o *sentido* do seu ex-sistir no luto e pesar, o ser-mãe é conduzido à superação do sofrimento. Esta fase é alcançada quando aos poucos ela vai se libertando do filho como entidade, passando a aderir à sua pre-sença.

Neste movimento o ser-mãe se distancia da experiência da morte e encaminha-se cada vez mais para a instância do ser-mais-próprio do filho, passando a se comunicar com ele naquilo que lhe é único e singular, sua pre-sença.

É nesta fase que o ser-mãe toma consciência de que o sofrimento vai aliviando, sente mais conforto em suas recordações e controla melhor as emoções. Mostrando-se mais conformada com o não-mais-estar-aí do filho, compreende que com a morte ele não se acaba, continuando como pre-sença. Esse modo de ser fica claro nos discursos de:

Mirtes

... Hoje eu não lamento de ficar achando que ela deveria estar com a gente ...

Madalena

... Hoje eu aceito como uma condição da minha própria vida (...) A lembrança dela é uma lembrança bonita" (...) O ser Selma, ele existe, está com Deus e está num lugar muito bom (...) Porque ela pra mim faz parte da minha vida, ainda, apesar de não estar mais comigo (...) Acho que eu também já amadureci um pouco...

Mila

... Hoje eu falo nele sem chorar...

Márcia

... Eu converso na Mariana (...) Assim numa boa, sem me martirizar...

Imersa em uma cotidianidade que camufla para si o ser-para-a-morte do filho, o ser-mãe possui momentos privilegiados, em que lhe fala a “voz da consciência”. Elege como discurso o “clamor” que resgata o ser da perdição do impessoal para conduzi-lo ao seu poder-ser mais próprio (6: p. 64). Ele é a voz de um apelo que vem de longe e ressoa ao longe.

O autêntico *sentido* da ex-sistência é “viver para a morte”. Este, retira da pre-sença a possibilidade de perder-se na impessoalidade, na banalidade do mundo ôntico, conduzindo-a como sendo propriamente um ser-para-o-fim. Assim, viver autenticamente é sentir a angústia do ser-para-a-morte, colocando o ser-aí diante de si mesmo, como que entregue à sua possibilidade “mais própria, irremissível, insuperável, certa, porém indeterminada” (6: p. 43-51).

Angustiar-se é dizer que a pre-sença está viva, assumindo-se na sua autenticidade, sem apoio, sem anteparos. É o assumir da absoluta responsabilidade e liberdade (6: p. 50). É ter na experiência antecipadora da morte a revelação do nada dos projetos humanos e da ex-sistência humana, o que significa, aceitar a própria finitude e negatividade, conclamada pela voz da consciência (6: p. 46-47).

Ao abordar o fenômeno da angústia, o pensador articula que, enquanto disposição fundamental, ela delinea uma abertura, já que “retira da pre-sença a possibilidade de, na de-cadência, compreender a si-mesma a partir do ‘mundo’ e na interpretação pública”. Pois é ela que “remete a pre-sença para aquilo pelo que a angústia se angustia para o seu próprio poder-ser-no-mundo”. Desta forma, atribui à pre-sença singularidade que, na compreensão, se lança para o seu poder-ser mais próprio, ou seja, “*ser livre* para a liberdade de assumir e escolher a si mesmo (...)

para a possibilidade de seu ser enquanto possibilidade de ser aquilo que já sempre é” (5: p. 251-2).

Vendo-se como ser-no-mundo e, portanto, possibilidade, a mãe demonstra que, como cura, como cuidado, assume o compromisso com o seu ser mais próprio. Angustia-se ante a possibilidade do nada e de maneira **estranha** se coloca diante da morte do filho com liberdade. Esta última mostra o modo como o ser-mãe na abertura do pre vai ao encontro de si mesma. Na sua singularidade, aceita a finitude do filho, compreendendo a morte como de-cisão antecipadora de uma possibilidade privilegiada. Mirtes mostra esse comportamento, quando diz:

... Ter o conforto de que eu vou morrer também um dia, não vou escapar disso. Só que ela foi antes ...

É o fenômeno da de-cisão que coloca a pre-sença diante da verdade originária de sua ex-sistência. Neste sentido, Heidegger (6: p. 86 e 189) considera que: “A de-cisão é um modo privilegiado de abertura da pre-sença”, que ao se revelar:

... se compreende sem ambigüidades a partir de sua possibilidade mais própria e privilegiada na antecipação da morte (...) Somente o ser livre *para* a morte propicia à pre-sença a meta incondicional, colocando a existência em sua finitude.

A antecipação conduz a pre-sença a uma fuga do impessoal, levando-a a uma compreensão do seu poder-ser mais próprio e extremo (6: p. 46-7). Em sua compreensão ontológica, abriga a interpretação do nexo entre de-cisão e antecipação, não cabendo vê-lo como um pretexto criado para “superar” a morte. Ela, segundo Heidegger (6: p. 102):

... é a compreensão que responde ao clamor da consciência, a qual libera a possibilidade de a morte *apoderar-se da existência* da pre-sença e de, no fundo, dissipar todo o encobrimento de si mesma, por menor que seja (...) Ela brota da compreensão sóbria de possibilidades fundamentais e factuais da pre-sença. Junto com a angústia sóbria que leva para a singularidade do poder-ser, está a alegria mobilizada dessa possibilidade. Nela a pre-sença se vê livre dos “acazos” dos entretenimentos que a curiosidade solícita cria, sobretudo, a partir das ocorrências do mundo.

A consciência compreende a pre-sença no modo da de-cisão como um **querer-ter-consciência**, revelando-se como um clamor da cura. Isto é, ela testemunha um poder-ser mais próprio da pre-sença, que é conduzida a sua verdade pela aclamação. Pois como fenômeno ex-sistencial é e está apenas no modo, de ser da pre-sença, abrigando em sua estrutura ontológica um “quem aclamado” e um “quem que clama”, sendo que para o filósofo (6: p. 64):

... quem clama é a presença, que no estar-lançado (já-ser-em ...), angustia-se com o seu poder-ser. O aclamado é justamente essa pre-sença conclamada para assumir o seu poder-ser mais próprio (preceder-se ...). Conclama-se a pre-sença, aclamando-a para sair da de-cadência no impessoal (já-ser-junto-ao-mundo-das-ocupações).

Esse chamamento, que revela o ser-mãe na angústia, tem como modo de disposição a **estranheza** que, “enquanto abertura mais elementar da pre-sença lançada, coloca o seu ser no mundo com o qual ela se angustia na angústia por seu poder-ser mais próprio” (6: p. 62).

O nada é a pre-sença em sua estranheza como ser-livre para as suas possibilidades mais próprias. A liberdade humana tem como característica básica a possibilidade de enviar-se ou desviar-se, ao apelo da consciência. Acarretado pela

angústia, ele revela a **nulidade** fixando o fundamento da pre-sença, que é o estar- lançado na morte (6: p. 101), onde habita a idéia de débito concebido a partir do modo de ser da pre-sença (6: p. 70).

Ser e estar em débito é o ficar a dever inerente a cada pre-sença pela sua própria condição ex-sistencial de ser possibilidade pura, abertura, e projeto, nunca se fechando em sua totalidade. Portanto, ficar-a-dever perfaz a culpabilidade ex-sistencial da pre-sença, a qual não pode ser rebaixada a sentimentos de culpa psicológicos meramente subjetivos ou até ensinados de fora, que possam ser erradicados por meio de uma terapia (6: p. 66-71).

O débito comporta em si um caráter opressivo de carência. Este, deverá ser eliminado à medida que a pre-sença, advertida pela voz da consciência, desvele seu verdadeiro *sentido*, assumindo com de-cisão antecipadora o seu ser-para-a-morte (6: p. 81).

Como ser-lançado no mundo a pre-sença ex-siste sob a forma de pre-ocupação e ocupação, que acompanha toda a sua ex-sistência como um poder-ser e lhe dá a primazia de escolher livremente as suas possibilidades.

No seu acontecer, o ser-mãe encaminha-se para reconstruir o seu mundo abalado pela perda, que não era esperada. Neste seu movimento não resiste à tentação das armadilhas do impessoal e, de-caída em seu cotidiano, retoma a fuga da morte. Esse comportamento fica claro no dizer de:

Mirtes

... Um belo dia a gente se dá conta que passou por tudo aquilo e que se tivesse que passar acho que nem cogito nessa possibilidade ...

Madalena

... Uma coisa eu tenho certeza, tenho que continuar me ocupando (...) Deus me livre acontecer qualquer coisa com os outros. Eu

fiquei muito assustada em relação aos outros, se tiver alguma coisa, eu fico assustada, eu fico com medo ...

Mila

... Uma mãe que tem dois ou três, quando ela perde um ela quer superproteger os outros. De tudo ela tem medo (...) ela fica insegura...

Com o barulho ensurdecador do seu tagarelar, o impessoal bloqueia o escutar silencioso da voz da consciência, exercendo na cotidianidade uma onipotência incontestável. Desta forma, impede que o ser-mãe continue consciente da morte como um fenômeno ex-sistencial, e **in-decisa** retoma a compreensão da morte como acabamento.

Temeroso ante a ameaça constante da morte, o ser-mãe vive o seu presente em permanente fuga da angústia. Absorvida pelo mundo circundante, se vê novamente presa a um cotidiano no qual tudo lhe é familiar, isolando-se da estranheza para, alienada do seu ser mais próprio, de-cair no impessoal. É ele que, exercendo sobre o ser-mãe o predomínio, diz ser a angústia sempre medo da morte, medo “pelo” estar-aí e medo da destruição deste.

Neste sentido, o filósofo (6: p. 237 e 238) coloca que:

Lançada e de-cadente, a pre-sença está, de início e na maior parte das vezes, perdida nas ocupações. Nessa perdição anuncia-se, contudo, a fuga encobridora da pre-sença de sua existência própria, já caracterizada como de-cisão antecipadora. Na fuga das ocupações, reside a fuga *da* morte, ou seja, o desviar, o olhar *do* fim do ser-no-mundo (...) O impessoal nunca morre porque, sendo a morte sempre minha e apenas compreendida, existencialmente, em sentido próprio na de-cisão antecipadora, o impessoal nunca *pode* morrer (...) Impessoalmente, apenas se conhece o tempo público que nivela e que pertence a todo mundo, isto é, a ninguém.

Portanto, no tempo autêntico, viver para a morte é o futuro, que desvia o ser-mãe de de-cair nas armadilhas do impessoal. O **in-stante** perfaz o presente autêntico, no qual ele renega a fuga da angústia e de-cide com liberdade enviar-se ao seu ser mais próprio (6: p. 135).

A pre-sença, como ser-no-mundo e ser-lançado-para-a-morte, angustia-se diante do seu poder-ser que, na temporalidade, surge do porvir da de-cisão. Fugindo da angústia, depara-se com o temor, que tem seu sentido ex-sistencial e temporal no **esquecimento de si**. Encontra sua oportunidade a partir do intramundano, que nas palavras do pensador sobrevém: “da atualidade perdida que, temerosamente, teme o temor, para então nele de-cair” (6: p. 143).

Desse modo, pude compreender que, no percurso do luto e do pesar, ontologicamente o ser-mãe se propõe a ser pre-sença. Vai ao encontro de si mesmo e, na de-cisão antecipadora, angustia-se diante da morte do filho. Porém no seu acontecer é arrastado de volta à cotidianidade. Alienado de si próprio, foge da angústia e atribuindo à morte um falso significado, teme pelo futuro dos outros filhos.

Assim, através da abordagem fenomenológica, pude realizar a aproximação ao outro. E com base na análise ontológica de Heidegger, pautei a compreensão da mãe que, como ser-lançado-no-mundo, vivencia o luto e o pesar pela morte do filho. Através do seu discurso, ela deixou transparecer o seu mundo como uma ordenação singular de espaço e tempo. Em busca do seu *sentido*, como pre-sença desvelou-se em si e por si, pautando o seu acontecer quase sempre e na maior parte das vezes na obscuridade do mundo ôntico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALVES, R. **Teologia do cotidiano**: meditações sobre o momento e a eternidade. São Paulo: Olho d'Água, 1994.
2. CUNHA, A.G. da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.
3. D'ASSUMPÇÃO, E. A. **Os que partem, os que ficam**: orientação sobre o sofrimento e a morte. Belo Horizonte: O Lutador, 1987.
4. FREUD, S. Luto e melancolia. In: _____. **Obras completas**. Rio de Janeiro: IMAGO, 1974. v. 14, p. 275-291.
5. HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1993. pte. 1.
6. _____. **Ser e tempo**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1993. pte. 2.
7. PINCUS, L. **A família e a morte**: como enfrentar o luto. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
8. STEARNS, A. K. **Faça as pazes com a vida**: aprendendo a conviver com as perdas. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 1991.
9. VIEIRA, A. B. Da morte e do morrer. **Rev. da Assoc. Portuguesa de Psic.** v. v, n. 2, p.139-145, 1987.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTUDO

Neste estudo, tracei como objetivo **compreender o comportamento materno diante da morte do filho**. As inquietações que me conduziram a tal propósito fazem parte da minha ex-sistência, como ser temporal e histórico, lançado no mundo pessoal e profissional.

O trabalho perfaz, pois, o movimento de buscar o fundante do comportamento materno concretado em sua facticidade e daí compreender as mães enquanto seres humanos que em seu acontecer vivenciaram um luto e um pesar dolorosos.

Com este objetivo, vi na fenomenologia o método apropriado para buscar as raízes ex-sistenciais de tais comportamentos. Este método possibilita uma hermenêutica da experiência vivida em sua singularidade, perfazendo um modo diferenciado de tratar o comportamento da mãe enlutada.

Heidegger encaminha a tese da totalidade da pre-sença, buscando a resposta para a questão do ser em geral, através da analítica ontológico ex-sistencial da pre-sença. Nesta, ele trata a questão da morte.

Na ontologia heideggeriana, a morte não é vista como o fim da vida humana, no tocante a perfazer o término de um percurso alcançado no fim de um caminho, mas, sim, como uma possibilidade que, inerente à ex-sistência, pertence ao acontecer da pre-sença desde o seu nascimento. Vista assim, a morte não é uma “cessação”, que acomete a pre-sença por efeito de algo vindo de fora, representando um modo de ser que lhe atinge enquanto ex-sistente (2: p. 22-30). Assim sendo, a morte é uma possibilidade ontológica e singular a cada pre-sença.

É através da morte do outro que se tem a experiência da morte, pois ser-no-mundo é sempre ser-com-o-outro. Portanto, o ser-mãe sendo-no-mundo-com o filho vive a experiência da morte deste.

Ao proceder à de-construção dos discursos, para chegar ao *sentido*, percebi que o ser-mãe revelou-se antes de tudo e na maior parte das vezes como um ser que, na cotidianidade, encobre para si o ser mais próprio do filho, e mantém em permanente fuga o seu ser-para-a-morte. Vivenciar a morte do filho, preso ao falatório, temendo enfrentar o luto e o pesar, e escravizado ao acabamento da entidade, é fechar-se às suas possibilidades. É não reconhecer-se como ser-para-a-morte, aceitando as limitações do humano, ou seja, ser um ser-para-o-fim. Desta forma, adere a um modo de ser inautêntico no seu acontecer temporal e histórico, ao negar o não-mais-estar-aí do filho.

É com esta postura que o ser-mãe não acredita na morte do filho, porque pensando a morte através do mundo de todos, ele jamais pode imaginar que esta um dia possa se concretizar neste ente querido. Pois, como ser-no-mundo, foi situado em um contexto cultural e histórico que perpetua tal prática, daí manifestando um comportamento compreensível. Assim, este modo de ser é reflexo de uma tradição advinda de um convívio social no qual a morte, por si só, causa espanto, fuga e medo. O repúdio a ela é tão intenso que seu nome não deve ser pronunciado, seu acontecimento deve ser reservado ao confinamento das instituições hospitalares e os sinais da sua ocorrência, abolidos em curto espaço de tempo e cercados de muita discrição.

Como entes dotados do ser da pre-sença sendo-no-mundo-com-os-outros, mantemos com estes uma relação com as coisas e com as pessoas tanto na dimensão ôptica como na ontológica, sendo que a primeira na cotidianidade tem predomínio. Durante o processo do luto, o ser-mãe mantém com o filho uma

relação ancorada na entidade, na qual vive a experiência do seu acabamento. Em seguida, adere à dimensão ontológica pautando sua relação na pre-sença do filho, retomando em seguida a dimensão ôntica. Por isso é que no início do luto o sofrimento é insuportável, levando a mãe a querer ter de volta aquele que se foi, a culpar-se, como meio para justificar o ocorrido, e a retrair-se do mundo como uma fuga da realidade presente.

É neste conflito que o ser-mãe não encontra respostas para o seu sofrimento, permeando o seu acontecer pela visão mundana do que se encontra à mão, e, neste, somente o retorno do filho morto a satisfaz. Tal maneira de compreender a morte impede a possibilidade a um remetimento ao seu ser mais próprio e ao do filho, onde são um ser-para-o-fim. Neste movimento de compreensão, a mãe vivencia o luto como um sofrimento indescritível, sendo, na maioria das vezes, incompreendida por aqueles que estão ao seu redor.

Encarar a realidade da finitude é uma tarefa árdua e penosa, e conviver com o sofrimento é por demais traumatizante. Ambos impedem as pessoas de confrontá-los, e as fazem viver um cotidiano desviadas do seu ser-para-o-fim, atribuindo um falso significado à morte.

Situados neste contexto, estão os profissionais de saúde, e em particular os médicos e enfermeiros que convivem com a morte, o luto e o pesar. É uma convivência na qual não aceitam as limitações do humano e lidam com a finitude como uma inimiga que deve ser vencida, já que é compreendida como o fim da vida. Neste entender, respaldam seu acontecer na impessoalidade do plano ôntico, encobrando e camuflando para si a morte.

Na prática assistencial, à medida que a morte vai se aproximando, na maioria das vezes, os profissionais vão se afastando da família e do moribundo. A enfermagem, quase sempre, limita-se aos cuidados indispensáveis. Os médicos

geralmente rareiam suas visitas, mantendo com ele e a família um diálogo cada vez mais restrito. Com grande frequência, resta ao moribundo o silêncio, a solidão e o medo da morte iminente.

Tal modo de ser diante da morte remete estes profissionais, na maioria das vezes, a uma assistência baseada na indiferença para com o moribundo e a família. Esta, que tem como escudo preconceitos sociais, normas e rotinas hospitalares, é em Heidegger um modo deficiente de cuidar, ou seja, é um colocar-se como ser-junto e não como ser-com. Neste entender, compartilho com o pensar de Pincus (3: p. 49), ao afirmar que:

Mesmo os profissionais que prestam assistência ... em geral se protegem tão cabalmente contra a dor e a angústia brutais da perda por morte, que evitam enfrentá-la, sendo portanto incapazes de dar apoio ao trabalho necessário do luto.

Continuando, a autora diz que estes profissionais, ainda aventurando-se a colocar em prática a referida tarefa, falham, pois: “suas próprias ansiedades não resolvidas acerca da morte e da perda podem opor-se no caminho fazendo com que se sintam desamparados face a um sofrimento desse tipo”.

Diante de tal afirmativa e do que tenho observado na prática assistencial e docente, fica claro que as instituições responsáveis pela formação destes profissionais também têm contribuído para perpetuar uma assistência desumanizada à mãe enlutada pela morte do filho. Os currículos das escolas de medicina e de enfermagem não contemplam de maneira satisfatória a temática em questão, condicionando os profissionais a manterem um compromisso com a vida e não com a morte, ficando uma lacuna na formação acadêmica.

Boemer (1: p. 99-100) e outros já citados têm manifestado preocupação com o preparo dos profissionais de enfermagem, levando-os a pensar o fenômeno morte

no seu cotidiano em uma dimensão ex-sistencial, através do método fenomenológico.

Embora lento e demorado, este processo se converte em desafio aos que pretendem buscar meios para enfrentar a morte de maneira mais humana e menos sofrida. Desta forma, resgata-se uma assistência individualizada, centrada em uma visão holística, tendo como solo a ex-sistência da qual a morte é uma possibilidade.

Considerando tal realidade, venho despendendo esforços para corrigir esta falha curricular. Acredito ser um passo inicial que alertará os futuros profissionais para a importância da temática .

Mudar a postura diante da morte é uma necessidade que vem ao encontro da prática do enfermeiro, pois o ser-mãe proclama por uma compreensão diferenciada a fim de facilitar a elaboração do seu luto e pesar. Também anseia por libertar-se de regras e normas que estabelecem o luto em etapas, para vivenciá-lo, dentro de seu tempo e espaço próprios.

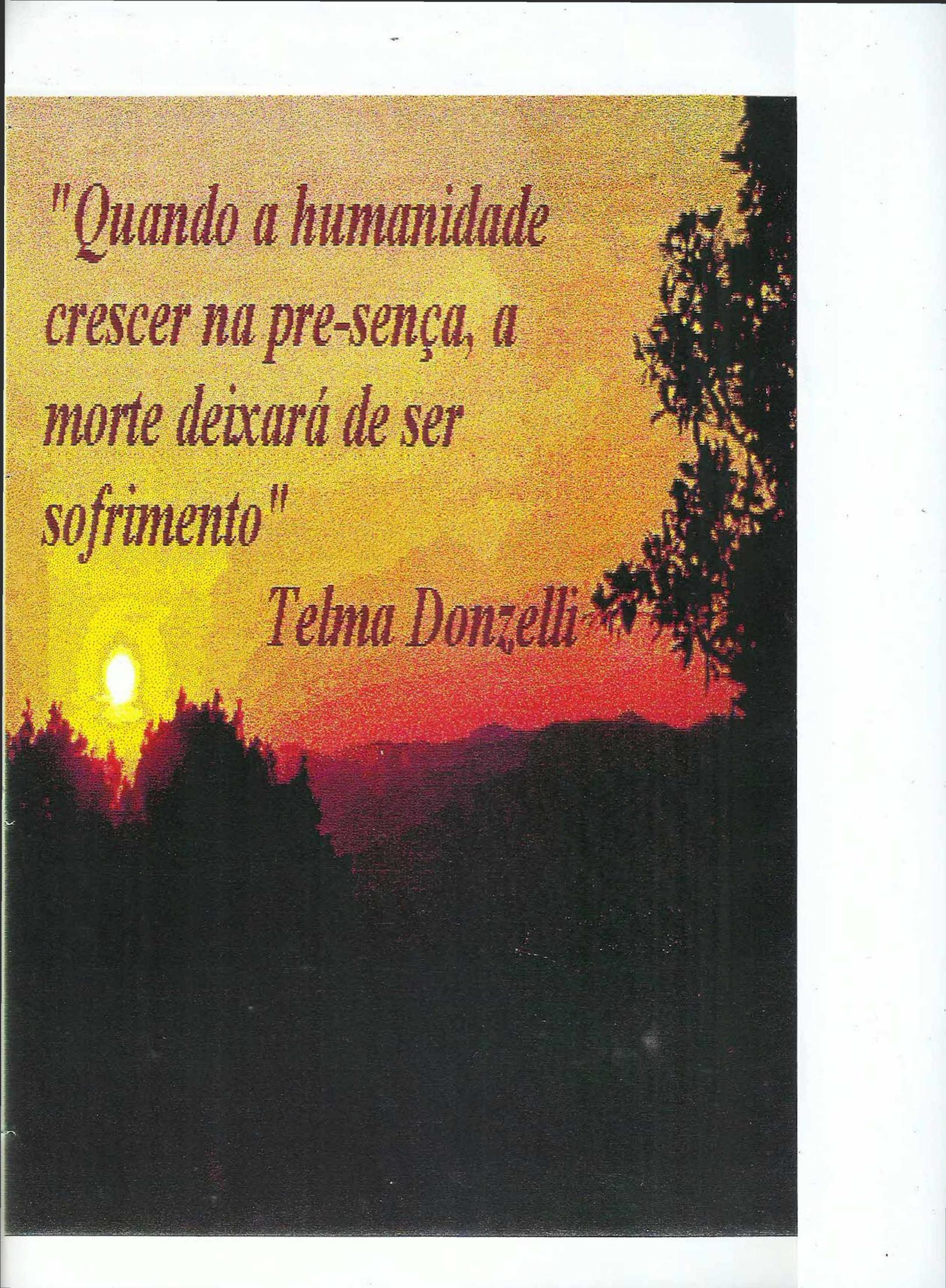
Compreender a mãe no seu modo de ser único e singular ante a morte do filho requer do enfermeiro uma postura reflexiva do seu ser-no-mundo-com-o-outro; é aceitar a morte como um atributo inalienável do ser-aí; é ir além do mundo ôntico em busca do ontológico; é transcender no seu sendo-enfermeiro.

À medida que este profissional regular sua assistência pela intersubjetividade, será capaz de compreender a dor de uma mãe enlutada pela morte do filho. Este modo de ser o conduz a relegar uma práxis centrada no modelo científico, voltando-se para a experiência vivida do outro. ”

O que deste estudo emergiu, em particular, proporcionou-me uma reflexão acerca do meu acontecer como enfermeira e docente, abrindo-me à compreensão do ser-mãe na concretude da sua facticidade. Permitiu-me ainda um despertar para a pesquisa, o ensino e assistência centrados na compreensão do outro em seu

ex-sistir. Possa também conduzir as mães a uma reflexão acerca da morte em sua dimensão ontológica, pois, como diz a professora Telma Donzelli, “quando a humanidade crescer na pre-sença, a morte deixará de ser sofrimento”.*

* Telma Aparecida Donzelli, nota de aula no curso de especialização em filosofia, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro(UERJ),no segundo semestre de 1995.

A photograph of a sunset over a forest. The sun is low on the horizon, casting a warm glow of orange and red across the sky. The foreground is dark, with the silhouettes of trees and hills. The text is overlaid on the upper left portion of the image.

*"Quando a humanidade
crescer na pre-sença, a
morte deixará de ser
sofrimento"*

Telma Donzelli

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BOEMER, M. R. **O fenômeno morte**; o pensar, o conviver e o educar. Ribeirão Preto, 1989. Tese (doutorado). Escola de Enfermagem da USP.
2. HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1993. pte. 2.
3. PINCUS, L. **A família e a morte**: como enfrentar o luto. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

BIBLIOGRAFIA

BARBIERI, A., POPIM, R. C., BOEMER, M. R. A morte no contexto da enfermagem obstétrica: uma perspectiva do cuidar. **Rev. Gaúcha de Enf.** Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 11-16, jul, 1992.

BOSS, M. **Angústia, culpa e libertação.** São Paulo: Duas Cidades, 1981.

BUZZI, A. R. A ontologia. In: **Introdução a pensar: o ser, o conhecimento, a linguagem.** Petrópolis: Vozes, 1992.

CAPALBO, C. A questão da verdade na fenomenologia de E. Husserl. In: **Teorização do serviço social.** Doc. Alto da Boa Vista. Rio de Janeiro: Agir, 1988.

CARMODY, J. **Superando a dor, as perdas e os sofrimentos.** Rio de Janeiro: Objetiva, 1994.

CORETH, E. **Questões fundamentais da hermenêutica.** São Paulo: EPU 1973.

DAMASCENO, M. M. C. **O ex-sistir do diabético: da fenomenologia para enfermagem.** Rio de Janeiro, 1996. Tese (doutorado). Escola de Enfermagem Anna Nery da UFRJ.

DARTIGUES, A. Um positivismo superior. In: _____ . **O que é a fenomenologia?** Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.

DICHTCHEKENIAN, M. F. B. (Org.) **Vida e morte: ensaios fenomenológicos.** São Paulo: Companhia Ilimitada, 1988.

DUDA, D. **Voltar para casa: um guia para o convívio com pacientes terminais.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

ECO, U. **Como se faz uma tese.** São Paulo: Perspectiva, 1989.

FERRAZ, A. F. et al. Assistência de enfermagem a pacientes em fase terminal. **Rev. Bras. de Enf.** Brasília, v. 39, n. 1, p. 50-60, jan/mar, 1986.

FORGHIERI, Y. C. Contribuições da fenomenologia para o estudo de vivências. **Rev. Bras. de Pesq. em Psicol.** v. 2, n. 1, 1989.

_____. (Org.) **Fenomenologia e psicologia.** São Paulo: Cortez, 1984

FREUD, S. Sobre a transitoriedade. In: _____. **Obras completas.** Rio de Janeiro: IMAGO, 1974. v. 14, p. 345-348.

GONÇALVES, M. M. C. Nós e a morte. **Rev. Esc. Enf. USP**, v. 28, p. 243-250, dez, 1994.

HEIDEGGER, M. **Todos nós ... ninguém**: um enfoque fenomenológico do social. São Paulo: Moraes, 1981.

HUHNE, L. M. O ser e a poesia segundo Martin Heidegger. **Rev. Filos. Bras.** Rio de Janeiro, n. 1, p. 96-109, jul, 1988.

HUSSERL, E. G. **A filosofia como ciência do rigor**. Coimbra: Atlântida, 1965.

KELMER, R. **Quem apagou a luz?** Londrina: Universália, 1995.

KIRCHNER, R. Quem é o tempo? A problemática do tempo na analítica existencial de Martin Heidegger. **Rev. Vozes Em Foco**. Petrópolis, n. 3, p. 16-18, abr/set, 1996.

LOPES, R. L. M., RODRIGUES, B. M. R. D., DAMASCENO, M. M. C. A fenomenologia e a pesquisa em enfermagem. **Rev. Enf. UERJ**, v. 3, n. 1 p. 49-52, mar, 1995.

LOPES, R. L. M. **O avesso da prevenção do câncer cérvico-uterino: o ex-sistir feminino sob a ótica da enfermagem** Rio de Janeiro, 1996. Tese (doutorado). Escola de Enfermagem Anna Nery da UFRJ.

LUIPEN, W. O ser para-a-morte, em Heidegger. In: **Introdução à fenomenologia existencial**. São Paulo EPU, 1973. p. 383-395.

LYOTARD, J. F. **A fenomenologia**. Lisboa: Edições 70, 1986.

MARCONI, M. A. LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1990.

MARTINS, J. Apresentação. In: O **"Ser doente"**: dimensão humana na formação do profissional de saúde. São Paulo: Moraes, 1985. p. 11-14.

POMPAS, M. O medo **e depois?** as
as dimensões além v -38.

POPIM, R. C., BA da morte
perinatal - epoinent : Porto Alegre,
v. 11, n. 1, . 33-40, j

RAIMBAULT, G. A c Francisco Alves,
1979.

RESENDE, A. L. M., M. Quotidiano,
morte: Várias faces, **O fio**
das moiras: o afro da saúde: Santa
Catarina: Editora da

Universidade Federal do Ceará - Biblioteca Univer
sitária
Ciências da Saúde
21/08/2008 09:34:33
Recibo de Empréstimo
Usuario
284958 LUANA PAULA MOURA MOREIRA
Descrição do(s) Exemplar(es)
567086 - O sentido do comportamento materno dia
nte da
morte do filho.
Num. Chen.: T155.937 L892s T
Tipo de Empréstimo Empréstimo Especial
Data Empréstimo 21/08/2008
Data Dev Prev. 04/09/2008 17:33:38
Atendente : edvaldo
Para renovação empréstimo dirija-se
a Biblioteca. Renovação na INTERNET
suspensa provisoriamente.

- × RESENDE, A. L. M. et al. Ritos de morte na lembrança de velhos. **Rev. Bras. Enf.** Brasília, v. 48, n. 1, p. 7-16, jan/mar, 1995.
- ✓ SOUSA, I. E. de O. **O desvelar do ser-gestante diante da possibilidade amamentação.** Rio de Janeiro, 1993. Tese (doutorado). Escola de Enfermagem Anna Nery da UFRJ.
- SOUSA, M. P. O devir existencial do velho perante a morte. **Rev. da Assoc. Portuguesa de Psicol.**, v. v, n. 2, p. 147-150.
- ✓ SPÍNDOLA, T., MACEDO, M. C. S. A morte no hospital e seu significado para os profissionais. **Rev. Bras. Enf.** Brasília, v. 47, n. 2, p. 108-117, abr/jun, 1994.
- STEIN, E. **Seis estudos sobre "Ser e tempo":** Martin Heidegger. Petrópolis: Vozes, 1988.
- STEINER, G. **As idéias de Heidegger.** São Paulo: Cultrix, 1978.
- TORRES, W. da C. O tabu frente ao problema da morte. **Arq. Bras. Psic.** Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, p. 53-62, jan/mar, 1979.
- _____. O conceito de morte na criança. **Arq. Bras. Psic.** Rio de Janeiro, v. 31, n. 4, p. 9-34, out/dez, 1979.

TORRES, W. da C., GUEDES, W., GUEDES, W. G. O psicólogo e a terminalidade. **Arq. Bras. Psic.** Rio de Janeiro, v. 39, n. 2, p. 29-38, abr/jun, 1987.

TORRES, W. da C. et al. Atitudes frente à morte: implicações na formação de equipes profissionais multidisciplinares. **Arq. Bras. Psic.** Rio de Janeiro, v. 47, n. 1, p. 43-72, fev, 1982.

_____. A criança terminal: vivência no luto antecipado. **Arq. Bras. Psic.** Rio de Janeiro, v. 42, n. 1, p. 31-36, fev, 1990.

_____. Morte como fator de desenvolvimento. **Arq. Bras. Psic.** Rio de Janeiro, v. 39, n. 2, p. 146-152, abr/jun, 1983.

TROTIGNON, P. **Heidegger**. Lisboa: Edições 70, 1987.

VATTIMO, G. **Introdução a Heidegger**. Lisboa: Edições 70, 1987.

ZUBEN, N. A. V. Diálogo e existência no pensamento de BUBER. In: FORGHIERI, Y. C. (Org.) **Fenomenologia e psicologia**. São Paulo: Cortez, 1984. p. 71-85.

ANEXO

APRESENTAÇÃO DOS DISCURSOS MATERNOS

MIRTES

Inicialmente, o processo não foi assim ... uma morte lenta (...) porque foi um processo em torno de um ano de doença. Então, não foi (...) como um acidente, foi uma doença (...). Uma doença longa e ao mesmo tempo curta porque só durou um ano (...). Mas todo o processo da doença (...) quer dizer, era um morrer lento (...) quer dizer, a morte em si era tipo (...) o coroamento da morte final mesmo, a morte real (...). Porque antes da morte ela já vinha com um processo lento, porque não havia como, é ... não tinha saída em nenhum lugar do mundo (...). O tratamento que fazia aqui, fazia em qualquer outro lugar. Então foi um processo muito dolorido porque ... quer dizer, não havia esperança de ... de não acontecer o que se esperava (...). Então foi um período de (...) de desgaste muito grande emocional, físico, não só de quem tava doente, da filha (...) como de todo mundo, da família, marido, irmãos, avós, todo mundo envolvido. E a sentença que foi dada com relação à doença, que era leucemia, é, do médico colocar a mão (...) (mostrou como o médico fez) na cabecinha dela e dizer: “Olha, não adianta ir para os Estados Unidos, para qualquer outro lugar, o que se faz lá, faz aqui?”. Então é esperar, esperar esse dia (...). E a gente saber que tinha que esperar o dia, eu principalmente que entendia tudo e pras pessoas de casa, não matar a esperança que os outros de casa tinham, avó, marido, essa coisa, e ficar sempre é, segurando o contexto todo (...). O meu, não, porque eu já tinha ... não tinha como (...). Porque melhorava e aí tinha recidiva. Teve mais ou menos umas três recidivas, tinha aquela melhora maravilhosa, e daí a pouco começava tudo de novo. E realmente o sentimento de ... de que ia perder (...) a pessoa (...) mas ao mesmo tempo ... (Pausa). É, sempre fui muito realista, então achava que pra viver daquela forma, se pudesse viver muito tempo, era uma vida muito ruim pra ela (...). Então, era melhor que acontecesse, mas que eu não queria estar próxima. E realmente eu, tive a sorte de não estar.

Por que você não queria estar próxima?

Porque eu achava que eu não tinha estrutura para assistir a morte dela. Apesar de me achar forte para enfrentar a doença e esconder da família a gravidade. Eu tinha uma

impressão de que não ia conseguir... Eu tinha medo da minha reação na hora, como eu ia enfrentar isso.

E quando você recebeu a notícia, o que sentiu?

De certa forma, um alívio, por ela. Pelo sofrimento que ela vinha passando, durante um ano. Não de achar bom, mas de alívio, de sentir que tudo que tinha de acontecer aconteceu. Não ia acontecer? Não era para acontecer? Em vez de passar dois anos, três, passou um. E realmente da notícia por telefone foi de alívio. Mas, era um medo que eu tinha na hora H. Mas um medo que eu não sei explicar.

Por quê?

Justamente pelo medo de não saber como iria ser. Eu não sei explicar isso. Eu me lembro de que era bem forte em mim que eu... quando eu rezava eu pedia assim: "Se pudesse eu não queria..." Eu sabia que ela ia morrer, mas eu não queria estar perto. Ela foi fazer um tratamento fora e ... aconteceu em Minas, em São Lourenço, numa estância, uma ... tipo um hospital naturalista (...) que cuidava muito dessa parte ... Mas o processo todo foi ... não foi a morte em si (...) Todo um ... Um caminho (...) desde a hora que diagnosticou, até a hora que realmente aconteceu. Há um sentimento que não é localizado, foi naquela hora que morreu, que se sente tudo. É um sentimento bem ... e também não pára com a morte.

Como assim?

Na hora da morte o sentimento não é localizado. Não dá pra localizar esse sentimento, pelo menos em mim. Na hora que morre, a sensação, o sentimento, não sei se nesse dia era a mesma coisa, mas eu acho... de modo geral é de, nem sei...

Como é este sentimento de perda?

O sentimento de perda ele não preenche. Eu senti que perdi, sabia que ia perder. No momento é de desespero, só. Não vou dizer que foi de revolta. Porque aí não, eu não estava mais nessa. Eu acho que até tinha passado a coisa da culpa. Tava me entregando mesmo. E é mais o desespero, embora aquele desespero de aceitação, tem que se conformar e aceitar a coisa. É desespero por perder.

Desespero, como assim?

Um sentimento de perda nessa situação não é de dor, eu acho que é pior. Porque a dor a gente sente. É aquele vazio que não preenche, é caótico. Porque a dor a gente sente, é assim, passado pelo menos por mim. O sentimento, o desespero, mas, o vazio que estava dentro de mim, não era dor, não era desespero de revolta. Era realmente aquela coisa que o mundo fica diferente, as pessoas ficam diferentes, você não encontra sentido por um determinado tempo. É o vazio. Eu acho que o vazio é pior que a dor. Porque a dor tu pode curtir. Curtir assim, sentir essa dor. E no caso do vazio, ninguém sabe o que é. Aquela idéia que a gente sente como se fosse na região do estômago, da porta do coração. Mas não é. A gente localiza por uma necessidade, mas não é, ela toma tudo. Não dá pra localizar, pelo menos em mim não dá. Agora essa perda, quer dizer, eu tive mais dois filhos, jamais é preenchida. Tive mais dois filhos depois dela mas não preenche, nada preenche.... Eu me sentia impotente, incapaz, eu fui incapaz. Me julgava incapaz de ter feito mais por ela. Embora eu soubesse que nem a medicina podia fazer... entendeu? Eu usei de todas as alternativas que eu podia usar para que isso não acontecesse. E o sentimento é de incapacidade, de impotência de ...se tiver outra palavra que seja sinônimo serve também. Você é mãe, você acha que mãe faz tudo pelo filho, pode fazer tudo. Ela faz.

Faz tudo como?

Porque muitas vezes se diz assim: "Se eu pudesse morrer por ela eu morreria." Isso as mães dizem, de um modo geral. Por causa dessa relação mãe-filho, está super comprovado que é bastante complicado. Então eu acho que o sentimento é isso, de impotência, de incapacidade, de não poder fazer algo por aquela pessoa que está vulnerável àquilo. Que, depois, vem todo aquele processo de procura (...) saber onde que eu tinha errado. Me culpar, achar que, se era uma menina que tinha uma saúde perfeita como é que adoce assim de uma doença, que eu sabia pouco quais eram as causas, ao mesmo tempo nem a área médica sabe definitivamente por que (...). E o processo depois também é ... continua, ele não pára ... morreu, acabou (...). Pra mim é como se tivesse sido hoje. Faz o que, doze anos? Nada, foi

em 82, treze, vai fazer treze anos, e realmente fica ... Embora eu tenha procurado encarar, passado o momento da culpa, ah! eu tive ... um, que eu fui culpada

Por que você se imputou dessa culpa?

Porque uma pessoa que tinha saúde como as outras irmãs, e de repente adocece... eu acho que segue o mesmo raciocínio. Se eu como mãe que protejo, que estou ali assistindo, mesmo que eu não queira ser uma supermãe, que eu não seja uma supermãe, mas há muito essa coisa de superproteção. De cuidar bem, de estar atento a tudo. Eu, apesar de ser enfermeira, não me dei conta, eu acho que se eu não fosse enfermeira talvez eu nem tivesse percebido. Talvez achasse que era Deus que queria levar. Mas como eu conhecia um pouco da área, como que eu não percebi? Ela tinha crises freqüentes de amigdalite, tomava muito antibiótico. Era o antibiótico? Foi uma dedetização que se fez? Então era procurando descobrir dentro do mundo da gente a relação de onde que eu tinha falhado, se é que eu tinha falhado. Procurando a causa. A culpa era com relação à causa. O que a tinha levado à morte. Se era eu que tinha proporcionado isso. Por ter dado muito antibiótico, a dedetização que eu fiz, que eu não queria fazer e que se acabou fazendo. E aí, ao mesmo tempo nem o médico, nem a medicina sabe as causas. Eram essas coisas que se passavam na minha cabeça. Era tentar encontrar a resposta.

Por que você queria encontrar essa resposta?

Num determinado momento que eu passo da fase que realmente eu deixei de me culpar, raciocinando. Porque até esse momento não era raciocínio, era realmente querer uma coisa de assumir. Até o assumir era para aliviar, embora não aliviasse. Assumir assim, como que pra isentar, porque morreu de ... de alguma culpa, se é que pode ter. Principalmente ela porque era uma criança. Mas o fato também de depois não ter mais culpa, é porque aí tem a questão do racional, de avaliar. A medicina não dá conta, por que que eu tenho que dar? Era tentar me segurar e conseguir depois é ... encarar isso como uma coisa que não poderia deixar de acontecer, pensando não só o lado (...) como é que se diz, de egoísmo da gente, de querer a pessoa sejam quais forem as circunstâncias, ou inválida ou ... E eu não conseguia falar, por muito tempo eu evitava falar,

realmente eu não tinha estrutura pra falar. De uns tempos pra cá, eu já consigo, falo. Foi um trabalho, assim, muito, muito longo também de aceitar aquilo (...) de não me culpar mais, de achar que realmente tinha de acontecer, não como uma coisa assim determinada. Eu acho que alguma coisa aconteceu, realmente, pra que ela adoecesse e morresse. Mas, não foi fácil aceitar, tanto que eu tive depressão dois anos depois. Eu tive uma depressão que foi justamente tentar segurar tudo em relação à família, e a mim, achando que era muito forte e tal e, dois anos depois eu tive uma crise depressiva tremenda, que tinha a ver com o luto que praticamente eu fugi pra não ter, achando que eu ia encarar muito bem e realmente todo fundamento era isso, a causa. Talvez não só isso, juntou outras coisas, mas foi assim muito, muito claro pra mim que tinha sido essa fuga de ter aquele luto que eu tinha que ter (...). Mas eu encarei porque eu tinha outros três filhos, três filhas, por sinal todas mulheres, tinha que tocar a vida profissional e tal e fui achando que ... Quando um belo dia eu não consegui mais segurar. Realmente foram seis meses de depressão. Mas também que não me deixou ... essa depressão não me tirou de nada da minha vida, eu continuei normal.

Como assim?

Porque foi uma depressão endógena. Eu tinha consciência do processo, do luto que praticamente não tive. Procurei não ter, pra não entrar em contato com a coisa e, fui protelando, fui protelando... Em algum momento que outros problemas possivelmente interferiram, também não era só isso, mas por que já tinha um certo tempo. Mas isso também veio à tona. Eu procurei o médico . Eu sempre estava muito ligada nisso. Eu não tomei remédio e nunca deixei de fazer nada. Mas eu tinha certeza que eu estava com depressão, porque eu tinha todos os sintomas de depressão. De não ter vontade de não fazer nada, mas eu fazia contra a minha vontade. Fiz terapia. Eu não tomava remédio mas eu fiz terapia, eu fiz Gestalt terapia, fiz individual e fiz de grupo. E fiz depois análise sistêmica. Isso ajudou. Eu tinha plena consciência que eu não podia deixar de fazer as coisas que eu tinha que fazer. Mas era uma depressão endógena, ela não era externa. Ela não era uma coisa que me impossibilitasse, como em muitas pessoas. Foi terrível sair dela, mas eu saí... Mas muito difícil, sempre muito presente essa história. E não tem um dia que eu não lembre, eu

lembro. Mas assim, as alternativas que eu busquei pra encarar a perda foi procurar, assim ... colocar como se fosse uma viagem que ela tivesse feito e que não ia voltar, não como morte (...) nem como ... é uma morte como diz (...) que ela está em outra vida, morte depois da vida, não era isso. Era que realmente ela tinha um ... fez uma viagem pra um lugar muito bom e não ia voltar, jamais. Ai eu fui, peguei os retratos todos, botei dentro de casa, tirei dos álbuns, expus *posters*, espalhei na casa toda pra conviver com isso. Tanto que os filhos que nasceram depois dela, que nem conheceram, tratam como se conhecessem (...) porque já nasceram com aquela ... não a coisa doentia, a coisa assim bem natural. Quando uma pessoa pergunta ... não ... é minha filha que viajou, até usava muito essa expressão. Não dizia morreu, dizia que viajou, resolveu viajar e não voltar mais.

Dizia? E agora?

Não. Usei durante muito tempo, tempo muito longo. Não sei precisar quanto. Hoje eu já digo que ela morreu, tranqüila. Hoje não, já há algum tempo. Mas por muito tempo eu sempre dizia, não morreu, viajou. Quando me perguntam: “Quantos filhos você teve?” Eu sempre digo: “Cinco, mas uma morreu”. Eu digo claramente. Meu marido não diz. Ele ainda coloca como se ela ainda estivesse aqui. Eu já passei da fase. Realmente eu digo morreu tranqüilamente, falo do assunto tranqüilamente. No começo é meio duro (...) mas depois ... eu já encaro com tranqüilidade. Porque, realmente, não dava para o tipo como ela era uma criança talvez tá vivendo nesse mundo de hoje ... talvez ... não sei.

Por quê?

Eu acho que isso aí são mais alternativas que a gente encontra pra aceitar a coisa. Seria o mesmo, talvez se fosse traduzir, de dizer que Deus levou. Como sou um pouco mais intelectualizada... a mulher pobre ela diria que Deus levou. Eu digo de outra forma, eu acho. Penso eu que deve ser a mesma coisa. Porque era diferente, não era desse mundo. Ai você começa a fazer alguma associação, que ninguém sabe se tem relação. Ah! porque nos retratos ela sempre estava diferente dos outros. Talvez seja até um sinônimo de “Deus levou”, não sei. Ela deveria ter o que, uns 16 anos ou 17, 17

(...) ela tinha 4, faz treze. Mas ... hoje eu já encaro legal ... tô nem Passou o sentimento de culpa, eu achava que eu tinha (...). Mas ... a gente tenta de tudo.

De tudo o quê?

A gente tenta de tudo para se livrar da culpa. Na época, não, eu já sabia de tudo isso mas eu ficava muito do outro lado, da culpa. Procurando a causa, me sentindo culpada já que eu não tinha protegido o suficiente nessa relação. Fazer de tudo, era buscar pra mim alguma resposta para que eu me sentisse em tudo. Era procurando ver ... o que eu já sabia que a medicina não dava conta, eu também não podia dar, eu sozinha. E procurando me trabalhar de todas as maneiras, assim, conversar com o próprio terapeuta de que realmente eu não tinha culpa. E chegar o momento de aceitar. Ter o conforto de que eu vou morrer também um dia, não vou escapar disso. Só que ela foi antes. Não dá pra dizer assim: "Ah! foi Deus que quis levar". Aquela (...) mentalidade que as pessoas às vezes têm, as menos esclarecidas, Deus que quis levar. Não, eu acho que ... uma circunstância qualquer, adoeceu, sofreu um tempo (...) e morreu. E que eu espero que se eu ... se tivesse outra vida ... quando eu morrer, que eu vou morrer (...) e ... ninguém sabe se tem, se há essa possibilidade ... de um encontro. Mas ... é um processo longo ... pra mim foi. Hoje eu não lamento de ficar achando que ela ... deveria estar com a gente. Mas é uma lembrança P-E-R-M-A-N-E-N-T-E. Não tem um dia que eu não lembre (...) não com masoquismo, querendo sofrer eu ... mas a presença é constante. Quer dizer com a morte fixa (...) mas (...) em termos espirituais ela não morreu. Não, pra mim tá firme. O que mais?

Você tem mais alguma coisa que queira acrescentar?

Não. O significado da morte (...). Porque isso aconteceu numa época em que eu perdi outras pessoas, quer dizer, meu pai também eu perdi nessa mesma época, foi tudo muito perto, então, foi assim ... um caos (...). Viver sempre nessa coisa de ... de perder alguém.

Como assim, não entendi. Você pode esclarecer?

Bem, na hora que você perde é o desespero, é o vazio e é mudar, sabe, assim como se muda, pra mim, essa situação de

morte, dela especificamente. Mas outras pessoas quando morrem pessoas amigas. Ai muda tudo. É vazio. Pra mim, morrer ...A minha filha foi um vazio. Mas, morreu outra pessoa que eu goste, que era amiga, ou que eu tinha uma certa afinidade, é vazio para mim também.

O sentimento pela morte do seu pai foi igual ao da sua filha?

Não, não foi.

O que faz a diferença?

Talvez uma coisa mesma da gente achar ... por exemplo, o meu pai já tinha vivido 67 anos, a minha filha ela viveu pouco. E aí, tem muito aqueles planos que a gente faz do filho. Embora ela fosse pequena, mas passa na cabeça alguns planos que a gente faz do filho. E que não vê ser realizado, no caso dela, que era muito nova. Adoeceu com 3 anos e morreu com 4 anos. E o meu pai era mais assim de pena. Por ele gostar de viver, de trabalhar muito. Eram toda's diferentes. Eu perdi meu avô na mesma época, no mesmo ano. Foi um ano terrível. E eu senti também que é vazio, mas, é um vazio diferente. O vazio é o mesmo, o sentimento é que muda. Da filha, do pai e do meu avô. Meu avô tinha noventa e tantos anos. O sentimento pelo meu pai foi de pena porque ele gostava de viver, ele não queria morrer. Da minha filha porque ela ainda tinha tanto pra viver. E do meu avô foi tipo assim, até uma alegria porque ele já tinha vivido até mais do que poderia ter vivido. São três bem distintos. Agora o vazio a gente sente porque é a perda. O sentimento, uma foi de desespero, a outra mais de uma conformação e o outro do avô foi uma coisa mais tranqüila. Lamentar, mas já viveu tanto. Uma aceitação mais já conformada, sem grilo. Foi ... foi duro por isso, várias perdas na mesma época. Mas a recuperação depois é muito difícil... ninguém recupera assim ... Ah! Porque quer ... não, isso é normal. Vai, vai ...ficar ... o tempo. Realmente o tempo,é quem (...). Aquele tempo que não é determinado, é um mês, é dois, são dois meses, são três, são quatro, não ... o tempo. Um belo dia a gente se dá conta que passou por tudo aquilo e que ... se tivesse que passar acho, que nem cogito nessa possibilidade (...). Eu, pelo menos. Mas ... são lembranças assim muito doloridas, muito ... que machucam (...). Tanto que eu procuro sempre me lembrar num aspecto positivo. Se é

que, morrer, tem alguma positividade, ou alguma coisa de bom (...).

Como assim?

Era positivo para mim, pela experiência de morte que eu tive. Eu tive moribunda, às portas da morte, e tinha total consciência de que eu ia morrer. E estava conformada com isso e não tinha medo. Até o momento que eu lembrei que tinha filhos pequenos, aí eu entrei em pânico. Então era positivo eu morrendo. Não era uma coisa pavorosa morrer. Agora eu perdendo a filha, era outra história, entendeu? Mas sempre me lembrar nesse aspecto. Não do masoquismo, de, é ... eu fiquei até um tempo (...) indo muito ao cemitério. Aquela coisa que a gente acha que um dia vai resolver, num resolve. Deixei de ir ao cemitério, vou esporadicamente, raramente. Mas, eu ia diariamente, um certo tempo da minha vida (...) logo depois do acontecido.

Por que você ia ao cemitério todo dia?

Eu esperava me conscientizar da morte dela. Que ela estava morta. Que ir rezar, regar a grama, levar flores, acender velas, botar o retratinho, isso não ia trazer ela de volta. Tinha que chegar esse dia que eu ia ver isso. Embora que você saiba que não vai acontecer isso, mas há tipo um delírio, uma alucinação que parece que um dia ela vai sair dali, debaixo daquele jazigo. Não vai nunca. Eu tinha que ir um certo tempo pra me dar conta de que não valia a pena. Valia, sim, enquanto eu estava naquela ilusão, naquela coisa de que... eu precisava ir. Então se eu precisava, eu ia. Chega o momento que eu disse: "Não, não, isso não tem razão de ser". Do que adianta ficar aqui (...) todo dia, aquela preocupação de regar a grama do jazigo, e tal. Um belo dia eu vi que não, que tem que parar mesmo, não tem como recuperar e tocar a vida pra frente sempre pensando (...) que se tem outros filhos, que se tem ... é se voltar para esses outros filhos. Também não se pode ficar dividida (...) então é melhor ficar só com a lembrança boa, e ... parar.

MARLI

Se esta entrevista fosse há algum tempo atrás, eu não teria condições de falar, porque a dor é muito grande. A morte da minha filha realmente pra mim foi um negócio que ... Você sabe que acontece com todas as mães, com todos os pais, a toda hora acontece isso, mas você nunca espera que vai acontecer com você, entendeu? Então para mim foi... Eu li uma vez, visitando ... porque eu sempre vou ao cemitério visitar o túmulo dela. Então li no túmulo de uma criança o que uma mãe escreveu, botou sobre a pedra, porque eu acho que toda mãe nessa hora sente isso: "Aqui tem o corpo de uma criança e o coração de uma mãe". Eu acho que tá a gente ali também (voz embargada). Porque a gente volta a rir (...) mas eu não esqueço da minha filha um dia, tanto quando eu acordo como às seis horas, que é a hora dos Anjos (...) eu não esqueço da minha filha. Já fez quinze anos que ela morreu e eu não me esqueci dela um dia da minha vida ... um dia! Então é uma dor muito grande mesmo. Na hora que você perde, você se revolta, você fala um monte de bobagens, que até Deus ... "Ai! por que comigo? Eu não quero mais filho". Mas depois eu mesma pedi perdão a Ele. Quem sou eu, você me deu dois filhos perfeitos, entendeu de ficar agressiva desse jeito (...). Tanto é que depois Ele me deu mais um perfeito, com saúde. Então nesse intervalo ... nesses anos todos, a única coisa que eu acho é que a vida dela agradava a Ele. Então eu tenho certeza que eu tenho uma filha na Glória do Senhor. Tenho um anjo lá que olha pela gente (choro). Agora, há pouco tempo mesmo, em setembro, ganhei uma neta também, perfeita e com saúde, uma menina também. Porque logo que eu perdi ela veio um menino, e agora Deus me deu uma neta, eu peguei no colo. Os desígnios de Deus ninguém sabe (...). Mas a dor é muito grande, muito grande (silêncio). E a morte dela como foi (...). Porque uma criança que estava perfeita, nunca tinha estado doente e começou com febre alta, um dia depois do aniversário da minha filha. À noite começou com febre alta, eu botei farmidom, aí caiu um pouquinho, daqui a pouquinho voltou e de manhã ela começou: "Mamãe, mamãe, dói, dói, dói" e vomitou. Eu levei ela no INPS aqui de Botafogo, crente que meu marido estava de plantão lá. Ele não estava, foi dar aula em outro lugar, mas como todo mundo sabia que eu era esposa do Carlos, atenderam na hora. Chamaram vários médicos. Eles depois me chamaram:

“Ah! mãe é suspeita de meningite”. Ai eu liguei pra cá (casa da sogra), minha cunhada ligou pra minha sogra lá no H.U.. A Dona Ana conseguiu falar comigo e mandou levar ela pro H.U., hospital universitário. Chegou lá nenhum médico queria acreditar que ela tava com meningite. Tanto que ainda ficou um bom tempo pra fazer o teste, aquele da espinha. Quando fez, deu. Ai, ela ficou internada, minha sogra pediu pra mim ir para casa pra pegar roupa, porque a gente tinha que ficar uns dez dias mais ou menos com ela e tinha que fazer um revezamento e eu tinha que pegar roupa e tomar banho pra ficar lá. Eu não queria vir, mas ela disse: “Não, você tem que ir pra pegar roupa”. E eu vim, meu marido veio também. E ele recebeu uma telefonema, disse que era da faculdade. E eu falei: “Então enquanto você vai à faculdade avisar que você não vai, eu vou pra Igreja rezar”. Quando eu estava nos pés de Nossa Senhora pela, pela ... não acontecer nada com minha filha, vem uma amiga minha me chamar. “Marli, Marli” ... meu coração parece que teve um aperto tão grande. Eu falei: “Já sei, minha filha morreu”. Algumas moças começaram a rezar. Eu larguei minha filha mais velha na Igreja, tão desnorteada que eu estava, quase que fui atropelada. Cheguei em casa. Minha avó estava em prantos. “Minha filha morreu?” “Não”, ela disse. “É pra você ir pro hospital”. Ai eu peguei um táxi e fui pro hospital. Tava o pessoal da enfermagem já me esperando. Eu falei: “Cadê minha filha?” Nisso passou uma maca com ... “Isso é minha filha?” “Não, sua filha está no quinto andar com sua sogra”. Quando eu fui pra lá, meu marido estava aos prantos, dizendo que ela tinha morrido. Quer dizer ... em menos de 24 horas, eu perdi minha filha. Nunca tinha estado doente. Mas tem coisas que a gente às vezes não aceita ... eu ... Super bem cuidada, de repente aparece essa doença e leva ela embora. Foi isso que aconteceu. Você queria saber mais alguma coisa?

Você tem mais alguma coisa que queira acrescentar?

Não. Não tenho, tenho não. Só saudade (silêncio). Eu fiquei num estado que tempos depois quando meu marido me procurava, eu o recusava, dizendo: “Não, não, não quero outro filho, nenhum filho vai substituir minha filha”. Fiquei por muito tempo sem vontade de fazer nada. Não comia, não saía, a única coisa que não deixei de fazer foi tomar banho. Mas a dor é muito grande. Meu marido foi maravilhoso comigo, ele esperava eu dormir para chorar,

pois não queria chorar na minha frente, pois ele tinha que aparentar ser forte pra mim. Minhas amigas me alertavam ... “Marli, o Carlos tá um caco” (Pausa). Por que você escolheu fazer essa pesquisa? Você já perdeu algum filho? Não, não perdi nenhum filho. É que esse tema da morte vem me acompanhando há muito tempo. Ele me atrai. E desde pequena eu sempre escutava minha mãe falar da dor que ela sentia pela morte dos dois filhos. Como também escutei outras mães dizerem que é uma dor diferente da dor quando você perde qualquer outro membro da família. Na minha vida profissional, continuei lidando com a morte. E aí nesse curso de pós-graduação surgiu a oportunidade de fazer uma pesquisa, e eu optei por trabalhar a morte, e dentro desse tema, o significado pra mãe da morte do filho. Sei que é um tema que não é fácil ser trabalhado, mas eu chego lá, se Deus quiser. Quero agradecer a você por ter me concedido essa entrevista.

Que nada, foi um prazer colaborar. Que Deus te ilumine a terminar teu trabalho, e as crianças também. Sucesso. Tenho certeza que você vai conseguir.

MADALENA

A perda é, como a própria palavra diz (...), algo que não se recupera mais. Perdeu e tá perdido, e é uma coisa muito difícil (...). É muito difícil a expectativa da perda, a perda em si e a pós-perda (...). Então se convive, passa a sua vida, você passa a conviver com essa perda (...). Tem que fazer um esforço muito grande (...) para superar, eu acho que é uma dificuldade que a vida impõe pra gente (...). Agora, é lógico que dessa dificuldade a gente pode até trabalhar em cima dessa dificuldade e criar outras perspectivas de vida (...) em cima dessa dificuldade. Talvez até por conta dessa minha formação (...). Tinha uma ... uma frase (...) da minha mãe e que ... me serviu muito quando eu tive a perda (...). Era que, era assim, era até em francês (a depoente traduziu assim) "Interpretei todas as coisas da melhor maneira que elas possam ser interpretadas". E que com essa forma ... com esse suporte você pode encontrar saídas pra uma coisa que parece não ter saída, que é uma perda. Uma coisa muito dolorosa, e ... pra mim foi muito difícil, muito difícil mesmo, um sofrimento muito profundo (...) uma dor imensa (embargou a voz, gesticulou levando a mão direita ao peito) e, é sempre uma dor ... solitária (...) você ... ninguém pode te ajudar com isso (...). Você aceita (...) que alguém venha pra você e te fale. Mas você sabe que aquela é uma dor tua. É muito difícil ... muito difícil (silêncio). Mas ... eu acho que também a gente tira de dentro da gente as forças pra superar. Num é que alguém vá te ajudar, que (...) você vai adotar uma criança, você vai cuidar bem dos outros. Você pode até fazer isso, isso é bom. Mas, trabalhar aquela perda, é um trabalho seu, trabalho solitário de quase todos os minutos da tua vida (...). Então tudo que você vê lembra (...). Você vê uma criança, lembra. No caso da minha filha, que morreu com 11 anos (...) uma adolescente linda, bonita. Tenho até o retrato dela aqui (abre um álbum de fotografias e mostra vários retratos da filha). Taqui o retratinho dela. Aqui quando ela tava no colégio (voz embargada). Uma criança que nunca teve nada (...) que pudesse ameaçar a vida dela (...). É a quarta (...) de uma família de quatro, a única menina. Então ... (silêncio) não tinha nenhuma expectativa (...) de que um dia ela viesse a ter um problema tão sério como ela teve, que foi um tumor cerebral (...). Então acho

que ... que essa perda é uma coisa realmente muito doida (...). Eu não sei de outras pessoas que não sintam assim (...) se foram preparadas pra ter perda. Eu não tava preparada pra perder, eu não queria perder, achei ruim ter perdido (...). Hoje eu aceito como condição da minha própria vida (...). Quer dizer, a vida e a morte são duas faces de um mesmo processo, que é a existência (...).

A senhora fala preparada. O que seria esse preparado?

Eu mesma não sei (...) que seria preparado (riso), eu acho que não existe esse preparo (...) não existe esse preparo. E mesmo quando já se acenava (...). O diagnóstico dela, um diagnóstico difícil (...). Tumor cerebral é um diagnóstico difícil. Eu sempre procurava pensar que não era (...). E aí tenho assim um pouco de culpa em relação a isso, porque eu sendo enfermeira (...) fui excelente aluna de graduação, sempre tive excelentes notas, eu estudava as coisas e entendia (...) sabia ver os sintomas (...). E na minha filha eu não conseguia ver que ela tinha um diagnóstico tão ... Então ela foi tratada como tendo uma encefalite viral, eu aceitei que ela tivesse uma encefalite viral, depois trataram como Síndrome de Sydeham, poxa, eu sabia Síndrome de Sydeham. Mas não relatei que a menina podia ter um tumor cerebral. Então eu tenho assim uma ... uma tristeza (...) minha chance, como é que não vi que ela tinha (...). Porque o tumor cerebral, fundamental é o diagnóstico precoce (...). Então uma das culpas que eu tenho em relação a isso (...) quer dizer é ... como que eu não vi que era uma coisa (...) E eu que ... me considero uma pessoa capaz de observar sinais e sintomas (...) distinguir (...). Eu realmente não vi antes do médico, mas eu acho que eu deveria ter visto. É uma culpa que eu tenho. Já trabalhei em cima dela, entendeu? Mas, quer dizer ... se eu tivesse visto que era um tumor (...) percebia, pois tinha parestesia, tinha dificuldade de deambulação, tinha uma dor de cabeça constante (...). Aí vem o médico: "Não, isso é ... encefalite viral". Também tem (...) da dor de cabeça também, fica sem febre (...). Eu, às vezes, até acho que eu percebia (...) porque tinha uma preocupação de verificar muito a temperatura dela (...). E é uma coisa, como as quedas bruscas de temperatura são características de uma lesão (...) cerebral. E eu observava isso, não sei se era uma coisa inconsciente (...) ou se eu percebia, mas ao mesmo tempo, o meu ego não permitia que eu percebesse. É uma coisa difícil de trabalhar isso. Eu sei que ficou uma culpa nessa parte, eu tenho trabalhado em

no
ter
do
...
...
...
er
...
ou
am
eu
foi
do
sse
isa
por
ha
ão
de
ver
eu
ão
ão
ão
io,
ie,
ro.
eu
os,
ro
já
is
ro
as
s"
ra
le
ir
io
r,
lo
se
se
ze
a,

cima disso, eu acho que eu ... Hoje eu acho que eu como mãe não tinha obrigação de ver (...). Mas eu gostaria de ter visto logo o problema dela. Talvez ela ... tivesse sido socorrida a tempo (...). Isso realmente é uma coisa que ... que eu me lembro assim com tristeza (...) como se eu ... tivesse obrigação de ter visto ... e não vi (silêncio). Agora ... também a lembrança dela é uma lembrança bonita, quer dizer, ela é uma pessoa importante pra minha família (...). Importante pra mim, não é porque ela morreu que ela deixou de ser importante. Então sempre eu ... quando perguntam quantos filhos eu tenho, eu digo: Tenho quatro (...). E se eu falo nela eu mostro as fotografias dela (...). E ... acho que foi importante ela ter nascido (...). Foi importante eu ter sido mãe dela (...). Mas, é ... foi uma pena que ela não tivesse superado essa dificuldade, essa doença. E uma coisa também, quer dizer, uma verdade que eu ... que, caiu por terra com a morte dela. Eu tinha, como enfermeira, eu tinha uma certeza de que quando uma pessoa não quer, não quisesse morrer, ela não morreria. Eu até tinha vontade de escrever sobre isso. Diziam: Ah! fulano de tal tá com câncer há não sei quantos anos (...) resistiu à morte (...). Então, eu achava, eu tinha essa convicção que quando uma pessoa não queria morrer que ela não morreria. E a minha filha não queria morrer. Ela deu assim inúmeras provas de que ela não queria morrer. Por exemplo, já com dificuldade de visão, antes dela se internar pela última vez, ela ... falou: "Oh! mãe, você compra todos os livros", né. Era o mês de março. "Compre todos os livros que eu quero voltar pra escola, eu quero ...". Aí eu fui à Casa Matos, comprei os livros todos, encapei os livros: "Ah, bota figuras bonitas, porque eu quero meus livros bonitos". Ela queria voltar (...). Depois ela já estava internada (...) ela morreu nos Estados Unidos. Depois que ela já estava lá, ela falou: "Liga pra casa, pede pro Davi", que é o irmão dela, "pra ir ao colégio pra anotar as aulas porque vou operar e vou voltar pra assistir as aulas" (...). Então, o colégio era uma coisa muito importante pra ela, as amizades do colégio. Isso me dava muita certeza de que ela voltaria (...). Não, a menina quer viver, ela quer ir pro colégio, ela quer. E ... então era uma coisa assim, tão certa dentro de mim e acabei com essa verdade. Quer dizer, hoje em dia, quando alguém diz: "Fulano de tal tá resistindo à morte, pra mim isso é uma mentira. Porque acho que se alguém queria resistir à morte era ela (...). Ela não se comportava como alguém que queria morrer, nunca teve essa demonstração, pelo contrário. Mas, ah! fazer tal coisa,

comprou uma fazenda: “Vamos fazer um vestido, porque quando chegar junho que tem a festa junina, eu quero um vestido diferente do ano passado”. Entendeu? Então, ela ... tudo que ela dizia era de alguém que ia viver, ou que queria viver (...). E isso aí pra mim foi doloroso também, porque era uma certeza, quer dizer, era uma âncora que eu tinha (...). Não, ela vai viver porque ela quer viver. E não, ela foi operada e acho que nem percebeu que morreu, acredito que não. Ela entrou em coma, operou e entrou em coma, e não voltou mais. Então, isso aí pra mim, trabalhar isso foi difícil (...). Eu, assim, fiquei com um certo despeito de quem fala isso (...). Poxa, a pessoa não quer morrer, pois acho que a morte tem, hoje eu acho, que a morte tem hora certa, deu a sua hora você vai. Mesmo se observando as outras mortes é que são diferentes da morte de minha filha. Às vezes a pessoa tá bem, no dia seguinte, morre (...). Deve ser muito difícil também trabalhar com isso. Então, hoje eu acredito que a gente tem a hora ... pra gente. Quer que fale mais alguma coisa?

A senhora tem mais alguma coisa que queira acrescentar?

Não, é esse lado que eu tô trabalhando agora (...) quer dizer, eu, num ... acho que eu trabalhei em cima dessa questão. Mas eu tô tentando trabalhar agora. É isso (...) que tudo que acontece na vida da gente pode ... ter uma direção positiva (...). Então num primeiro momento é difícil se trabalhar em cima disso. Poxa, eu vou me prevalecer de uma morte pra fazer uma coisa mais bem feita, pra crescer como ser humano (...). Então tem uma certa resistência na gente de trabalhar ... mas hoje eu tenho ... eu tenho certeza hoje, quer dizer, certeza é porque eu não tenho mais essas certezas absolutas (...). Eu também modifiquei ... quer dizer, acredito mais ... sempre tenho a minha maneira de ver também (...). Mas acho que a gente pode ... apesar da dor da perda, que é uma dor, não dá pra descrever. Dizer: Ah! descreva a dor. Não tem descrição. Mas dá pra você sobreviver e encarar a vida de frente, mesmo com perda. O que eu também queria dizer, que eu acho que eu ... eu tive apoio (...) tive apoio, ... dos amigos (...) da família, minha família me ... meu pai tentando me apoiar. Meu pai quis morrer na minha casa, porque ele achava que o quarto da menina estava muito caracterizado, ele nunca disse isso de maneira clara, mas ele falou pros meus irmãos: “Ah! eu vou pra casa da Madá”. Madá é meu apelido na minha casa. “Eu vou pra casa dela,

porque ela fica cultuando muito aquele quarto, então eu vou pra lá, vou obrigá-la a mudar de armário, de cama” E realmente aconteceu isso. Ele veio pra minha casa e falou: “Ah, eu quero que mude esse armário, eu quero ... quero assim”. Entende? E isso foi uma coisa boa, porque o quarto era assim um lugar muito triste, o quarto dela. A gente entrava ali só pra chorar, pra sofrer (...). E ele ... Eu acho que quando ele fez isso, ele me ajudou, entendeu? Ele me ajudou. E ele fez é ... ele era um homem adiante do tempo dele. Então, ele ... eu acho que ele percebeu a minha dor e ele falou: “Posso fazer isso e vou fazer” (...). Então, descaracterizou o quarto, hoje é o quarto do vovô (...). Então, aquela coisa triste que tinha lá dentro de casa, a roupa dela lá, as coisas ... Hoje tem um bauzinho que eu não deixo ninguém mexer, eu ainda tenho as minhas coisas, sabe ... que a gente não consegue se desfazer de tudo (choro). Mas ... dá pra gente entrar no quarto, sentir que é parte da casa (...). Então ... e acho assim que se eu agindo assim eu também cultivo de maneira positiva a memória dela (...). Quer dizer, ela ... se ela tivesse viva, ela me ajudaria andar pra frente que nem os outros. Meus outros três filhos são maravilhosos, maravilha de filhos. E ... acho que se ela estiver, acho não, acredito com bastante convicção, que se ela estivesse aqui, ela estaria me ajudando (...) a tocar minha vida (...). Então, ela não estando, ela também está me ajudando, da maneira que ela ... Tudo que ela fez nesse tempo curto que ela ficou comigo foi importante pra ... pra que eu me tornasse uma pessoa melhor, entendeu? Pra que eu trabalhasse minhas dificuldades, pra que eu tentasse sempre me reestruturar (...). Então, ela continua sendo uma pessoa importante pra mim. Agora uma dificuldade que eu acho que foi ... singular, que eu não vejo, assim nas outras pessoas, era que eu tinha uma necessidade de todo dia ir ao cemitério. Morreu, eu achava que se eu chegasse lá que ... eu sei lá, uma coisa assim que me passava. Eu tinha uma necessidade assim muito grande de ir, todo dia, lá. E aí, as pessoas diziam: “Não, Madalena, não faça isso, não leva a nada” (...). É uma coisa assim que eu achei que foi uma coisa meio mórbida (...) hoje eu vejo.” Tinha que ir lá, tinha que ir, tinha porque tinha (...). Fazer uma viagem longa, pegar dois ônibus (...). Eu, nessa época, não estava dirigindo, também não tinha nem condição de estar dirigindo. E aí ninguém queria ir comigo (...). E eu me sentia assim ... achava que ninguém tava dando importância ao que eu estava sentindo, foi um sofrimento muito doído esse (...).

Até liguei pra uma amiga minha, ela era minha amiga, continua sendo, aí eu ligava pra ela, a Clara: Ah! Clara, vamos comigo? Eu sabia que ela tinha perdido (...). Então é ... ela inclusive é psicóloga e ela também disse “não” ... até foi comigo e tal. Mas depois ela me ajudou a trabalhar em cima disso (...). E assim eu ia assim nos dias mais ... assim, tipo Natal, Ano Novo (...) mas eu também na minha casa fazia o meu papel. Tinha ... sempre tive ceia de Natal, tudo assim, mas eu arranjava uma horinha, pra ir lá. Porque achava que ela tinha que tá comigo, eu estar com ela (...) (voz embargada). Aí foi uma coisa muito solitária trabalhar essa dificuldade (...). E ... mais aí depois eu melhorei. Hoje, eu vou umas duas ou três vezes. Vou no aniversário dela, no dia dos mortos eu sempre vou lá e, no dia da morte, agora dia 16 eu vou lá, entendeu? Eu vou sim, mas as pessoas não vão comigo, não querem ir(...). Meu marido foi algumas vezes, depois: “Ah, não vou mais, lugar muito triste”, agora não vai mais. Então ... mas, eu tenho trabalhado em cima dessa necessidade de lá estar (...). Tem uns cinco anos que eu já melhorei bastante, mas até uns cinco anos, eu ... Eu tenho um irmão que agora ele não mora mais aqui, mas ele morava lá perto, que ela enterrou na Sulacap (...) em outro cemitério. Aí meu irmão, sempre que eu ia lá, eu passava na casa dele, ele fazia questão de ir comigo (...). E eu ficava lá, a gente tomava um lanche, ele ia comigo, levava flores e ele gosta muito de mexer com terra (...) e mudava a grama. Fazia isso pra me ajudar, eu sei. Mas era uma maneira que ele tinha de ... Aí ele foi embora do Rio. E aí também ... nem mais essa pessoa (...). E foi uma coisa assim que hoje eu acho que não é todo mundo que tem isso. Mas, eu tive (...) essa necessidade de ficar lá (choro). E outra coisa, eu (choro) nunca tive assim facilidade pra ver coisas, sentir coisas, perceber (...) e eu queria muito ter e nunca tive (riso), assim dela me aparecer, entendeu? Só em sonho, sonho com ela muito. Tenho muitos sonhos lindos com ela (...) maravilhosos. Mais assim ... eu queria que ela me aparecesse, sabe? Às vezes, eu entrava no quarto. Ah! quem sabe se você pudesse vir aqui (...). Nunca vi nada não. Eu tinha inclusive uma certa inveja de uma colega minha que perdeu o filho também, que enxerga o filho dela, né. A Lúcia até conhece ela (...). Então essa colega enxergava e ela é descendente de japonês, acho que a religião dela permitia isso (...). E eu achava ótimo que ela pudesse ver, e eu achava ruim de não ver. Aí eu fiquei assim um tempo que até ligando pra ela, né, ah! tal, quem sabe, ela: “Não, venha

aqui, você vai" ... ainda me estimulou (...). Aí eu fui uma vez na casa dela mas achei que não era ... não era real, sabe? (pausa) Mas achava ótimo que ela pudesse ... mesmo que não fosse real, fosse imaginação dela poder ver. Eu queria muito isso, mas eu num ... não tive a sorte (...) de ver. E hoje eu até já desisti, né, e eu também acho que eu nunca tive facilidade de ver coisas (...). Quando eu era pequena, eu ficava diante do Sacrário; queria ver Jesus (...) mas não enxergava também (riso). Então ... acho que não ia ser agora (...). Mas eu bem que queria, sabe? ... bem que eu quis. (Pausa) Agora em relação à minha família, eu acho que minha família reagiu bem (...) Quer dizer, relativamente bem (...). Meu marido, eu acho que reagiu pior. Agora os meus filhos sempre esconderam, me esconderam muito a dor deles, sabe? (choro). Eles nunca verbalizaram muito, acho que ficavam com pena de mim (...). E eu também pra mim era sofrimento, porque às vezes eu queria falar (...) queria falar, queria que eles botassem pra fora também, porque também eles sentiram muito (...). Então eu só pude conhecer a dor deles pelas coisas que eles escreviam, sabe? (choro). Depois eu soube que eles iam ao cemitério também, não queriam ir comigo pra num (...) pra num ... pra num ... reforçar (...) essa necessidade que eu tinha de ... Então, eu também acho que a gente num ... eles não tiveram ... eu não dei a eles assim ... a possibilidade deles se abrirem o quanto teria sido preciso (...) deles botarem pra fora. Então, eles me protegeram muito. Eles ficaram: "E a mãe". A mãe parece que foi vista como a que sofre mais (...). Mas eu acho que eles sofreram muito. Meu marido sofreu muito, tá sofrendo ainda, e os meninos ainda, até hoje sofrem (choro). Ainda domingo eu estava mostrando uns retratos lá em casa, mas sem intenção de mostrar o retrato dela, mas tinha um dela dentro. Aí uma menina falou: "Quem é essa garota?" Aí eu falei: "Minha filha que morreu". Falei firme (...). Aí o meu filho que estava sentado, as lágrimas correram (choro e pausa). Eu senti que eles sofreram muito (...). E eu talvez num ... tivesse me isolado muito na minha dor (...). Então, eu acho que a gente não trabalhou muito em conjunto essa dor (...). Eu acho que seria bom que tivesse trabalhado. E eu, quer dizer, eu tive apoio no trabalho. Foi um apoio assim, muito grande. Principalmente da Lúcia (...). Também da Dona Ana. Dona Ana por ser quase uma mãe minha (...). Ela me ajudou muito, muito, muito. E a Lúcia, que ela ... ela sempre sabia o que eu estava sentindo e procurava me ajudar. Só sei que dizia: "Olha, não fica sem trabalhar,

continua". Eu dizia : "Ah! Lúcia vou deixar tudo pra lá, não tem mais sentido, porque quando a gente perde alguém é como se morresse também (...) uma coisa da gente morre também" (...). Eu dizia: "Ah! Lúcia, eu não tenho mais vontade de fazer as coisas", e ela dizia: "Não, tem de fazer, poxa, não vai entregar os pontos não, tem trabalho aqui, pensa que vai ficar assim, sem trabalhar". Entendeu ?(riso). Aí me chamava: "Não, vamos fazer isso, fazer aquilo". Me delegava atribuições (...). Que eu tenho certeza que se ela fosse fazer, ela faria melhor, mas era pra (...). E também os meus alunos. Eles falavam pra mim ... um grupo foi na minha casa e falou: "Ah! não, nós não podemos deixar de ter suas aulas". Eu falei: "Mas o que vou falar pra vocês, vou chegar lá pra chorar". Eu achava as meninas todas parecidas com a minha filha. Ficava olhando todas, uma tinha o cabelo parecido, outra tinha os olhos (...) um monte de adolescentes lá. Porque aquele pessoal entra na universidade muito cedo, com 17, 18 anos (...). A questão da religião (...) a questão da religião ... Acho que a religião pra mim foi importante (...) foi importante, é uma âncora (...). Eu acredito que ela está em algum lugar (...). Minha religião é católica, eu sou católica. Então, eu acredito que ela ... que também o ser Selma (...) chamava-se Selma Monteiro Cardoso, o ser Selma, ele existe, está com Deus e está num lugar muito bom (...). E se a gente andar direitinho a gente vai se encontrar depois (riso). Assim que eu tenho essa crença e essa crença me ajuda (...). Agora nem ... tentei assim comunicar (...) até, até conversei com pessoas de outras religiões (...) pra ver mas ... Não tenho assim essa facilidade de entender (...) essa religião que não seja a minha, até porque eu tive uma formação religiosa forte (...) fui muito educada na religião. Eu acredito na vida eterna (...) Agora muitas vezes a gente se comporta como pessoas que não têm essa crença, mas é porque é uma coisa muito doída (...). Então, poxa, e tal, por que acontece comigo? Por que comigo? Por que não ... Por que eu não morri no lugar dela? (...) Como se a gente pudesse dispor da vida (...) das outras pessoas (...). Também eu pedia, com fé pra Deus curar (...). Será que minha oração não foi boa? Eu sei que foi (...). Eu pedi com fé. Agora ... será que existe alguém que tem fé mais forte que a minha? Se existir, eu acho ótimo. Eu pedi com toda fé que Deus me deu (...). E até acreditei que ele fosse me escutar (...). Também acreditava na reversão do quadro, que ela fosse melhorar (...). E ... tanto que eu não assinei nada lá. Ah! pode ... depois que ela tava muito grave,

pode suspender ... aí eu falei: "Não, não suspende". Foi uma coisa importante pra mim não ter suspenso o tratamento. Não, deixa a natureza dela agir. "Hum, mas se ela viver vai ficar assim, assado, vai ficar parálitica, vai ficar cega". Eu falei: "Deixa a vida dela decidir". Que eu tinha uma crença de que ela iria sobreviver, certo? Então, até pela crença que eu tinha (...). Aí eu ... "não, não desliga nada". O médico: "Não, mas aí tem que assinar se quer que continue". Americanos são assim (...) tudo é no papel. "Então a senhora assina, que a senhora quer que continue o tratamento, se ela ficar não sei quantos meses aí, a senhora é responsável". É responsabilidade minha, eu assino. Eu quero que ela sobreviva enquanto a natureza dela permitir. Que ela sobreviva também se a natureza dela permitir, que ela dê um salto pra vida (...). Aí o médico lá ficou impressionado (...). Eles também achavam que ... eles lá lutaram até o fim (...). Eles foram bons. As enfermeiras foram boas também. Mas eu assinei que não queria que suspendesse nada. Acho que isso também é um dado importante pra (...). Acho que se eu tivesse dito: desligue, eu teria me arrependido. Hoje eu fico feliz de ter dito: não desligue. Mesmo sabendo que se ela sobrevivesse (...). Até pode ser visto como um grande egoísmo meu (...) mas foi isso que eu senti (...) foi isso que eu queria naquela hora que eu assinei. Eu não me arrependo, acho que era isso mesmo que eu tinha que fazer. (Pausa) E assim uma coisa que eu sinto falta às vezes é de não ouvir mais o nome dela (...). Eu tenho vontade assim, de que se essa minha firma prosperar (...) de repente até boto o nome dela (...). Eu sinto falta (...). Os outros todos têm nome, todo mundo fala (...). Ela também tem o nome dela (...) Selma Monteiro Cardoso, e ela pode dar nome a alguma coisa, assim ... uma coisa assim ... não é razão de ser da minha vida, mas é uma coisa que se eu conseguir fazer, eu vou ficar feliz (...). Porque eu sinto falta (...) das pessoas saberem quem ela foi (...) como ela era bonita, como ela era inteligente, como ela era importante, fazia poesias maravilhosas, escrevia. Tenho vontade de publicar (...) essas poesias dela (...). Mas aí ... aquele negócio *in memoriam*, né, tão triste, né, quando se bota *in memoriam* (...). Acho, que sei lá, ela, pra mim, ela ... deveria dar nome a coisas assim ... Porque ela ... pra mim faz parte da minha vida, ainda, apesar de não estar mais comigo (...). (Pausa) Acho que muita coisa também é ... a gente fala, pode até não ter sentido (...) mas tem pra mim. (Silêncio) Não sei ... acho que mais é isso (...). Também quando eu vejo alguém da idade dela eu fico assim

achando, comparando, poxa, podia estar com essa idade (...). E até há uns dois anos eu dizia: Ela vai fazer aniversário no dia 24 de setembro (...). É o aniversário da Selma, ela vai fazer o aniversário. Agora eu já digo: Se ela estivesse viva (...). Acho que eu também já amadureci um pouco (...). Mas eu levei muito tempo. O pessoal escutava e ficava quieto (...). Mas olhava assim, meio assustado, dizer não, o aniversário dela é dia 24. Tem uns dois anos, dois ou três, acho que dois, que eu realmente ... E também uma coisa importante, foi eu ter continuado a estudar (...). Eu fui estudar, fazer o curso à noite. É isso mesmo que eu queria quando me aposentasse, estudar, mas eu fui também pra ... tipo me ... ocupar um espaço que tinha ali porque de noite era uma saudade (...) uma saudade tão doída, coisa tão difícil de suportar (...). Quando chegava a tarde assim ... que acabava o dia, você voltava do trabalho (...) e tal, jantava. Os filhos cada um ia prum lado (...). E aí pra mim ... e aí fui fazer um curso à noite, foi bom. Foi bom porque ... às vezes me arrependia, não, tem de ficar em casa mesmo sentindo saudade. Mas aí, faltava aula naquele dia. Mas acho que hoje, eu vejo que foi uma coisa boa. De certo modo, quer dizer, muitas pessoas, “não, tem que se ocupar, foi bom você se ocupar, fazer uma coisa que você gosta”. Eu não sei fazer pintura, não sei fazer bordado (...) não sou uma pessoa assim (...). Uma outra mulher poderia ter feito um outro curso, eu gosto de estudar (...) eu fui estudar. (Pausa) Eu acho que isso aí (...) não sei ... acho que. (Pausa) Sem falar (...) no enterro, na morte, isso aí é muito triste, eu não gosto de falar nisso. Prefiro num ... Pode ser que um dia ainda eu fale (...). Mas é uma coisa pra mim muito doída (...). Assim de botar um filho dentro da terra (...) negócio muito doído ... Fica, aquilo, na gente. (Voz embargada) A sensação da morte é uma coisa muito ... você sentir a pessoa fria ... sabe? é muito ruim. Tanto que uma vez eu sonhei com ela e eu falei isso a ela. Mas não é visão não, foi sonho mesmo, sonho mesmo, eu acordei, depois eu vi que tinha ... sonhado. Aí ... Não sei se meu marido está aí. Porque ele sofre quando me vê sofrendo (...). (Pausa) Aí ela veio (...) no sonho (...) falou assim pra mim: “Olha mãe, eu não quero que você pense mais assim em mim do jeito que você anda pensando”. (Choro) “Porque eu estou num lugar muito bom, eu estou muito feliz, eu estou muito bonita, e ... você anda pensando diferente. Então eu vim aqui hoje pra te dizer que você lembre de mim assim, como você me viu hoje”. Aí eu falei assim pra ela ... e eu estava em casa sozinha, meu

marido tinha saído pra ir buscar os meninos que tinham ido passear, né, já era madrugada, e eu fiquei vendo televisão, e eu estava encostada na parede da sala, lá da minha casa, estava no almofadão, o almofadão caiu e eu fiquei encostada na parede. Isso foi um sonho que ... um sonho esquisito, no mínimo (riso). Aí ... mas foi sonho mesmo (...) aí ela falou: “Você precisa me ver assim com eu estou (...)”. Ela estava com muitas crianças, ela estava muito bonita. Aí, eu falei assim: “Mas Selma como é que eu posso lembrar de você, viva, andando, correndo, se você estava fria, no dia em que você foi enterrada você estava fria, eu senti você”. Foi uma coisa que ficou em mim. A sensação daquela criança que você tinha no colo, você afagava e de repente dura e fria (...). E ela foi embalsamada, então ela tava linda (...) mas tava muito fria. Aí ela falou assim: “Não”, ela ria, porque ela era muito brincalhona (...) sempre estava rindo. Tem uma fotografia aqui que lembra muito dela rindo. (Folheia o álbum para procurar a fotografia.) Assim tipo meio malandrinha (...) aqui ela era menorzinha ... acho que não é essa. Assim ela dava umas risadas (...) (pausa, procurando a foto no álbum). Fotografia maior, quando ela já era maiorzinha. Aqui ela está séria, igual a uma santinha (foto da 1ª comunhão). É uma santinha (continua procurando a foto). Acho que ficou em casa, é um álbum de fotografias que ela está rindo. Então ela ria assim, umas risadas bem gostosas. Aí ela falou assim pra mim no sonho: “Você está falando isso, mas nem sabe que é porque essa lembrança do frio é porque você está encostada numa parede fria. Então, te veio à memória a lembrança... isso aí, a parede, é fria, não tem nada que pensar em nada frio não”. Também não sei se foi ... auto-sugestão, não sei o que foi, uma coisa assim boa que aconteceu comigo, depois disso eu só lembro dela assim (...). Até gostaria de um dia encontrar uma explicação pra isso (...). Então eu lembro dela ... realmente não tenho vontade de me lembrar dela (...) do enterro, da morte, do caixão. Isso aí pra mim (...) uma coisa ... Ou eu ainda não estou pronta pra falar sobre isso, não trabalhei ainda, ou ... eu não preciso mais. Porque a lembrança dela viva e bonita é tão forte em mim a partir dessa ... desse sonho, dessa convicção que eu passei a ter que ... falou nela tô lembrando dela. Deus tem me ajudado. Se ela pôde fazer isso, obrigado Selma, você me ajudou; se foi coisa da minha cabeça, obrigado pela minha cabeça também (...) (riso); se foi coisa de religião, obrigado pra religião. Então também acho que foi importante e eu ... realmente procuro ter uma lembrança

boa dela, até porque a memória dela merece (...). É muito linda minha filha, coisa maravilhosa, coisa fofa. Olha aqui, oh! (mostrava retrato da filha no álbum de fotografias). Você acha que uma criança dessa você vai imaginar que um dia vai morrer? Olha toda feliz, nem sabia que um dia ia passar por uma coisa dessa (mostrando uma foto sua na festa de aniversário da filha). Nós fazíamos todas as festas que ela tinha direito (...) ela fez muita festa, fazia balé, fazia ... Lá na Educação Física tem um professora, a Prof^a Magda, que ela é professora de nataçãõ, ontem eu trabalhei com ela lá, o pessoal da educação física me chama muito pra negócio de banca de mestrado (...). Aí ela falou: "Não ... me lembro de você com aquela menina, indo todo dia pro Flamengo"; ela nadava e ficava tonta, mas nadava, entende, é isso mesmo, ela teve É o avô dela (mostrando outra foto). Enquanto ela viveu, ela foi feliz, né, acho que isso foi importante pra mim. Também dos meus filhos ... Olha aqui (mostra outra foto dela). Aqui quando ela já estava mais grave. Aqui foi a fotografia que ela tirou pra botar no passaporte (...). Mas é muito linda (...) o cabelinho já tinha crescido, que ela tinha feito quimioterapia e tinha perdido ... Aí o cabelo já tava ... Aqui é a da 1^a comunhãõ dela, essa com o padre Fernando. Aí ela ainda tinha uma falhazinha no cabelo, mas a gente sempre fazia um penteado (...) botava um negócio e ela participava de tudo. Eu tenho um vídeo em casa, dela também. Tenho muitas fotografias dela. Também dos meus filhos, foi o que mais tempo eu tive pra cuidar dela, os outros eu trabalhava os dois expedientes (...). Então, os outros gêmeos, coitadinhos, acho se tivesse acontecido alguma coisa pra eles, eu teria dito, teria uma culpa assim ... Poxa, eu deixei com babá, deixei com empregada (...). Ela não, quando ela nasceu, eu tava melhor de vida, tinha prosperado financeiramente ... meu marido tinha ... tava com uma situação financeira estável (...). Então, eu ... eu falei: Não, agora eu posso me dedicar. Eu fiquei trabalhando um só expediente. Puxa, os outros eu não pude curtir tanto ... Essa aqui é Sandra, é uma menina que a gente cria (...) (mostrando o retrato no álbum de fotografias). Mas nunca nem a Sandra, nem minha neta (...) eu nunca coloquei como se estivesse no lugar dela (...). Eu dou muito carinho essa menina (...) também. Foi pra minha casa com 3 meses (...) e gosto dela. Eu não quero que chame de mãe, não quero que me chame de tia. Eu sou amiga dela. Falei: "Sandra, eu sou sua amiga" (...) ela gosta muito de mim, mas não é pra substituir a minha filha não,

minha filha é insubstituível. E a minha neta também, vó, não sei o que e tal. E a minha neta falou: “É, você teve uma filha é, vó?” É, eu tive, e mostro, agora muito diferente de você, era bem mais boazinha (ria). “Oh! vó”. Hoje mesmo a minha neta me ligou: “Vó, você vai me dar um ovo?” Porque ela foi pra fazenda, não passou a páscoa comigo ... Aí ... Eu acho que eu nesta parte eu fiz certo. Você tem vontade de arranjar alguém que substitua (...). Não tem substituição. Aí é que a dor é mais doída, porque não adianta, não vai substituir. Pode disfarçar, camuflar, passa o tempo, mas substituição, não. Eu acho que ... Deus me livre (...) acontecesse com os outros a dor teria sido também (...) tão grande quanto foi (...). Deus me livre ... acontecer qualquer coisa com os outros. Eu fiquei muito assustada, em relação aos outros, se tiver qualquer coisa, eu fico ...agitada, eu fico com medo (...) já quero levar ao médico pra ver o que tem. Mas eles já são grandes, então eles ... Hoje mesmo, o meu filho estava com dor de cabeça ... você imagina o que é ter um filho com dor de cabeça (...). “Não mãe, eu estou precisando mudar de óculos, não é nada, não”. Então eles já sabem que eu (...) mas eu me controlo, faço o máximo (...) o que transparece, é porque eu não tenho como controlar tudo (...). Mas bem que eu trabalho em cima disso, procuro trabalhar. Agora ... se eu ainda preciso de ajuda, sim, ainda preciso. Eu acho que eu ainda preciso de ajuda. Não é porque passaram onze anos, tal ... Eu estou pensando até em ... não sei, de repente fazer uma terapia (...) um negócio assim ... Também por outro lado ficar falando nisso, também ... é uma coisa que pra mim fica doída. Ficar falando, falando nisso também (...). Não sei ainda, não tenho uma convicção formada sobre ... Muitas vezes eu sinto que eu preciso de ajuda. Mas ainda não sei exatamente qual o tipo de ajuda que eu estou precisando (...) que seria mais adequado agora. Uma coisa eu tenho certeza, tenho que continuar me ocupando (...) cuidando da vida, fazendo as coisas, ajudando meu marido, tocando essa firma pra frente (...). Mas ... continua ainda ... tem dias que é difícil. Por exemplo, esse mês de maio vai ser difícil pra mim. Porque eu vou lembrar (...) tipo paixão e morte (...). Mas vou tentar pensar mais na ressurreição. Ah! não quero mais falar (...) chega.

MILA

Olha ... perder um filho é um pedaço da gente, sabe? ... Filho é uma coisa, muito ... muito nossa ... é um pedaço, entendeu? Eu passei um período que eu não podia nem ver uma criança na rua, sabia? Ele tinha 4 anos. Então foi um período muito difícil, que eu levei anos pra mim ... Hoje eu falo nele sem chorar. De vez em quando eu ainda sinto aquela coisa. Mas, é uma ferida que não cicatriza ... entendeu ... Uma ferida que não cicatriza nunca. É um pedaço da gente que vai. Quando você perde um marido, você perde um irmão, é uma coisa muito forte, uma coisa assim ... mas um filho, saiu da gente, é nosso ... Parece que é nossa carne, entendeu? É um pedaço da gente. É uma coisa muito dura você perder um filho. Eu custei muito a aceitar, Ave-Maria. Eu passei a ser mais religiosa, depois que eu perdi esse filho. Passei a ter mais fé, a acreditar mais em Deus (...). Na época eu não ... num aceitei por que que Deus fez aquilo comigo (...). Por que que aconteceu isso? Eu não aceitava. Eu me perguntava a toda hora. Eu vim morar aqui, logo depois que ele morreu, e bem em frente, morava uma criança igualzinha a ele. Eu sofri. Eu não podia sair, tinha comprado o apartamento pelo BNH. Mas, o menino era igual. O pior é que a família inteira achava. Então não era só eu, os irmãos, o meu marido, todo mundo achava. Eu olhava pro menino e começava a chorar. Era igualzinho. O mesmo tamanho, o mesmo jeitinho, o cabelinho. Mas era idêntico. Aí eu falei: ... Bom, aí quando ... quando eu consegui me recuperar um pouco ... Uma vez eu fui na casa do garoto, conversei com a mãe dele, porque ela me via chorar muito. Aí eu conversei, pedi muitas desculpas, mas infelizmente o filho dela parecia muito com o meu. Então, eu não ia a aniversário, não ia a festa, não ia a nada. Uma vez o meu filho, eu tenho um filho de 26 anos, que na época ele era mais velho do que o Fábio César. O Fábio César tinha 4 anos, o mais velho devia ter uns 6 anos. Bom, ele falou assim: "Mamãe, você falou que Deus é bom?" Eu falei: "É muito bom." "E por que que ele levou meu irmão? Se ele é bom, por que que ele levou meu irmão?" Eu falei: "É, meu filho, é a vida, é a vida. Nós nunca estamos preparados para o que a vida tem pra nos oferecer. Esses golpes da vida, a gente nunca tá preparada. Mas, a vida, meu filho, é um mistério, tá? É um mistério muito grande. Então é ... nós, seres

humanos, nós não temos capacidade pra entender o porquê desse mistério, a gente não sabe, só Deus é que sabe. Ninguém, nem uma pessoa por mais inteligente, por mais sábia que ... é, um filósofo, uma pessoa muito ... que estudou anos e anos, ele não tem capacidade pra entender o mistério da vida, não, ele não tem. Só Deus é que sabe o porquê, que eu estava trabalhando e você estudando e de repente vem um carro, atropela o menino, e ele morre. Então não se pergunta o porquê. Mas, ele é bom, ele é nosso Pai, ele sabe o que faz. E a gente não sabe o que diz”. Aí ele uma vez perguntou: “Mamãe, por que a senhora não vai mais com a gente num aniversário? “Tudo me lembra ele, meu filho, tudo me lembra. As crianças do aniversário, o parabéns.” “Mas mamãe a gente não tem culpa.” Eu falei: “Eu sei, meu filho, mas é uma coisa que não dá pra esquecer.” Aí depois eu fui começando a pensar, a raciocinar, eu fui achando realmente que eles não tinham culpa. Deixar de ir a um aniversário porque ia me lembrar o outro, e os outros que estavam precisando de mim? Então, o meu filho mais velho estava junto quando ele foi atropelado ... ele tava junto ... E como ele chorava muito, ele estava se achando culpado pela morte do irmão. Então, ele tinha 6 anos, o outro tinha 4. Então ele achou que como ele estava perto deixou o irmão morrer. Então, eu acordava de noite ele estava sentadinho na cama chorando. Aí eu levei ele pro psicólogo, aí ele falou: “Olha, Dona Mila, o que está acontecendo com o seu filho, é porque você chora muito, e ele tá se achando culpado porque você num leva ele pra lugar nenhum. Não leva ele pra passear, nem leva ele pra .. Então ele ... ele está se sentindo culpado porque estava junto do irmão. Agora você tem que parar com isso. Não pode chorar na frente dele, tem que levar ele pra fazer uma natação, tem que levar ele pras festas, pros aniversários. Tratar ele normal como se nada tivesse acontecido. Se você tiver vontade de chorar, chora, mas não deixa ele perceber. O que está ocorrendo com ele é que ele está se sentindo culpado. Isso é uma coisa que está dentro dele, inclusive ele pode ficar com trauma, ter um problema sério depois. Não deixa seu filho ficar assim. Muda, tem que mudar. Muda com ele. Leva ele pra sair todo fim de semana. Aí eu. .. Bom ... realmente eu tenho que dar um jeito na minha vida, não posso continuar assim. Aí, comecei a conversar com ele, e levava ele pros aniversários, pras festas, botei ele na natação, comecei a dar mais atenção pra ele, mais carinho, mais amor. Também meu marido era um homem muito

assim ... não é frio ... fechado. Ele é uma pessoa que não transmite aquilo que ele está sentindo, ele é muito na dele, reservado. Ele sofria calado. E foi muito difícil, porque ele não falava nada. E eu precisei dar muita atenção a ele. Porque ele só pensava em matar o cara do carro. Pensamos até em ir embora daqui. Porque ele é lá do norte. Mas depois pensamos melhor e resolvemos ficar. Achava que tínhamos que enfrentar o problema de frente e refazer nossa vida aqui mesmo. (Pausa) Hoje quando eu vejo na televisão uma mãe que o filho foi seqüestrado, que o filho morreu, sabe? Eu vou lá pro quarto rezar por essa mãe. Só penso na mãe. Eu não penso em ninguém. Não penso nem no pai, eu penso na mãe. A não ser quando aparece um pai chorando na TV, pedindo, quando um filho é seqüestrado. Olha, eu vou te contar, eu fico assim ... fico com uma coisa ... uma angústia tão grande, de ... Rezando por aquela mãe, por aquele pai. Enquanto eu não vejo o resultado, aquilo me deixa tão angustiada, que eu quero saber se o menino apareceu, se morreu. Então eu fico naquela coisa, eu vejo o jornal todo dia, que enquanto eu não sei o final, eu não sossego, aí eu volto a rezar. Quando eu vejo que o resultado é morte, aí pronto, aquilo me acaba. Então, os meninos mesmo hoje em dia dizem: "Mamãe, a senhora não pode ficar assim, a senhora precisa rezar, mas não pode ficar assim. A senhora sofre, parece que é a mãe da criança". Eu digo: "Ah! Meu filho, só quem passou por isso é quem sabe o sofrimento da mãe. Só quem passou por isso é quem sente". Olha, é muito duro uma mãe perder um filho ... muito duro mesmo ... Não me conformo. (Pausa) Eu estou com uma amiga, sabe? Eu não tive coragem, ainda, de ir lá. O filho dela está em coma profundo. Ele teve um acidente de moto. Já tá há cinco anos. Ela tirou o menino do hospital. E ela mesma está cuidando do filho. Aí, eu fico pensando assim: "Poxa, meu Deus, como essa mulher deve sofrer". Eu encontrei uma grande amiga dela lá na igreja, e perguntei por ela e ela disse: "Olha, Mila, continua a mesma coisa. Cada vez se definhando mais, mas ele ainda não morreu". Eu digo: "Meu Deus, não é possível". E, eu não tenho coragem de ir lá. Mas eu falei pra ela: "Tenho rezado muito por ela, pra dar muita força. Mas eu não tive coragem de ir lá". "Mas se você tiver um tempinho, vai lá". Ela fez do quarto dele um minihospital ... uma cama com aquele aparelho que ele está, só o coração batendo. Ela dá a comida dele toda na boca. Então, ela num ... num tem esperança mesmo ... acabou ... Então, eu não tenho coragem de fazer uma visita

pra ela. Mas é duro, né, é muito duro você ter um filho nessa situação. Eu não sei, a mãe que só tem um filho e perde um. Mas, uma mãe que tem dois ou três, e perde um, ela quer superproteger os outros. De tudo ela tem medo. Ela tem medo de tudo, ela fica insegura. Apesar ... a minha mãe dizia que eu era uma mulher de pouca fé. Ela dizia que eu tinha que ter fé em Deus. Eu tenho fé em Deus, eu tenho, mas eu fico com medo de acontecer coisas. Meu filho mais velho tem 26 anos, ele foi embora, está lá em Minas, no interior de Minas. Então quando ele foi eu chorei durante uma semana. Tem um mês que ele foi, de vez em quando eu ainda choro. Mas quando ele estava aqui e saía eu dizia: "Meu filho, não demora muito, meu filho, por favor, cuidado, não chega tarde, eu fico preocupada". Onde eles chegavam, ligavam; "Mamãe cheguei, está tudo bem". Se demoravam, eu ficava aqui na janela com o terço na mão, rezando. É, a gente fica querendo superproteger os filhos. Quando meu filho morreu, eu cheguei a pesar 38 quilos. Eu só tinha o couro, não tinha mais nada. Eu não tinha vontade de nada, só queria morrer ... 38 quilos ... Chorava dia e noite. Eu estava fraca, deprimida. Pra mim tinha acabado tudo ... tudo ... (Pausa) É ... é uma ferida que não cicatriza nunca ... nunca ... As vezes eu fico pensando, como ele estaria hoje? As vezes eu fico pensando, sabe, como ele estaria? O que que ele estaria fazendo? Será que ele seria um advogado? Ele ia fazer 24 anos. Será que ele seria como o irmão, um médico? Será que ele estaria casado, e eu já teria netos? Então a gente fica analisando. Ah! Meu Deus. Ai eu vou lá dentro, olho o retrato, era tão meiguinho. É, eu fico me perguntando como estaria o Fábio César. Logo que ele morreu eu pedia muito pra sonhar com ele, eu vivia rezando, pedindo pra sonhar, mas eu nunca sonhava ... nunca sonhava com ele. Eu só chorava muito. Mas uma mãe não chora porque ela quer. Ela chora de ressentimento, de dor, de mágoa, de ... pela perda do filho. Mas é uma dor que você leva anos chorando. Mas foi uma barra ... uma barra muito grande. Eu não desejo isso pra nenhuma mãe, por pior que ela seja, eu não desejo nenhuma mãe passar por isso. A gente enterrar um filho, Nossa Senhora! Não é mole não. É muito ruim. Acho que filho é uma coisa muito da gente ... esquecer nunca ... nunca se esquece ... (Pausa) Mas, é muito duro uma mãe perder um filho. A gente sofre. Só sabe isso quem passa por isso ... A gente só ... Uma pessoa que não perdeu um filho não sabe o tamanho do sofrimento ... Eu acho que nem sabe o que é sofrer ... nunca sabe o que é sofrer ... O sofrimento é ... é

realmente ... num ... num dá ... num dá pra explicar ... O sofrimento. Perder um filho é um pedaço que se vai ... Você sente na carne a falta dele ... Ele morreu atropelado. Eu fiquei tão traumatizada que todo acidente eu queria ver ... Uma vez eu ia pro trabalho, quando eu vi um atropelamento. Cheguei no trabalho aos prantos, arrasada, chorei o dia todo. Eu passei muito tempo assim. Eu chorava no meio da rua. As pessoas me perguntavam o que eu estava sentindo. Eu dizia: “Não, é que meu filho morreu”. “Faz tempo?” “Três anos” “Tudo isso, e a senhora ainda está assim!” Pra falar a verdade, eu levei uns ... oito anos, pra falar nele sem chorar ... Já faz vinte anos que ele morreu e quando eu falo nele ainda sinto vontade de chorar, só que hoje eu controlo melhor ... Mas eu sinto a falta dele ...Então é uma coisa que não dá pra explicar o tamanho da dor ... que uma mãe pode sentir ... perdendo um filho ... É uma dor muito profunda ... Uma mágoa muito profunda ... A morte é um mistério ... Eu não consigo aceitar muito a morte...

A senhora tem mais alguma coisa que queira acrescentar?

Não.

MARIANA

Olhe, Francilita, é uma pergunta muito complexa, a resposta muito complexa. Porque eu já perdi pai, mãe, irmãos, irmãs, por sinal eu sou a última da família. Éramos nove, só tem uma, sou a última. E eu tive dois filhos e... Este meu filho que em 1991 estava com 41 anos ... 40 anos completos, faltando pouco para completar 41, eu passei por esse dissabor. A gente nunca está preparada, nunca. Principalmente como o fato dele... O caso dele foi o seguinte: Ele nasceu com hemofilia... Ah! uma surpresa muito grande pra mim, porque é hereditária a hemofilia e eu não encontrei a herança em meus antecedentes. Não encontrei nenhum caso na minha família. Mas eu encarei... a coisa, graças a Deus, com muita coragem. Porque eu acho que a religião, a fé que a gente tem em Deus, nos ajuda muito, nos dá muita força. Eu, então... Ele tinha 4 meses de idade quando foi dado esse diagnóstico (...). Na presença desse diagnóstico, eu ... ele tinha 4 meses, então (...) eu trabalhava e (...) a minha vida teve uma modificação muito grande. Porque quem tem que cuidar de uma criança hemofílica não é tarefa fácil, não. Mas graças a Deus, eu encontrei nos meus diretores, nas minhas colegas uma... uma... compreensão muito grande de maneira que eu... Muitas vezes faltava ao serviço. Muitas noites passávamos... juntos, ele sofrendo, naturalmente eu também (...). Naquele tempo antigo que o tratamento da hemofilia ainda era muito precário. Ele tinha que tomar aquele meio litro de plasma, pra dali sair a fator que está no plasma, que é o fator VIII, que a sua falta dá justamente a hemofilia, é a falta desse fator VIII. De maneira que começou a nossa... luta (...). Eu o criei assim. Que até a época que nós estávamos começando esse sofrimento, é... muito poucas pessoas conheciam a doença, 1941, 51, 50 ele nasceu. Muito poucas pessoas conheciam e até mesmo profissionais de saúde... num sabiam nada(...). A gente com a prática é que vai conhecendo melhor. Então ele... começou a sua vida até 5, 6 anos e eu acostumei ele a não ter medo das coisas. Ele foi uma criança que andou de bicicleta, que andou de patim, que andou... fez tudo, ele jogava bola, a bola ele jogava escondido de mim. Ele sabia que eu tinha muito medo do jogo de bola (...). Eu sei que ele foi criado com muita força, muita coragem, ele encarava a hemofilia com muita força (tom de voz mais profundo), ele não tinha problemas. Às

vezes ele estava com uma dor ENORME, (elevou o tom da voz) que a hemofilia, você sabe, ataca mais as articulações (...). Muitas vezes ele estava que não podia mover um braço de dor (elevou o braço direito semifletido e fez um semblante de dor). Se o telefone tocava ele atendia o telefone: "Alô" (tom de voz elevado), com uma alegria (...) ninguém dizia que ele estava sofrendo. É assim que ele era, alegre. Depois eu te mostro o retrato dele, só a fisionomia dele você vê como ele era ALEGRE. O meu outro filho que tem perfeita saúde é parado, é triste, é... é temperamento (...). Ele era muito (...). Viche, quando ele era... quando ele tinha sua idade pré-escolar, escolar, eu pensava assim: "O Pedro não vai conseguir fazer uma faculdade, não vai conseguir, com essas faltas todas que ele tem, vai ser muito difícil, nós temos que pensar noutra coisa pra ele". Mas ele foi indo, foi indo, fez... Foi aluno do Colégio Santo Antônio de Pádua, tem educação religiosa, depois mudamos pra cá (lugar onde mora até hoje), freqüentou o São Paulo. Fez o científico. Depois fez o vestibular. Foi um dos primeiros aprovados no vestibular. E... ingressou na Universidade Federal na carreira de Administração. Fez a faculdade com todas as dificuldades, mas venceu tudo. Nunca repetiu um ano. Com todas as faltas que ele tinha nunca repetiu um ano... Nem no primário, nem no ginásio, nem no científico, nem na faculdade. Não repetiu. Quando pequeno eu ficava pendurada no telefone, às vezes, onze horas da noite, buscando informações com outras mães, quais eram os deveres. Anotava e ficava esperando uma hora propícia pra eu apresentar aquele dever pra ele, pra que ele pudesse raciocinar, a hora mais calma e de menos dor. E assim ele venceu a faculdade toda e terminou a faculdade. Veio a fase do emprego propriamente dito. E aí começamos a batalhar (...). Certo dia eu estava no serviço e eu, quando eu tenho qualquer preocupação, assim, minha fisionomia mostra logo. Então uma colega do serviço disse assim: "Hoje não tá bom". Eu digo: "É, estou muito preocupada, sabe, porque está difícil a gente conseguir um emprego pro Pedro". ... chamava-se Pedro. Aí, ela falou: "Olha, Ana, a minha filha, tu sabes que ela é psicóloga, e ela trabalha na Brahma. A Brahma está abrindo um concurso, manda ele lá. Manda ele procurar"... esqueço o nome dela agora. Aí eu vim, disse pra ele. Ele se arrumou e foi lá. Fez a entrevista. Voltou da entrevista dizendo que tinha sido puxadíssima, que ele achava difícil ter sido satisfatória a entrevista. Mas, qual foi nossa surpresa quando dois ou três dias depois ele foi

chamado. Ingressou na Brahma. Fez todos os passos na Brahma, desde a fábrica. Ia pra lá todo agasalhado, que a fábrica tem uma temperatura bai... Tô falando muito? Não. É isso mesmo (...). Tem uma temperatura baixíssima, então ele ia pra lá bem agasalhado pra poder enfrentar o ambiente frio da fábrica (...). Depois saiu da fábrica, foi passando... foi passando... Olha, cada ano que vinha, ele tinha promoção. E, com quatorze anos de Brahma chegou a Diretor-Financeiro. Era muitíssimo querido. Ele era muito extrovertido, muito alegre, e tinha muitas simpatias. De maneira que ele era muito querido. Bom, mas chegando o momento mesmo do assunto que interessa mesmo a você. Ele... nunca teve, assim, uma doença que fosse pra cama. Porque essas crises da hemofilia ele agüentava assim, mancando e... e indo aqui, acolá, a gente ajudando. Mas, o geral dele, ele nunca teve, assim, uma infecção intestinal, nunca teve nada de resfriados, de gripes e parte pulmonar, nunca teve nada. Era só a hemofilia. O outro teve tudo, o outro menino teve tudo. E então pela primeira vez... Aí minha filha veio o pior da coisa (...). Você sabe, todos os hemofílicos foram vítimas desse vírus (voz embargada). Todos os hemofílicos foram vítimas... Ele foi o portador do vírus, sem ter nada durante uns dois anos. Quando ele começou com uma febre, uns três meses antes desse... desse... mês de outubro de 91, ele começou com uma febre, aqueles sintomas da doença, mas em pé. Ele já tinha se aposentado. Ele providenciou logo a aposentadoria dele, porque coincidiu logo com uma mudança na diretoria da Brahma, e ele não estava gostando muito. Ele tinha apenas quatorze anos de trabalho, mas, se aposentou (...). Por invalidez (...). E ficou fazendo outras coisas. Tinha muitos planos, como aposentado, pra continuar trabalhando noutra empresa, fazendo alguma coisa. Tinha já coisa acertada pra ele. Recebia muitos convites, quando ele era ainda da Brahma. Recebia muitos convites de outras empresas pra ganhar mais. Mas, ele gostava muito da Brahma. Eu sei que ele foi para a cama mesmo, ele foi ... quatro dias em casa e três dias no hospital. Esses três dias em casa, minha nora me telefonou, eu fui pra dar uma ajuda. Ele bem, consciente, apenas teve umas tonteiras e os médicos fazendo tudo para detectar onde era a infecção. Qual era a pior infecção que ele tinha, que estava causando aquilo tudo. Até, por uma tarde de uma sexta-feira foi detectado que ele estava com uma ... fez uma punção e foi detectado que ele estava com uma encefalite. Então o médico disse: "Olha, Pedro, pra

você curar essa encefalite tem remédio, tem antibiótico pra isso, mas você precisa se hospitalizar. Porque o antibiótico que é dado dá uma reação muito forte e em casa não pode ser feito.” “Então, vamos pro hospital”. Vamos. Se animou todo. “Vamos, hoje de tarde logo, podemos ir” ... e coisa e tal, providenciou. Foi pro hospital dos hemofílicos mesmo. Porque logo que nós começamos com esse problema da hemofilia, as primeiras famílias, as primeiras mães, nós providenciamos uma associação. Foi muito bom, porque, parecia assim, que só ... o problema era só você que tinha. Aí, a gente reuniu as mães todas, e aí ficava mais suportável. Muitas também estavam passando pelo mesmo sofrimento. Então, essa associação foi crescendo, crescendo, à custa de muito sacrifício. À custa principalmente dos pais. Esse meu marido trabalhou muito. E muitos outros pais de outros hemofílicos. Meu marido pertenceu à diretoria, muitos anos, quando ele era criança ainda. Eu sei que passou agora esses últimos dez anos da vida dele, ele passou dez anos como presidente dessa associação. É ... então, o que eu ia dizendo é que ele estava justamente em casa, doente, mas nunca passou pela minha mente que aquela fosse a ... a causa ... aqueles dias fosse ... pra morte. Nunca passou pela minha idéia (pausa). Nunca passou. Pensei que dali ele saía. E ele também pensava assim. Ele foi criado desde criança pensando assim, hoje eu estou muito ruim, mas, amanhã eu estou melhor ... amanhã eu estou melhor. Então ... eu estava pensando e ele, também, que ia melhorar, que ia pro hospital e ia melhorar ... Foi pro hospital. A tal reação no primeiro dia foi, realmente, muito grande. Teve que ser suspensa no segundo dia. Mas, ele bem, consciente, falando, alegre, recebendo visita, que ia melhorar. Sábado e domingo ele tomou, teve que suspender por causa da reação. Na segunda-feira eu não estava lá, que era meu dia de ficar em casa, porque eu revezava, eu e minha nora (...). Ele amanheceu o dia, tomou a dose inteira, ficou feliz da vida, o último dia muito feliz da vida dele foi esse, que ele viu que daí pra diante ia receber bem o medicamento e ficar curado, né. Qual não foi a nossa surpresa, quando, no dia seguinte, ele amanheceu com uma insuficiência respiratória muito grande (...) aquilo foi aumentando, aumentando, já no hospital, ele já estava no hospital (...). quando chegou terça-feira à tarde minha nora telefona dizendo: “Dona Ana, vamos trocar, a senhora não venha hoje de noite não, vamos trocar, que hoje à noite eu fico com Pedro”. Ela não quis me dizer. “Não precisa a senhora vir hoje, a senhora vem

amanhã” Ela também estava crente que ia melhorar (). Ai eu disse pro meu marido, e combinamos. “Não, vamos até lá ... vamos até lá, ver como ele está”. E fomos. Quando chegamos lá, pra nossa surpresa ele tinha sido removido. Porque o hospital ainda não estava com o CTI (Centro de Tratamento Intensivo) pronto. Então, ele tinha necessidade de ir para um CTI e foi pro CTI do hospital próximo. Passou quatro horas no CTI. Em quatro horas aquela evolução foi tremenda (pausa). E às 10 horas da noite desse dia, ele faleceu. (Pausa) Hoje ... Na hora que ele faleceu vem o médico dele, que era muito amigo dele, gostava demais dele, e disse, antes ele já tinha me dito: “Olha, Ana, o caso do Pedro é muito grave, muito grave mesmo”. Quando ele disse: “Ana, olha, o Pedro faleceu”. (Pausa) Olha, eu encarei aquilo ... eu acho que a religião dá uma força tão grande pra gente. Eu tava ali rezando, rezando, rezando, rezando. Eu recebi aquilo, é claro que eu me abracei com ele chorando, me abracei com minha nora chorando. (Pausa) Achando aquilo uma coisa muito, muito, muito, muito dolorosa. Mas ... com a força que Deus me deu ... Que ainda hoje eu fui visitar uma colega que perdeu o marido repentinamente, anteontem , eu fui à casa dela hoje, ela me disse: “Ana, eu me lembro de você ... e me lembrando de você eu tô procurando ter forças também. Porque você teve muita presença, muita calma, durante toda aquela noite, durante todo o dia seguinte, o do velório”... Muito bem. Esse dia é essa dor, que a gente nem se situa bem. Agora, depois que a gente vem pra casa, que entra na realidade, não existe mais aquele filho, que a gente não vai ver mais, aí começa a dor, o sofrimento. Muita lágrima, mas muita, muita, muita resignação. A ajuda de Deus, pra mim, foi uma coisa que me segurou mesmo, sabe? E até hoje. E a gente pensa que a saudade vai diminuindo, num vai não, milha filha, a saudade é sempre a mesma ... sempre a mesma (choro, pausa) Mas ... sempre com resignação, com coragem, rezando pela alma dele. Agradecendo a Deus a vida que ele teve, 41 anos, quando eu pensava que ele não ia viver muito. Ele mesmo dizia, ele brincava, desde criança era muito brincalhão: “Ora, ora até uns 12 anos mais ou menos eu vou”. Depois ele dizia: “Até os 20 eu vou” Depois ele dizia: “Até os 30 eu vou”. Depois ele parou de dizer. Ele viu que ia indo muito bem. Foi até os 41 anos. (Pausa) E assim ... não se apercebeu que aquele era o momento da partida dele, não se apercebeu. Que ele tem uma esposa ... uma esposa que ele conheceu com 4 anos de idade. Brincaram com 4 anos de

idade. Já se adoravam como crianças. Chegou a adolescência, começou aquele tipo diferente, uma outra atração (...). É esta menina é que é a mulher dele. Passaram-se ... casaram-se, ambos tinham tinham 27 anos. Nasceram no mesmo dia ... nasceram no mesmo dia 4 de fevereiro. Todos dois no hospital São Paulo ... Apenas não estavam no mesmo berçário porque tinha inaugurado uma maternidade nova lá em Marechal Hermes dos servidores do serviço público e ela foi pra lá e eu fiquei aqui na Sacradura Cabral. Mas foi assim um amor, uma coisa que ... Tá sendo muito difícil pra ela até hoje. Já tem quatro anos que ela perdeu ele, e ela não tem muito ... isso que eu tenho, a força de Deus. Ela não se entrega muito a Deus. Não entrega o sofrimento a Deus. Aí é que sofre muito mais. A gente entregando tudo nas mãos de Deus. Ele resolve. Ele vai dando tudo com calma, com tranquilidade. A gente vai chegando. De maneira que ... Assim, esse sofrimento, essa perda eu acho que não tem igual. Porque eu perdi pai, perdi mãe, como eu já te disse, perdi irmãos, senti. Mas, essa dor é pra sempre, vai me levar até meus últimos dias, a falta que ele faz, a presença dele, a lembrança daquele ... do que ele foi. Carregando esse sofrimento, mas com muita coragem, com muita resignação, com muita ... Vou te dizer até ... Vou me expressar, com alegria. Porque ele dizia: "Olha, mãe, se eu acreditasse em reencarnação". Ele era da nossa religião, acreditava é na ressurreição. "Se eu acreditasse em reencarnação, eu ia pedir a Deus pra voltar outra vez hemofilico". Pra você ver como ele tinha segurança (...). (Pausa). O que mais eu posso te dizer, Francilita?

A senhora tem mais alguma coisa que queria acrescentar?

Não, eu acho que encerro (...) com essa continuidade dessa saudade; e sei que não sou só eu. Sei que muitas, muitas, muitas e muitas mães perdem seus filhos e devem sentir a mesma coisa que eu sinto. Umás mais novas, outras já mais idosas. Eu já perdi ele, já tinha uma certa idade também. Eu vou te dizer a minha idade (...). Não faz parte da entrevista (...) mas. Eu estou com 83 anos. Todo mundo fica muito admirado. "Mariana como é que você com esse sofrimento todo" ... Mas a Laura Costa, ela trabalhava comigo e mais um grupo de outras colegas (...). Essas colegas, três ou quatro, viviam no psicólogo, viviam nas cadeiras dos psicólogos, fazendo análise (...). E a Laura dizia: "Olha, a

Mariana tá aí, ela não vai a psicólogo não”. Eu dizia: “O meu psicólogo está lá em cima, meu psicólogo é a minha religião, eu vou levar com coragem (...). A gente ... A saudade não desaparece, mas a gente crê, eu estou certa, creio que existe a vida eterna, que existe um dia a ressurreição, que nós um dia vamos nos encontrar! Não vamos nos encontrar? É isso que eu espero.

MIRIAN

Francilita, eu não sei nem como lhe explicar, porque é uma coisa tão dolorosa, que a gente procura entender. Porque a perda é tão grande que aquilo parece que é ... que sai ... a gente fica com o coração todo estraçalhado. É o que eu sentia. Eu achava também que eu nunca havia de me conformar com a morte de meu filho. Primeiro morreu um que tinha 2 anos e 6 meses. Esse também, me ... sofri muito com a morte dele. É uma coisa que ... que filho é um pedaço da gente. Parece que, com a perda daquele filho, a gente tirou um pedaço da gente. A impressão que a gente tem é essa. (Pausa) E então, com a morte do João, ele já morreu com 50 anos, aí a dor foi maior. Eu achava que ... Passei muito tempo que pra mim eu tava sonhando, ele não tinha morrido.

Por que a senhora diz que essa dor foi maior?

Porque conviveu mais comigo (...). Era mais velho. E ele ... Não era o mais velho, o mais velho foi esse que morreu com 2 anos e 6 meses. Mas, ele convivia ali com comigo. E ele tinha sofrido muito e tudo. E eu ... cansei, era uma coisa meio esquisita, eu quase fico louca naquele tempo. Ainda hoje quando eu falo nele, eu não me controlo, sinto aquela dor no coração, sinto como que aquilo fo... seja como se fosse naqueles dias. Eu passei muito tempo que ... Passava assim na minha vista, assim como que fosse, assim uma televisão e eu tivesse vendo tudinho, o hospital, o sofrimento dele, tudinho (...) eu terminava chorando. E rezava e pedia a Deus que me tirasse aquilo, me desse conformação, porque ele não voltava mais. Ele tinha me dado por tanto tempo, pensava sempre assim. Ele me deu o meu filho, a alegria de viver com ele tantos anos, agora chegou o dia que ele precisava voltar pros braços de Jesus, Jesus veio buscar. E nesse negócio que foi indo, foi indo que eu me conformei. Às vezes eu tava deitada lá no meu quarto, quando eu ouvia um avião, passar lá por cima, porque ali onde eu morava passava o avião em cima da casa, aí eu dizia: "Ah! Meu Deus! É o João que vem chegando agora". Cansei de dizer isso. Aí depois é que eu caía em si e me lembrava: "Meu Deus, ele não vem, ele morreu". Eu dizia isso, né. Eu fiquei assim. Pra onde eu ia parece que ele me acompanhava. Eu saía, às vezes, ia pra praia, me levavam pra dar um passeio na praia. Mas, aonde eu ia, eu

achava uma pessoa parecida com ele. Parece que ele me acompanhava. Ainda hoje eu sou assim. Quando eu estou numa reunião, principalmente em reunião de família, eu tenho a impressão que ele está ali. (Pausa) No meio da gente. Meu pai, minha mãe morreram, eu senti muito a morte deles, porque era meu pai e minha mãe. Mas, se eu disser que eu senti igual o que eu senti pela morte do João, eu minto.

Por que que é diferente?

É diferente. É uma dor diferente.

É diferente como?

Como assim ... Eu não sei nem explicar como é. É uma coisa assim esquisita, que ... É um aperto que a gente sente, que sai da gente aquilo. Filho é ... corda do coração da gente (...) Sangue ... Sei não, corda. Eu senti assim, como um pedaço de mim que tinha saído. Eu tinha perdido aquele pedaço de mim. Pensava muito nisso. (Voz embargada) É uma dor assim ... Dói dentro ... uma dor que a gente não suporta. Eu ... Rezei e pedi muito a Deus que me desse conformação e me desse força pra eu seguir em frente. Por causa de Jesus, eu fui ... Ele foi quem me salvou de todas essas coisas. Porque eu tinha a impressão que nada pra mim tinha mais valor, nada ... Me desiludi da vida. Pra mim ... tanto fazia eu morrer hoje como amanhã, era a mesma coisa. Mas, eu todo dia eu pedia a Deus que ele olhasse pra mim, tivesse pena de mim, porque eu estava era ficando louca. Pedi muita força pra ele, pedi muito a ele e a Maria Santíssima, pedi muito, que eu tenho muita fé em Nossa Senhora. Eu venci. Eu hoje já me conformei com a morte dele, e sempre digo que, esquecer, a gente não esquece nunca.

Já se conformou como?

Porque eu já não sinto tanto como eu senti no começo quando ele morreu, sabe?

Sentir tanto o quê?

A dor. Aquela dor no coração que a gente sente. Parece que fica aqui (levou a mão esquerda ao peito) tudo fechado. (Pausa) Hoje eu me lembro dele, sinto muita saudade dele,

não me esqueço dele um só ... Eu não esqueço dele assim ... muitas vezes eu acordo de madrugada ... os primeiros pensamentos meus foram pra ele. Eu não me esqueço dele de jeito nenhum. Mas, ... eu fico pensando que ele está muito bem, melhor do que se ele estivesse aqui. Porque este mundo só dá é muito sofrimento. E a doença que ele tinha não tinha jeito. Se havia de eu ver meu filho de cadeira de roda, se movimentando pelos outros ... os outros tudo ... dando a comida dele na boca, como o médico disse que ia ser isso. Por causa dessas coisas é que eu me conformei. Deus ... Deus sabe fazer as coisas ... Deus sabe (...). Deus chega na hora certa. Se o dia dele era aquele, Deus veio buscar e levou. E eu tive que me conformar. (Pausa) E o pensamento que eu tenho é que ele está lá perto de Jesus, nos braços Dele. (Pausa) Sempre eu tenho esta fê nisso. É, a gente vai ... vai passando ... vai chegando até que a gente vai assim... Se sentindo mais eu não sei nem explicar. Assim a gente vai ficando mais livre daquele peso e tudo e vai se conformando. (Pausa). Eu passei muito tempo que eu não ia na casa dele, de jeito nenhum. Porque eu não tinha nem coragem de entrar na casa dele. Porque quando eu chegava lá a primeira pessoa que saía era ele ... Ele tinha aquela alegria quando me via lá na casa dele. E eu passei muito tempo sem ir na casa dele. Agora, já hoje eu vou. Já não sinto mais o que eu sentia quando ele morreu. Agora, eu agradeço tudo isso a Deus. Que Deus foi quem me deu essa conformação e essa coragem de enfrentar tudo.

A senhora falou que vai se livrando do peso. Que peso é esse?

É um peso ... Ele é muito grande. Uma coisa que a gente quer acreditar, mas a gente não acredita. A gente acha impossível ter acontecido aquilo. A gente tá vendo, mas não está acreditando. (Pausa). Mas, triste de nós se não fosse Deus. Deus é muito bom, conforta muito a gente, ele não despreza os filhos dele. (Pausa).

A senhora teria mais alguma coisa para acrescentar?

Eu acho que não, Francilita. Eu já estou até chorando, porque quando eu falo, renova tudo.

MAGALI

Eu achei muito ... sei lá ... Eu achei uma coisa muito sentimental (...). Não sei nem dizer como é. (Pausa). Eu custei a aceitar. Agora já tô aceitando, mas ainda choro muito quando eu conto a história dele. O José, ele escreveu a história dele. Eu tenho a história dele escrita. Porque ele passou mais de um ano sofrendo. O primeiro que faleceu. A Joana faleceu, o seu José, mas o sentimento meu não é igual ao dele. O dele supera todos os outros e faz é tempo, foi o primeiro, foi em 79.

Por que supera?

Porque ele sofreu muito. (Pausa) Sofreu tanto. Era eu, ele e o Seu José, tudo sofrendo. Mas, ele ficava tão angustiado e a gente também junto com ele, só eu e Deus sabe como ele ficava. Porque o sofrimento foi grande. Criou até bicho, criou (apontou para a região nasal) nas narinas. Era cada um bicho desse tamanho (mostrou o tamanho com o indicador e o polegar da mão direita). (Pausa). Porque ele sentia muita dor que era isso aí, viu? E, davam o remédio pra dor, tanto fazia dar como não. Era aquela dor, ... aquela dor que ele só faltava ... Ele ficava ... Ele ficava inquieto com aquela dor. Isso já para o fim, sabe? O José levou para o médico, o médico, quando fez o exame e tal, conheceu logo (...) que botou criolina (...). Ave-Maria! Diz ele que saiu tanto. Eu não fui não, eu não estava presente. Foi na véspera dele ir embarcar pra ir pra São Paulo. Que ele queria por força ir pra São Paulo. Que pra ele em São Paulo ele ia ser curado. Ele disse: "Mamãe, eu vou ser curado ... Eu quero ser curado, que se eu for curado eu vou lutar, estudar, pra ser médico só pra tratar dos doentes". Ele dizia isso. Cansou de dizer isso. E ele tinha muita vontade de ... de ficar bom. Isso foi na véspera dele embarcar. Ele sofreu ... sofreu demais ... demais ... Foi mais de um ano ... nunca mais eu me esquecerei. Na véspera dele falecer, ele faleceu às seis horas do dia ... Na véspera, nós fomos lá, eu, e o Seu José. Quando chegamos lá ele estava tão angustiado, me abraçou, abraçou o Seu José, dizendo que queria ficar bom, não queria morrer ... Era tão angustiado ... tão aflito. E ele botava todo o tempo ... ele botava sangue ... não era sangue, era uma salmoura bem forte pelo nariz ... sei lá, era quase todo tempo isso. A gente perguntava pra enfermeira: "Por que é que ele está assim, só botando essa secreção?" Ela dizia: "É

do remédio”. Isso eu detesto a pessoa que engana os outros. Devia dizer. Não digo que diga para o doente (...). Mas dizer pra gente. Pra gente se preparar e preparar o doente. Mas não, nega, até na última hora, negar. Eu fazia essa pergunta, o Seu José também fazia essa pergunta e ela dizia, ela respondia: “Não, isso é do remédio”. Do remédio coisa nenhuma ... O Seu José quando chegou lá em São Paulo, o doutor disse: “Seu filho não escapa não. Ele vai viver só um mês ou dois, eu não me lembro. (Pausa) Três meses ... até três meses. Não me lembro mais das palavras que ele disse ... “Mas, ele não vai escapar não. Dessa ele não escapa ... Ele fica aqui em tratamento, uns tempos, um mês ou dois, eu dou alta, o senhor querendo vai pra casa, que ele não escapa não.” Fez tudo ... Fez tudo pra ele escapar. O médico fez todos os esforços. Fez aquele negócio que precisa fazer uma máscara de ferro (...). Foi a primeira coisa que fizeram nele lá, foi essa máscara de ferro.

Radioterapia?

É pra fazer isso. Porque senão atacava a vista. Não sei não ... Coisa assim. Foi, o sofrimento foi grande, do meu filho. Não sei não. Nunca mais me esqueço não, de jeito nenhum. (Pausa). A Joana, ela me fez uma grande falta, todos eles ... E a Joana fez muita falta a mim. (Pausa, choro). Porque é quem me ajudava, e talvez tivesse me ajudando ainda. Fez uma falta grande ... Mas o meu sentimento por ele não tem comparação. Porque o meu filho sofreu muito, e eu e o José sofremos muito por causa dele. (Choro). Nunca mais me esquecerei, nunca. Eu vou morrer com esse sentimento ... É tanto que os outros faleceu e eu fiquei conformada. Me fizeram muita falta ... O José fez muita falta a mim (marido) e ainda está fazendo ... demais, mas a morte do meu filho, do Jaime, não tem como a dele, não. Ele sofreu muito. (Pausa). Mas, mas foi de um sofrimento. Não sei como uma pessoa sofre daquele jeito. E era com todo senso ... Todo consciente ... (Pausa). Porque é o jeito, né. (Pausa). Eu queria tanto meu filho vivo. Era tão bom ele. Era dos melhores ... Era tão bom ele ... Ele me ajudava, ajudava o pai. Ele só pensava o que era bom. No colégio ele era o líder. Ele era um menino muito bom ... Mas só me conformei porque é o jeito.

Como foi?

Sim. Eu não sei nem como te dizer. (Pausa). Porque eu tinha minha filha, meu marido, os outros filhos. Aí, sempre me conformava mais com a morte dele. Mas, é porque eu mereci. Se eu não tivesse merecido, ele não teria tido essa morte assim. Eu mereci ...

A senhora mereceu como?

Assim ... Porque eu mereci. Deus me deu essa sina, sabe? ...

Como assim?

Não ... Não sei ... Eu acho, assim, que Deus achou que eu merecia a morte do meu filho. Não sei ... Deus me deu aquela sina e eu tenho que aceitar (...). Se eu não tivesse merecido, eu não tinha esse sofrimento. Muitos dias eu penso, é só pra chorar. Se eu pego nas coisas dele é só pra chorar. Se eu converso ... (Pausa). O sonho dele era ficar bom e fazer a plástica. E eu, também. Eu não me conformava que ele ia morrer, não. Eu tinha (...) uma esperança grande que ele ia viver. Até bem dizer na véspera dele falecer, eu tava lá procurando casa pra alugar, porque nós morávamos na casa de um amigo (...). Aí, quando ele faleceu o jeito que teve foi a gente vir pra cá, fazer o enterro dele aqui. (Silêncio)

A senhora teria mais alguma coisa pra acrescentar?

Pra mim o que ele não queria era ficar internado. Ele tinha horror a internamento. Mas eu queria que ele se internasse, que era para o socorro dele. Ele tinha remédio ... Tinha tudo, tinha o principal. Ele cansou de dizer: "Mamãe, eu não quero me internar, mas a senhora quer por finda força que eu me interne". Aí aquilo chega doía dentro de mim porque ... A minha opinião era essa. Porque ele internado era melhor pra ele, pra pessoa dele, pra ficar bom. E em casa ficava mais difícil. E ele dizia que era eu que queria por finda força que ele se internasse e ele não queria se internar, e ele não queria se internar. Ave-Maria, não queria de jeito nenhum. Pra ele o maior inimigo era o internamento. Eu também ... nunca gostei, nem gosto, nem pra mim, nem pra ninguém da minha família. Francilita, eu não aceitava a

doença dele, eu não aceitava a gravidade da doença dele. Não aceitava a morte, nada. Como também não aceitei do meu marido. (Choro) ... A morte é traiçoeira ...

MÁRCIA

Olha, faz um tempo (...) que isso já aconteceu, mas na época eu achava (...) que eu ... quando eu tive certeza que não ia ter jeito e que eu ia perder a Mariana, eu achava que eu ia ficar louca. Eu achava que eu não ia reagir. Eu dizia pra todas as pessoas que iam em minha casa visitar a Mariana, eu dizia assim: "Olha, Matheus" ou pras minha amigas: "Eu tenho certeza que se eu perder a Mariana eu vou ficar louca". Porque ... meu Deus, é como se tirasse um pedaço da gente ... É uma coisa tão da gente ... tão, tão, ... sei lá ... é uma ... não sei, eu não sei definir como é a coisa ... É muito forte, é um negócio que ... Tanto é, que eu me apeguei tanto, tanto, à Mariana na época ... Nós vivemos quase que em função somente dela, porque também a doença dela requeria que a gente ficasse muito em função dela, que depois que aconteceu eu senti uma coisa muito estranha, era como se os outros dois não existissem. Eu fiquei tão assim com relação ao Leonardo e ao Mauro, que eu fiquei assustada. Eu fiquei: "Meu Deus do céu, Matheus, o que está acontecendo comigo que" ... Eu não sei, eu era fria com os meninos, era uma coisa esquisita. Porque na minha cabeça só era Mariana, Mariana, Mariana, e aquela saudade ... Eu fechava os olhos em qualquer canto que eu estivesse, eu tinha certeza que se abrisse eu ia ver, eu ia sentir ela tocar em mim ... Eu fiquei muito com aquela coisa do apego às coisas dela. De ajeitar coisinha, gavetinha, roupinha. Por muito tempo eu fiquei apegada a essas coisas. Aí, depois, veio o inverso da coisa. Eu fiquei com medo demais de perder os dois. Tanto é, que quando qualquer um tinha qualquer problema, por mínimo que fosse, uma crise de garganta qualquer, eu morria, só faltava ficar louca, pensava que ia perder também. (Pausa). E com a morte dela o que mais eu senti ... eu acho que foi a separação. É você sentir assim que você não vai mais ver, que você não vai mais ter aquela criaturinha, que você nunca mais vai poder ver aquela pessoa. Essa coisa da perda, de você saber que você não vai mais ver aquela criatura que você convive todo dia, que você se levanta, os hábitos que você tem de manhã, levantar, tá vendo aquela pessoa, na hora do almoço. É aquela coisa, essa coisa de não existir mais em momento nenhum na sua vida ... Pronto, foi, acabou-se ... E como se acabou ... Por mais que você sinta assim ... não, mas é isso ... a morte é uma coisa que morreu pra cá pro mundo, mas continua. Claro, até hoje eu lembro da minha filha, eu

lembro de detalhes ... de coisas dela ... Tem o que, ela morreu com 4 anos, hoje ela teria 18 anos. Mas, eu lembro coisinhas em cima dela, de detalhezinhas ... do formato da unha dela, eu lembro hoje. Mas, eu digo, é aquela coisa que é como arrancasse uma coisa de você e não é como se a pessoa viajasse e fosse passar um tempo lá fora, dois anos, três anos, mas você sabe que uma dia você vai ver aquela pessoa. E, saber que morreu. Essa palavra morreu, acabou, foi embora, e você não vai ver nunca. E a vontade que você tem de ver, de pegar, de tocar é demais ... É muito dolorido. É aquela coisa que você não tem pra você dar um abraço, que você chama pelo nome, de vir aqui onde você está. Não sei ... é terrível isso ... (Pausa). Eu não sei se eu posso falar, mas se não você tira.

Fique à vontade pra falar.

Quando o Matheus (marido) morreu, uma pessoa chegou pra mim e perguntou exatamente o que tinha doído mais em mim, se foi a perda da minha filha ou se foi a do meu marido. Eu digo: "Olha, não tem como comparar, são coisas diferentes".

Diferente como?

Porque é justamente ... Porque eu acho ... Olha, o marido você não ... Eu não consigo ... Olha, eu convivi vinte e três anos com o Matheus, namorei cinco anos com ele, e foi uma convivência assim muito de perto, eu era muito apegada a ele, e ... a gente era muito junto, aquela coisa toda ... Mas, eu não sei se é porque filho você considera uma parte sua, de você, é seu. É uma coisa que corre aqui dentro, né, (como sangue que corre na veia) você tá sabendo. E o marido, não. Meu Deus, até hoje ... Olha, tem dois anos que eu perdi o Matheus (...). Mas eu sinto ... Meu Deus ..., eu fecho o olho aqui se eu abrir eu acho que ele está passando ali no corredor (local da casa, próximo da sala onde estava sendo realizada a entrevista). Mas entre o filho e o marido não tem como você comparar a dor, como é a dor. A dor é grande demais, tanto de um como do outro, mas o filho é uma coisa que é muito aqui de dentro da gente. (Pausa).

Como assim?

Não sei, a perda, a história da ausência é a mesma, a saudade é a mesma, foi embora também, você não vê mais. Mas eu não sei sinceramente te dizer como é que é, comparar isso.

Existiria algum nome para classificar esse tipo de sentimento?

(Pausa). Não sei ...

Você teria uma outra maneira de expressar a diferença desse sentimento de perda?

(Pausa). Olha, sinceramente eu não sei como te explicar isso ... Eu não sei ... não sei não.

No início você falou que não suportaria perder sua filha. Como você superou a perda?

Olha, isso eu digo pra todo mundo ... Olha, eu já passei por muita coisa assim ... Quando o Mauro tinha 1 ano e pouco, que eu estava em São Paulo com o Matheus fazendo doutorado, o Mauro teve uma meningite (...). E então, foi um sofrimento muito grande pra gente, ele quase morre (...). E depois ... Passou, passou. Depois veio a Mariana, tudo bem. A Mariana com 4 anos começou ... Antes dos 4 anos começou com esse negócio. Eu perdi a Mariana e depois eu perdi o Matheus. Mas Francilina eu te digo com toda sinceridade. É aí que eu acho que as pessoas têm que acreditar num Deus, numa coisa muito superior, é um Ser superior que existe, porque só Ele é capaz de dar força a gente pra gente suportar. Tem que ter uma força que você não sabe como explicar. Não existe uma fórmula por onde você seguir pra suportar esse tipo de coisa. Mas, tem uma coisa que acontece. Que você tem ... Não sei nem se você toma consciência, eu acho que a coisa vai acontecendo, que você ... Tem gente que diz assim: "Não, mas é o dia-a-dia que vai" ... O tempo vai passando. A saudade não passa. Eu choro hoje com saudade do Matheus, eu choro quase todo dia com saudade dele. Eu me lembro ... A Mariana, meu Deus do céu. Eu vivia num quartinho. Na época da doença da Mariana eu tive que me mudar da casa que eu estava porque os médicos desconfiavam que o problema podia ter

sido causado por inseticida, porque eu morava em frente de um depósito de inseticida da Secretaria de Agricultura. Outros também achavam ... Como ela tinha tido uma hepatite, podia ser seqüela, alguma coisa assim, que nunca foi provado e nem comprovado porque que tinha sido. Mas ... Então eu fui pra casa de minha irmã. E depois que ela morreu nós ainda ficamos um tempo lá. Mas, eu vivia num quarto. Era como se fosse o meu mundo, aquele quarto ali. Eu não tinha vontade de nada. Só pensando, pensando, pensando, pensando, pensando, pensando, pensando, Mariana, Mariana, Mariana ... Eu ia ao cemitério quase que todos os dias. Eu achava que se eu estivesse ali eu estava mais próxima dela, não sei se ... Que não tem nada a ver (...) o corpo tá acolá, tudim. Mas eu me sentia bem em tá ali. Como eu me sinto bem. Todos os meses eu vou ao cemitério. Tem dois anos que o Matheus se foi, e ele está lá enterrado no mesmo túmulo da Mariana. Eu vou todo dia ... Se eu não for todos os dias 21, mas todos os meses eu vou ao cemitério. Eu me sinto bem ali.

Depois da morte dela, por que você ia diariamente?

Era como se eu estivesse ... Era como se ali eu estivesse de alguma forma perto dela ... De alguma forma. Mas eu sentia ... Eu sentia que se estivesse ali ... Por exemplo, quando eu estou lá eu penso que eu estou muito mais próxima deles, porque quando eu chego em casa, eu me sinto mais distante. (Pausa). Mas, essa coisa de ... como que eu reagi, como é que passei, como é que tô ... Por isso é que te digo, o sofrimento é uma coisa que ... Eu acho que torna as ... Eu já vejo as coisas diferente. Eu não vou dizer que se eu perdesse alguma pessoa muito querida minha hoje, se eu fosse reagir da mesma maneira como eu reagi com o Matheus, como eu reagi com a Mariana e tudo ... mas eu acho que eu vejo já diferente assim ... O mundo, as coisas, que você não tem muito que se apegar a essa vida; a coisinhas que não valem nada, que isso aqui é uma coisa que você tá passando um tempo, e que você tem mais é que fazer alguma coisa de bom; porque a gente tá aqui eu acho é por algum motivo, pra você ... Você veio pra cá por alguma razão, pra fazer algum ... preparar alguma coisa pra tua vida futura, pra alguma coisa que tem lá em cima, que Deus preparou pra você, que tá preparando. Mas, eu tenho certeza de que eu mudei muito com relação ao que eu pensava antes, depois que eu passei por tudo isso. Cada sofrimento, cada etapa

que eu passei, dessas que eu te disse, hoje eu vejo muita coisa como diferente. Mas, dá pra sobreviver ... É doloroso, você se sente muitas vezes, até assim, muito sozinha, meio desamparada, às vezes, tem momentos que você ... “Meu Deus” eu tô ... Por exemplo, às vezes eu tô sozinha aqui dentro desse apartamento. Um filho foi não sei pra onde, outro foi não sei pra onde, mas, cada um tem sua vida (...). Não posso querer que todo mundo fique a toda hora perto de mim (...). Mas o que você sente no começo, que todo mundo, tanto os amigos, como os parentes, você sente muito essa carência, essa coisa de ... ter aquele aconchego, ter alguém que se preocupe com você, tá entendendo? De alguém que telefone, que venha, que converse, sabe? Você sente muito essa necessidade disso.

Que tipo de conversa você gostava de ter?

Sobre a pessoa. Eu sempre gostei muito de falar sobre a pessoa. De ver fotografia. Aqui em casa é cheio de fotografia do Matheus. Eu converso na Mariana ... Eu conversava sobre a Mariana o tempo inteiro ... o tempo inteiro. Eu converso sobre eles, isso me faz bem. Me sinto bem. Às vezes as minhas irmãs dizem: “Márcia, eu fico impressionada, porque eu não conseguiria jamais ficar falando ...” Pois isso me faz bem. E não é que eu fique me lastimando e chorando. Às vezes, eu tô até num lugar, numa roda de amigos e todo mundo está numa boa, rindo e tudo, e toca uma música que eu sei que o Matheus gostava e tudo ... Aí eu digo: “Oh! Menino, se o Matheus estivesse aqui, eu estaria dançando com ele, sabe? Eu converso assim, numa boa, tranqüila, sem me martirizar e até com saudade ... saudade gostosa. (Pausa). Mas, eu não sabia que eu era capaz de fazer isso não ... de sentir assim, não. Por isso é que eu te digo com toda certeza que Deus está aqui pertinho de mim. E que Ele me ajuda demais. E que Ele é muito bom. Eu sou católica, mas, eu não sou aquela católica praticante, de viver e de não sei o quê ... Mas eu sinto hoje, já, mais necessidade de ... Por exemplo, de estar ajudando mais o meu próximo, sabe? De olhar pelos menos favorecidos, de estar indo assim em algumas dessas instituições pra levar alguma coisa. Eu sinto essa necessidade, de fazer alguma coisa por alguém, assim, você está entendendo? Eu acho que isso está me fazendo bem. O Matheus, ele tinha um desejo, ele disse uma vez pra mim, eu acho que um mês antes dele

adoecer. Uma vez a gente estava sentado num canto e ele viu uns meninos de rua, e ele falou assim: “Se eu ganhasse um pouquinho mais, todos os meses eu faria uma feira bem abundante e levaria numa dessas favelas, assim ... ou em alguma instituição assim, pra essas crianças”. E eu fiquei com aquele negócio na minha cabeça, e depois eu passei a fazer isso. Mas, aí eu custei a fazer pensando: “Será que eu vou fazer porque ele queria fazer, ou porque eu quero fazer?” Mas, eu senti que eu tinha vontade de fazer. Eu tava fazendo aquilo era porque eu queria fazer também? Justamente, por isso, é que eu me dei um tempo para pensar, eu disse: “Será que eu estou fazendo porque ele queria fazer e não teve oportunidade de fazer, ou porque eu mesma tenho necessidade e quero fazer também?” Aí quando eu passei a fazer, eu digo: “Não, eu quero fazer isso”. (Pausa). Também eu mudei muito. Hoje eu vejo as coisas bem diferentes. E eu sinto hoje que a gente tem que fazer alguma coisa. E que eu não pensava, porque antes e tal, eu achava que a minha vida estava tudo muito bom, sabe? Estava tudo no lugar direitinho, com meu marido aqui do lado, e tudo mais, as coisas estavam caminhando e meus filhos com saúde, tudo dentro de casa. Então eu não me preocupava muito com esse lado. Por isso é que eu digo que o sofrimento, você vai passando por coisas e você vai tendo de refletir. É nestes momentos que você tá aqui calada, sozinha no seu canto até com pensamento nele e tudo. Mas, aí você começa a ver que as coisas são diferentes. Que a vida não é aquela coisinha bonitinha, acertadinha, arrumadinha. (Pausa).

Tem mais alguma coisa que você queria acrescentar?

Não. (Pausa). Não ... Agora tem uma coisa que ... do dia que a Mariana morreu ... Da gente ver tanto sofrimento da doença dela. Eu era muito angustiada com aquela coisa de não ter como dar um jeito no sofrimento dela. Por exemplo, houve um dia que ela tava com muita dor, que ela tinha hemorragias internas horríveis, e a gente ligava para o médico, e ele dizia: “Não tem mais o que se fazer. Não tem mais o que se fazer por ela. Não tem mais uma medicação que se possa aplicar na Mariana”. Então eu ficava desesperada, Francilita. Meu Deus, você ... Francilita, não existe nada pior do que você ver uma pessoa sofrendo. Eu dizia: “Meu Deus do céu me dá uma solu... Me arranja uma maneira de não ver mais ... “E ela, era engraçado ... Ela

não podia me ver chorando perto dela, porque ela chorava também, ela dizia: “Mamãe, não chore, não fique triste”. Ela não queria que eu fica ... Aí eu ... “Tá bom Mariana, a mamãe não vai mais chorar”. E tinha uma coisa, ela ficava grudadinha todo o tempo perto de mim. Só queria ficar perto de mim. Se ela ia se deitar, queria que eu ficasse perto dela. Se queria vir pra sala ficar sentada, eu tinha que ficar perto dela. Então no dia quando ela morreu, eu me lembro que o Matheus tava todo o tempo junto com ela, e ela estava muito assim ... Nesse dia ela estava que não tinha canto, era inquieta, não tinha lugar certo. Era mais ou menos umas onze e pouco da manhã quando Matheus disse: “Márcia, vá pegar os meninos no colégio”. Eu saí pra ir pegar os meninos no colégio assim chorando, desesperada, eu me lembro que eu disse assim, e eu disse até em voz alta: “Meu Deus do céu, se for pra minha filha ficar boa, alivie o sofrimento dela, pelo amor de Deus, mas se não for, o Senhor pode levar, porque eu não agüento mais ver minha filha sofrendo do jeito que ela está sofrendo”. E ao meio-dia e pouco ela morreu. Porque ela sofreu muito ... Ela sofreu muito, e ela era muito paciente. Eu nunca vi uma criança tão paciente quanto ela. (Pausa). Bem, eu acho que misturei muito as coisas ...